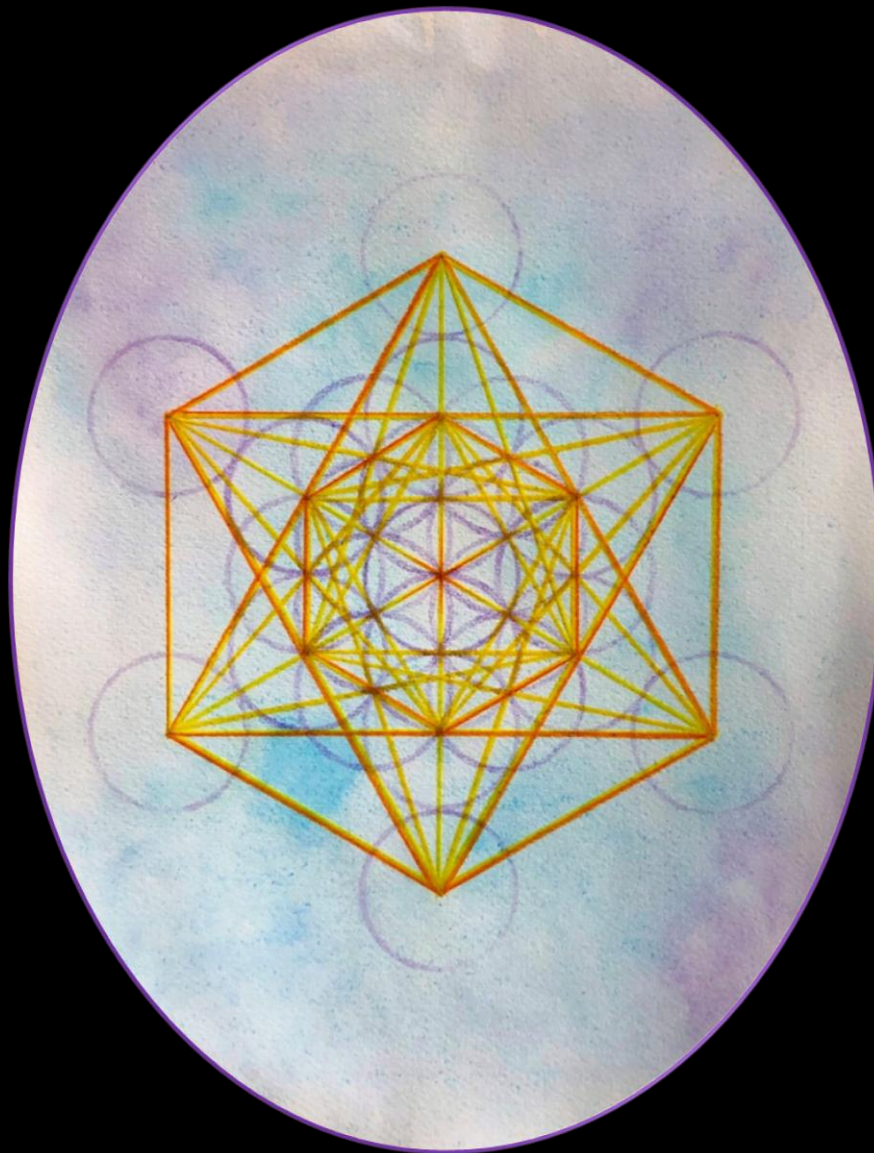


Revista Transdisciplinar

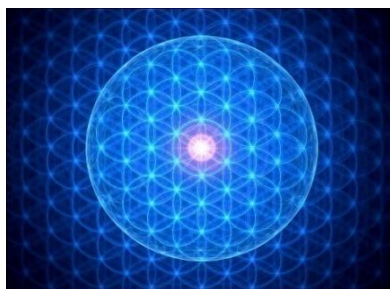
Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 18 - Ano 10 - Nº 18 – 2º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org



2021
Salvador – Bahia – Brasil



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 18 - Ano 9 - Nº 18 – 2º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

APRESENTAÇÃO

A Revista Transdisciplinar é um periódico *on-line* semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas inter-relacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos

Pautamos esta Revista no pensamento de Basarab Nicolescu e grupo que escreveu a Carta da Transdisciplinaridade (1994), onde esclarece:

A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo.

A interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra.

A transdisciplinaridade, como o prefixo "trans" indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da visão transdisciplinar. O rigor da argumentação que leva em conta todos os dados é o agente protetor contra todos os possíveis desvios. A abertura pressupõe a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito a idéias e verdades diferentes das nossas.

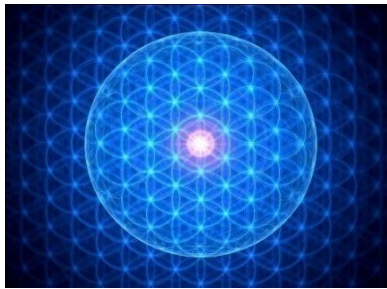
E no texto *Educação para o Séc. XXI*, do Relatório Delors (UNESCO, 2006):

Na visão transdisciplinar, há uma transrelação que conecta os quatro pilares do novo sistema de educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser) e tem sua fonte na nossa própria constituição, enquanto seres humanos. Uma educação viável só pode ser uma educação integral do ser humano. Uma educação que é dirigida para a totalidade aberta do ser humano e não apenas para um de seus componentes.

Esperamos contribuir para a difusão do conhecimento com a sabedoria da abertura e da tolerância, aliada ao rigor que dá o ajuste necessário.

Como símbolo, trazemos a Flor da Vida, rico em mistérios estudados desde a mais antiga civilização e que encanta até os nossos dias. Lembra a conexão de todos com o Universo, a semente da vida, a relação do um com o todo, a gênese e o encadeamento dos genes, o que nos une e nos dá vida.

Os textos são de responsabilidade dos autores que deverão encaminhá-los para nossa apreciação já revisados.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 18 - Ano 9 - Nº 18 – 2º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

EQUIPE EDITORIAL

Criação, editoração e coordenação geral

Maria Celeste Carneiro dos Santos – Especialista em Arteterapia Junguiana - ASBART 0036/0906 e em Psicologia Transpessoal – ALUBRAT 201740 (Instituto Junguiano da Bahia / Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública/ Instituto Hólón). Graduada em Desenho e Artes Plásticas (Faculdade de Belas Artes de São Paulo – FEBASP). Professora e Supervisora (2007 a 2017) no curso de pós-graduação em Arteterapia do IJBA e nas pós-graduações em Psicologia e Psicoterapia Transpessoal (Instituto Hólón - BA e PHOENIX – Centro de Desenvolvimento Transpessoal / Universidade Federal de Sergipe). Foi coordenadora, professora e supervisora na pós-graduação em Arteterapia em Teresina – PI. Escritora e coautora. Membro do Colégio Internacional dos Terapeutas – CIT, da Associação Baiana de Arteterapia – ASBART e da Associação Luso-brasileira de Transpessoal – ALUBRAT. Conselheira de Honra da UBAAT (União Brasileira das Associações de Arteterapia). Membro da ATI – Asociación Transpersonal Iberoamericana. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0119114800261879>

CONSELHO EDITORIAL

Priscila Peixinho Fiorindo – Arteterapeuta ASBART 0129/0514. Doutora em Psicolinguística (Universidade de São Paulo - USP/SP). Mestre em Linguística (USP/SP). Graduada em Letras (Mackenzie/SP). Docente do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Líder do Grupo de Pesquisa – Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares/UNEB. Coordenadora do Projeto Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo. Currículo Lattes disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4744418Z4>

Francesca Freitas – Graduada em Medicina pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública - EBMSp em 1981. Professora Assistente de Neuroanatomia (EBMSp, 1982 a 2012). Tutora do Departamento de Biomorfologia da EBMSp, 2005 a 2012. Coordenadora do Serviço de Neurofisiologia Clínica do Hospital São Rafael de 1992 a 1998. Atuação em Neurofisiologia Clínica – Eletroneuromiografia.

Sonia Maria Bufarah Tommasi – Doutora em Ciências da Religião. Mestre em Psicologia da Saúde. Especialização em Musicoterapia, em Psicologia Analítica e em Arteterapia. Psicóloga clínica e educacional. Docente em cursos de pós-graduação de Arteterapia, Psicologia Analítica, Psicossomática, Psicopedagogia, Gerontologia. Presidente fundadora da *Oscip Arte Sem Barreiras*. Vice-Presidente da Associação Catarinense de Arteterapia (ACAT). Membro do Conselho da UBAAT – União Brasileira das Associações de Arteterapia. Escritora. Organizadora de livros da Vetor Editora: Organizadora, em parceria com Graciela Ormezzano, do livro publicado pela Ed. Paulinas: *Envelhecendo com sabedoria*. Pertencente à Comissão Editorial de Revista Cores da Vida (Goiânia-GO) e Membro Consultivo da Revista de Arteterapia da AATESP – Associação de Arteterapia do

Estado de São Paulo (SP). Conselho Editorial dos Anais da Jornada de Arteterapia e Filosofia. Coordenadora dos Cursos de Pós-Graduação em Psicologia Analítica e de Arteterapia da UNIPAZ-Goiás. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5010212588553393>

Marcus Welby Borges Oliveira – Doutorado (2008) e mestrado (2000) em Patologia Humana pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (1997). Experiência na área de Patologia, Biologia Celular e Imunologia, com ênfase em Imunopatologia, atuando principalmente na Imunopatologia da leishmaniose tegumentar murina. Professor Adjunto II do Departamento de Ciências da Biointeração da Universidade Federal da Bahia e integra o grupo de pesquisa do Laboratório de Virologia do Instituto de Ciências da Saúde (UFBA), onde iniciou uma colaboração em projetos nas áreas de imunologia e virologia humana e animal. Atualmente tem demonstrado particular interesse pelas áreas de Psiconeuroimunologia e Saúde e Espiritualidade, tendo desenvolvido eventos, projetos e estudos nessa área. Cofundador da REUPE – Rede Universitária de Pesquisas em Espiritualidade. Coordenador do Grupo de Trabalho em Saúde e Espiritualidade da REUPE e das sessões científicas desse grupo. Tem como outras áreas de interesse: Biologia Celular do Câncer e de Células-tronco Tumerais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9992514942111915>

Pedro Teixeira da Mota – Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa (Portugal). Investigador da Tradição Perene ou da Espiritualidade Universal. Conferencista em vários países e sobre diversos temas. Viveu dois anos e meio na Índia. Foi professor de Yoga, e tem trabalhado como especialista do livro antigo. Dinamizador espiritual. Publicou quatro livros de inéditos de Fernando Pessoa, comentados: *Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Grande Alma Portuguesa*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Rosea Cruz*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989; *Poesia Profética, Mágica e Espiritual*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989. Em 1998, o *Livro dos Descobrimientos do Oriente e do Ocidente*. Em 2006, a tradução comentada do texto sânscrito *AstavakraGita, o Cântico da Consciência Suprema*. Em 2008 a tradução (com Álvaro Pereira Mendes), e comentando-a, do *Modo de Orar a Deus*, de Erasmo de Roterdão. E em 2015 um livro de trinta e três ensaios, “*Da Alma ao Espírito*”, Publicações Maitreya.

Gildemar Carneiro dos Santos – Doutor em Física, na área de sólitons, pela Universidade de Nagoya – Japão (1990). Mestre em Física pela Universidade de Nagoya – Japão (1986). Mestre em Física pela Universidade de São Paulo (1982). Bacharel em Física pela Universidade de São Paulo (1979). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Física, com ênfase em Métodos Matemáticos da Física, atuando principalmente nos seguintes temas: álgebras bidimensionais, equações diferenciais não lineares associadas a sólitons. Músico nas horas vagas, coordena a orquestra de amadores Ateneu Musical. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9800581085946445>

Glícia Conceição Manso Paganotto – Possui mestrado em programa de pós-graduação em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010), graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (2000) e graduação em Estudos Sociais pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (1979). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Arteterapia, atuando principalmente nos seguintes temas: arteterapia, criatividade, linguagem visual, autoconhecimento, educação emocional e saúde mental. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6024542661274908>

Román Gonzalvo – Psicólogo transpessoal e doutor em psicología pela *Universidad Autónoma de Madrid* (Espanha). Fundador do *Journal of Transpersonal Research* e da *Asociación Transpersonal Iberoamericana*. Desde 2006 tem trabalhado e investigado enfermos terminais, ajudando-os a morrer em paz e com boa qualidade de vida. Também trabalha os processos de aprendizagem e transformação interior produzidos nesta última

etapa da vida. Suas investigações ocorrem no México, Índia, Papua, Nova Guiné, Zimbábue e Kenia, além do seu labor na Espanha. É professor de psicoterapia transpessoal no *Máster en Psicoterapia del Bienestar Emocional del Instituto Superior de Estudios Psicológicos* (ISEP) de Barcelona e no *Máster en Mindfulness de la Universidad de Zaragoza*. Organiza anualmente as Jornadas de Psicología Transpessoal e Espiritualidade, em Tudela (Navarra). Seus interesses profissionais convergem com seus interesses pessoais: contribuir na criação de um sistema social mais empático, compassivo e altruísta, favorecendo um nível de consciência coletiva que transcenda a limitada identidade egoica individual, e cujo motor seja o amor por tudo o que existe.

Norma de Oliveira Alves – Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe cujo tema da Dissertação foi Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda e Prognóstico Intra-hospitalar. Médica Psiquiatra e Psicanalista transpessoal. Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe (1986). Foi diretora Científica da Associação Sergipana de Psiquiatria, vice-presidente da Associação Sergipana de Psiquiatria e membro do Projeto Freudiano de Aracaju. É membro da Associação Brasileira de Psiquiatria; Membro Fundador da Associação Brasileira de Medicina psicossomática – Regional Aracaju; Fundadora e Diretora Presidente de Athenas – Instituto de Educação e Saúde Integral; Escritora e co-autora. Escreveu os livros: *Psicanálise Transpessoal e Terapia de Vivências Passadas*; *Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda – Impacto no Prognóstico Intra-hospitalar*; *Transtornos Mentais sob um Novo Prisma*. É Conferencista em eventos científicos e comunitários. Coordena os cursos de Especialização em Psicologia Transpessoal e Pós-graduação em Terapia Regressiva por ATHENAS – Instituto de Educação em parceria com a FACEI – Faculdade Einstein. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0042503228810827>

Aurino Lima Ferreira – Doutorado em Educação (Conceito CAPES 5), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil (2007). Mestrado em Psicologia Cognitiva (Conceito CAPES 4), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, (1999). Graduação em Psicologia, Faculdade Frassinetti do Recife, FAFIRE, (1993). Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – (Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais). Desenvolve atividades de extensão e pesquisa no Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), comunidade do Coque, Recife, PE. Pesquisador e Professor do Núcleo Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE. Tem experiência na área de Educação e Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Psicologia Transpessoal, Positiva e Integral, Psicologia social/comunitária, Educação não-formal, Dinâmica de Grupo, Relações Interpessoais, Fenomenologia (Merleau-Ponty), Sexualidade, Resiliência, Espiritualidade Integral (Ken Wilber), Processos afetivos e interativos na educação, Intervenções psicossociais, Psicologia do Desenvolvimento (infância e adolescência). Escritor e coautor. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5402096659543875>

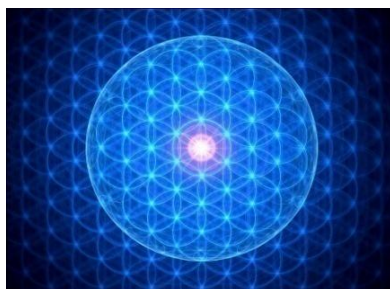
Vera Peceguini Saldanha – Doutora em Psicologia Transpessoal pela Faculdade de Educação da UNICAMP, linha de pesquisa Psicologia Genética, Psicodrama e Psicologia Transpessoal. Psicóloga clínica com mais de 30 anos de experiência. Presidente da Associação Luso-brasileira de Transpessoal, ministra cursos no Brasil e no Exterior. Palestrante e autora de livros e publicações na área da Psicologia Transpessoal. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1016093168342110>

Ivana Braga de Freitas – Pedagoga (UNEB); Psicopedagoga (UNEB); especialista em Neuropsicologia (IBPEX/UNINTER); autora do livro *Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem*, ed. WAK, 2011; diretora cultural da ABPp_BA 2014/16; tutora Cogmed; professora de cursos de pós graduação em psicopedagogia; palestrante e formadora de educadores. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5427495900253997>

Margarete Barbosa Nicolosi Soares – Doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre Aquecimento: um processo na prática de linguagens visuais em ateliê. Realizou Pesquisa de Doutorado Sanduiche no Exterior, junto à Faculdade de Belas Artes, da Universidade do Porto. Mestre em Artes pela ECA, USP. Licenciada em Educação Artística, com Habilitação em Artes Plásticas pela ECA, USP. Pesquisadora do Projeto de Pesquisa Ateliê de Artes para Crianças , no CAP/ECA/USP, desde 2008. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Palavra e Imagem: a incorporação de códigos da escrita em trabalhos de artes visuais, no CAP/ECA/USP, desde 2010. Docente na Licenciatura em Artes Visuais, Pedagogia e Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade Metropolitana de Santos, UNIMES. Foi docente conferencista no Departamento de Artes Plásticas da ECA, USP e docente na Universidade Camilo Castelo Branco. Autora de capítulos de livros e artigos sobre arte e educação. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4204217D7>.

Luis Lacouture González – Médico cirurgião (Universidad de Concepción – Chile). Psiquiatra de adultos (Universidad de Chile – Santiago de Chile). Médico Geral no Hospital de Calama, II região, Chile. Médico psiquiatra no Serviço de Psiquiatria do Hospital Regional de Antofagasta – II região, Chile. Professor de Psiquiatria na Universidad de Antofagasta. Atualmente trabalha de forma independente no extrasistema, na cidade de Antofagasta – Chile.

Lívia Maria Costa Sousa – Mestre em Literatura e Cultura pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2014), graduanda em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia e professora de Literatura brasileira e africana. Coordenadora editorial da LEAL Editora e membro do conselho editorial da Revista vinculada a essa editora. Possui experiência com edição, revisão e diagramação de livros e revistas. É escritora e tem alguns de seus textos publicados em antologias. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1126574918629874>



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 18 - Ano 9 - Nº 18 – 2º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

PARA PUBLICAR

A Revista Transdisciplinar é um periódico semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas interrelacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos, seguindo os parâmetros expressos na Apresentação.

A Revista Transdisciplinar será publicada no primeiro e no segundo semestre de cada ano e os artigos deverão ser enviados com até dois meses de antecedência do semestre a ser publicado.

Os artigos serão avaliados, por ordem de recebimento, por dois membros do Conselho Editorial. Caso haja divergência quanto à aprovação dos mesmos, um terceiro parecer de outro membro do Conselho Editorial será solicitado.

Os textos poderão ter o formato acadêmico ou serem escritos de forma mais livre, desde que em linguagem clara e de acordo com os padrões normativos da Língua Portuguesa. Devem procurar coerência com a proposta da Revista Transdisciplinar.

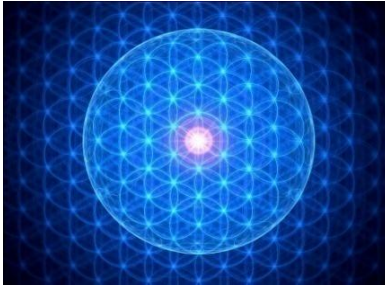
Se o autor escolher escrever de acordo com as normas acadêmicas, deverá fazê-lo em conformidade com os padrões da ABNT, com resumo, problemática anunciada e desenvolvida, objetivos, metodologia, conclusões e referências. Nas referências, deverão constar apenas as obras citadas no texto.

Os textos que seguirem uma forma mais livre (ou seja, por um estilo que não priorize o rigor acadêmico, podendo valer-se ou não da poesia, mas que também possibilite a exposição do pensamento com fluidez, clareza, coerência e consistência), se fizerem uso de citações diretas ou indiretas, devem também listar essas referências ao final, de acordo com as normas da ABNT. Entretanto, caso o autor queira também indicar livros e sites que não fazem parte do texto, mas que são complementares a ele, pode fazê-lo anunciando após as referências o item “*Para saber mais*”.

Os artigos não precisam ser inéditos, desde que seja explicitada a fonte original de sua publicação. Preferencialmente os artigos estarão no idioma Português, mas eventualmente outros idiomas poderão ser aceitos.

Cada artigo deverá ter, no máximo, 20 páginas (incluídas as notas de pé de página e as referências) e deverá ser enviado aberto em *Word*, escrito em fonte Arial, tamanho 10, seguindo um espaçamento de 1,5 cm e obedecendo as margens superior e inferior de 2,5cm, esquerda e direita 3,0cm. Deve constar um minicurrículo com até 60 palavras e, caso deseje, um e-mail ou telefone para contato.

Os artigos deverão ser encaminhados já revisados.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 18 - Ano 9 - Nº 18 – 2º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

CONTATO

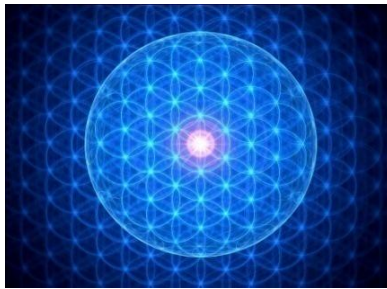
Endereço postal da Revista:

Celeste Carneiro
 CINDEP – Centro Integrado de Desenvolvimento Pessoal
 Centro Odonto Médico Henri Dunant
 Rua Agnelo Brito, 187 sala 107 – Federação
 CEP 40210-245 – Salvador – Bahia – Brasil



CONTATO PRINCIPAL

Celeste Carneiro
 Telefone: 71 - 98874-1155 (Tim)
cel5zen@gmail.com
www.artezen.org
 ou gildemar@ufba.br



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 18 - Ano 9 - Nº 18 – 2º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

REVISTA TRANSDISCIPLINAR

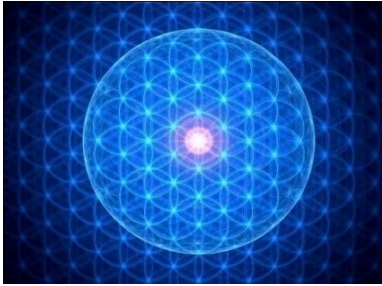
Vol. 18 - Ano 9 - Nº 18 – 2º semestre/2021
 ISSN 2317-8612

ÍNDICE

- | | |
|---|---------------------|
| <p>1 – 40 ANOS DE PSICOLOGIA TRANSPESSOAL NO BRASIL: ENTRE CONQUISTAS, DESAFIOS, SOMBRAS E PERSONAS, A COCRIAÇÃO DE PERSPECTIVAS PARTICIPATIVAS DECOLONIAIS
 Aurino Lima Ferreira et al.</p> | <p>p. 10</p> |
| <p>2 – O PAPEL DAS PANDEMIAS EM GRANDES MOMENTOS HISTÓRICOS
 Luiz Afonso Simoens da Silva</p> | <p>p. 33</p> |
| <p>3 – COVID-19 E A REURBANIZAÇÃO PLANETÁRIA
 Kacianni Ferreira</p> | <p>p. 38</p> |
| <p>4 – OS APLICATIVOS DOS CELULARES (APPS) E SUA CONTRIBUIÇÃO NO SETTING ARTETERAPÊUTICO VIRTUAL E PRESENCIAL
 Miriam Aparecida da Rocha Joaquim e Sonia Maria BufarahTommasi</p> | <p>p. 39</p> |
| <p>5 – PSICOLOGIA TRANSPESSOAL E CARTOGRAFIAS DA CONSCIÊNCIA
 Francisco Di Biase e Mário Sérgio Rocha</p> | <p>p. 51</p> |
| <p>6 – NO MEU FUNERAL
 Rumi</p> | <p>p. 64</p> |

Capa: O Cubo de Metraton com a flor da Vida – Celeste Carneiro.

Uma homenagem às vítimas da Covid e às pessoas que não resistiram à pressão dessa época, assim como a seus entes queridos. A capa preta para representar o luto, com a pintura da Flor da Vida (que sempre se multiplica – a vida é abundante e sábia) e o Cubo de Metraton, que serve também de instrumento para meditação e para viagem astral. Eles representam a síntese da Geometria Sagrada, representando a presença de Deus em toda sua criação, em todo o tempo e lugar.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 18 - Ano 10 - Nº 18 – 2º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

1 – 40 ANOS DE PSICOLOGIA TRANSPESSOAL NO BRASIL: ENTRE CONQUISTAS, DESAFIOS, SOMBRAS E PERSONAS, A COCRIAÇÃO DE PERSPECTIVAS PARTICIPATIVAS DECOLONIAIS

Aurino Lima Ferreira et al.*

Resumo: A psicologia transpessoal comemora seus 40 anos no Brasil celebrando avanços, conquistas e revisitando criticamente suas sombras e personas. Apresentamos sua inserção ativa nas IES e a ampliação de núcleos formativos e apoiadores de ensino, pesquisa e ações sociais. Destacamos alguns desafios, a partir do levantamento de uma série de questões importantes e ignoradas dentro da psicologia transpessoal e situamos a necessidade de cocriar perspectivas participativas decoloniais, que contemplem a realidade e historicidade brasileira.

Palavras-chave: Psicologia transpessoal. Virada participativa. Estudos decoloniais.

Introdução

Historicizar é narrar a nossa própria trajetória. Assim, iniciamos nossa trajetória rumo à problematização da base conceitual da psicologia transpessoal, tomando como referência a obra *A Primer of Transpersonal Psychology*, desenvolvida por Cunningham (2011), o qual elenca as principais temáticas, que envolvem a transpessoalidade, com destaque especial para as definições, que foram publicadas na literatura norte-americana entre 1967 e 2003. Neste contexto, o entendimento do referido autor sobre a psicologia transpessoal está relacionado com o reconhecimento, a compreensão e o estudo de experiências e comportamentos humanos criativos e as capacidades humanas transformadoras – associadas a uma ampla faixa de estados ordinários e não ordinários, estruturas, funções e desenvolvimentos de consciência – em que a ação da personalidade se expanda para além dos limites usuais da

consciência dirigida do ego, da identidade pessoal e até mesmo transcenda as limitações convencionais de espaço e tempo, daí o termo "transpessoal".

No clássico trabalho de Lajoie e Shapiro (1992), do período de 1968 a 1991, que desenvolve uma análise temática de mais de duzentas definições publicadas, identificamos os principais temas que se sobressaíram: estados de consciência, maior ou último potencial, além do ego ou self, transcendência e espiritual. Fundamentados nesses cinco grandes temas, os referidos autores chegaram à seguinte definição: "A Psicologia Transpessoal está preocupada com o estudo do maior potencial da humanidade e com o reconhecimento, compreensão e realização da unicidade, da dimensão espiritual e da transcendência dos estados de consciência" (LAJOIE; SHAPIRO, 1992, p. 91, tradução livre).

Naquele período (1968-1991), diversos

* Aurino Lima Ferreira et al. – A relação dos autores com seus minicurrículos encontra-se no final do artigo.

autores defenderam aspectos específicos em suas definições de psicologia transpessoal. A título de exemplo: Abraham Maslow faz referência a uma psicologia transhumanística; Anthony Sutich atribui à quarta força da psicologia; Elmer Verdes e Alyce Verde aplicam às categorias de valores e sentido último; Edgar Mitchell remete ao contexto da parapsicologia; Charles Tart relaciona às tradições espirituais; Roger Walsh e Frances Vaughn preocupam-se com a expansão do campo de investigação; Fritjof Capra associa à mudança de paradigma científico, social e cultural; Richard Mann delinea o potencial da abordagem; Michael Washburn caracteriza uma teoria transpessoal do desenvolvimento humano; Robert Frager enfatiza três domínios de estudo – psicologia do desenvolvimento pessoal, psicologia da consciência e psicologia espiritual e Ronald Valle atém-se ao campo de estudos da consciência emergente e da Filosofia Perene de Aldous Huxley.

Nesse contexto, dez anos mais tarde, Shapiro, Lee e Gross (2002) realizaram outro estudo das definições publicadas no intervalo entre 1991 e 2001. Foram analisadas cerca de oitenta publicações, de diversas fontes da literatura transpessoal, incluindo: livros, artigos de revistas, *websites*, folhetos, boletins informativos, dicionários, enciclopédias, catálogos escolares e documentos na língua inglesa. A análise temática dessas definições revelou que duas categorias eram mais frequentes: (1) Indo além ou transcendendo o indivíduo, ego, *self*, o pessoal, personalidade, identidade pessoal; existência mais profunda, verdadeiro, ou autêntico *self* e (2) espiritualidade, psicoespiritual, desenvolvimento psicoespiritual, o espiritual, o espírito. Constataram também outras categorias, menos frequentes, como: estados especiais de consciência; interconectividade/unidade; indo além de outras escolas de psicologia; ênfase em uma abordagem científica; misticismo; faixa completa de consciência; maior potencial; inclusão das psicologias não-ocidentais; meditação e existência de uma realidade mais ampla.

Neste intervalo, as principais concepções – associadas às definições estudadas – remetem ao grau de maturação dos fundamentos, procedimentos e experiências obtidos no campo da transpessoalidade. Por exemplo: Edward Bynum refere-se como estudo dos estados não-ordinários de

consciência; Roger Walsh e Frances Vaughan, como estudo psicológico das experiências transpessoais e seus correlatos; Ken Wilber associa à Filosofia Perene, à Grande Cadeia do Ser e a uma perspectiva integral; Charles Tart defende a inclusão do estudo da paranormalidade como tema de domínio da Psicologia Transpessoal; Brant Cortright relaciona a integração dos aspectos espirituais e psicológicos da psique humana; William Braud salienta os métodos de investigação para explorar as dimensões transpessoais, no contexto da pesquisa científica; Stanislav Grof remete ao contexto da pesquisa da consciência moderna, visando à promoção de bem-estar; James Fadiman e Robert Frager fornecem uma descrição contemporânea; Richard Tarnas enfatiza a mudança de paradigma, iniciado pelo surgimento do campo transpessoal, no final dos anos 60; o Departamento de Psicologia Transpessoal da Pós-Graduação de Estudos holísticos no John F. Kennedy University promove uma visão dentro de um contexto holístico e John Davis assume como interface entre a psicologia e a experiência espiritual.

Num esforço intenso, Friedman e Hartelius (2014) publicaram um manual de 38 capítulos com o objetivo de mapear perspectivas e divisar campos de estudos emergentes. Refletindo a tendência atual em língua inglesa, a primeira parte reconhece o pioneirismo de William James e Carl Jung, discutindo temáticas, que se consagrariam no campo transpessoal, como: a espiritualidade, as relações entre religiosidade e psicologia e as experiências numinosas. A segunda discorre sobre teoria transpessoal e dedica capítulos à teoria junguiana, à filosofia transpessoal, aos estudos da consciência (matrizes perinatais e respiração holotrópica de Grof), às pesquisas sobre estados alterados (não usuais) de consciência e às neurociências; sedimentando, no entanto, Ken Wilber, como o mais influente entre os atuais teóricos do campo, com dois capítulos sobre sua abordagem integral. Na terceira, a influência de metodologias qualitativas, com destaque para Braude Anderson e quantitativas com destaque para Macdonald e Friedman nos estudos transpessoais são bem representadas, incluindo a neurofenomenologia, sobretudo a partir da influência dos trabalhos de Francisco Varela. A quarta, delinea campos de experiências

transpessoais como os psicodélicos, a meditação, as experiências de quase-morte e a sexualidade. Na quinta, é abordada a perspectiva sobre saúde e bem-estar, discutindo saúde mental, hipnose, trabalho com sonhos, com artes e com o corpo. Na sexta e última parte, é apresentada as questões emergentes nos estudos transpessoais no mundo anglo-americano: ecopsicologia, contribuições dos estudos feministas para a transpessoalidade, engajamento social, medicina transpessoal, educação transpessoal. Com essa descrição extensa, expomos também uma narrativa "oficial" do que vem sendo lembrado e também esquecido na agenda transpessoal como, por exemplo, o xamanismo ou "tecnologias do sagrado" na acepção de Grof, as tradições ameríndias e africanas, o racismo e as desigualdades sociais para citar alguns. Retomaremos adiante esses pontos.

Nas palavras de Ferreira e Silva (2012, p. 22), "A Psicologia Transpessoal tenta reintroduzir o espiritual como uma categoria fundamental para compreendermos o humano para além do reducionismo biológico dominante no cientificismo" moderno. Nessa perspectiva, "[...] a Psicologia Transpessoal, outra ciência emergente, pode ser definida como o estudo científico de experiências e comportamentos ao qual foi atribuído um valor superordenado por aqueles que a descrevem" (KRIPPNER, 1991, p. 19). Desse modo, a Psicologia Transpessoal compreende um campo do saber transdisciplinar que investiga a complexidade do fenômeno humano numa perspectiva de integralidade e multidimensionalidade consigo mesmo, com o outro e com o universo.

Neste contexto, encontramos em Saldanha (2008) a visão da psicologia transpessoal como abordagem integrativa, abrangendo um conhecimento emergente em psicologia e educação. Portanto, a autora inspira-se em teóricos como Pierre Weil, quando destaca a transpessoalidade da seguinte forma: "Um ramo da Psicologia especializada no estudo de consciência, lida mais especificamente com a 'Experiência Cósmica' ou estados ditos 'Superiores' ou 'Ampliados' da consciência" (WEIL, 1999, p. 9).

Nessa linha de pensamento, Tabone (1999, p. 163) chama a atenção que "A Psicologia Transpessoal pode ser entendida como a união da moderna pesquisa científica da consciência com a tradição esotérica 'viva'

tanto do mundo ocidental como do oriental". Em relação ao propósito dessa abordagem, a autora afirma, baseada em Pierre Weil (1982), que "A Psicologia Transpessoal tem por finalidade o estudo dos vários estados de consciência pelo qual passa o homem, assim como das suas relações com a realidade, com o comportamento e com os valores humanos" (TABONE, 1999, p. 11).

Podemos afirmar que outra forma de compreender a Psicologia Transpessoal é voltarmos para o movimento e as disciplinas transpessoais. Isso implica (re)encontrar as ideias que mobiliza(ra)m os autores e dão sentido a esse campo do saber. As disciplinas transpessoais têm como escopo abordar e compreender os conteúdos e as experiências transpessoais. Já o movimento transpessoal reúne as várias disciplinas transpessoais com o propósito de dar visibilidade e força aos diferentes campos de atuação da transpessoal (WALSH; VAUGHAN, 1993).

O movimento transpessoal, surgido no final da década de 60, marca a história e o rumo da psicologia ocidental no alargamento de suas fronteiras e na inclusão da dimensão espiritual como constituinte do humano, ao lado dos aspectos biopsicosocioculturais. Esse movimento também influenciou as demais disciplinas do conhecimento com essa abordagem integral, multidimensional e transcendente do ser. Simultaneamente, esse marco conceitual apresenta desafios e impasses. Nas palavras de Datti (1997, p. 9),

O movimento transpessoal traz contudo em sua história de pesquisas e em seu fazer teórico, uma outra dificuldade – tanto para ser freneticamente defendida, quanto para ser veemente repudiado: ele é, inicialmente, um movimento de busca, um estar alerta, um querer aprender.

Essa tentativa de ampliar as abordagens e intervenções na perspectiva transpessoal, que caracteriza o movimento, permite outra expressão-atuação em pesquisa e práxis profissional. Tal compreensão se estende para os grupos, as instituições, as organizações, o meio ambiente, a sociedade e o cosmos. Nesse contexto, comungamos com Tabone (1999, p. 160), quando afirma que "[...] podemos entender o 'movimento transpessoal' como resultado de esforços para ajustar a Psicologia ocidental ao paradigma emergente, contribuindo para a assimilação das novas premissas em seu

campo de pensamento".

Percebemos, nessas principais definições apresentadas, relativas à psicologia transpessoal, o movimento e as disciplinas transpessoais, em três momentos bem característicos a demarcarem o horizonte dos estudos transpessoais no âmbito internacional – apesar da inserção da dimensão espiritual perpassar a todos, a compreensão do que seja espiritualidade é bem diversa. No primeiro momento, de 1968 a 1991, temos um conjunto de definições sobre a psicologia transpessoal voltado para “além da noção de pessoa” e suas visões experienciais intrapessoais; no segundo, de 1991 a 2001, encontramos definições que reforçam os “estados alterados de consciência” e a emergência da 4ª força em psicologia; e no terceiro, de 2001 aos dias atuais, identificamos o princípio da transcendência, a visão de transpessoalidade e os esforços para deslocar os estudos transpessoais da lógica estritamente perenialista e subjetivista e incluí-los em perspectivas participativas cada vez mais abrangentes (FERRER, 2002, 2017). No Brasil, prevalece os estudos apoiados no primeiro e segundo momento e só a partir do trabalho da Associação Brasileira de pesquisa e Ensino em Transpessoal (ABRAPET), iniciado em 2011, tivemos produções a partir do terceiro momento.

Esta virada nos estudos transpessoais teve uma influência direta do inglês Jonh Heron, que através das metodologias cooperativas, introduz os estudos transpessoais no âmbito da virada participativa, que se desdobrava no campo acadêmico (HERON, 1992, 1996, 1998; 2006; HERON; REASON, 2008). Seguindo os seus passos, Jorge Ferrer (2002; 2017) apresenta uma visão participativa da espiritualidade humana, caracterizando uma das primeiras críticas pós-modernas da teoria transpessoal convencional. Revelando, desse modo, um caráter de virada participativa, que complexifica o foco dos estudos transpessoais para além do intrapessoal, com seus aspectos subjetivos, incluindo as dimensões intersubjetivas com suas expressões socioculturais, num processo de cocriação com o mistério não determinado gerador da vida.

Em síntese, as mudanças conceituais dentro do campo da psicologia transpessoal indicam sua abertura a novas perspectivas, que complexificam seus saberes teóricos e

suas práticas, no intuito de ampliar os modos de transformações de si, do outro e do mundo. Neste sentido, apresentamos a seguir um breve resumo das principais conquistas dos estudos transpessoais do Brasil.

Conquistas do campo de estudos e atuação transpessoais brasileiro

Em pesquisa realizada durante o doutorado, Ferreira (2007) indicou que a entrada da Psicologia Transpessoal no Brasil deu-se por três vias principais: a) Ação individual ou via pioneiros que congregavam terapeutas, os quais, mesmo com formação acadêmica tradicional, rompiam os padrões estabelecidos através do contato com “estados ampliados de consciência” ou com tradições espirituais, ao usar o transe como caminho de cura, b) Movimento Popular e comunidades terapêuticas ou via alternativa, que através dos movimentos do potencial humano, da contracultura e das comunidades de base resgatam a força espiritual no processo de transformação humana e c) Oficial ou via acadêmica, o qual teve suas sementes implantadas na Quarta Conferência Transpessoal Internacional, realizada em Belo Horizonte em 1978, organizada por Pierre Weil e Léo Matos (GROF et al., 2008).

A maturidade de uma teoria, como aponta Wilber (1996), vem do intercâmbio com outras formas de perspectivas, de modo que a entrada na academia - espaço de circulação paradigmática, por excelência - tornou-se uma necessidade para o re/conhecimento da Psicologia Transpessoal brasileira. Pioneiros da psicologia brasileira, como Pierre Weil, lançaram as primeiras tentativas de inclusão da transpessoal na academia, dando nascimento a terceira via. Pierre Weil, além de ter sido um teórico proeminente da Psicologia Transpessoal, introduziu essa cadeira na Universidade Federal de Minas Gerais, sendo ao longo de sua vida um grande incentivador do diálogo com a academia. Esta via vem sendo percorrida por um imenso número de psicólogos transpessoais, que buscam, neste intercâmbio, o reconhecimento sócio-político-ideológico necessário para um diálogo não marginal com as outras abordagens. Ao mesmo tempo, em que abrem espaço para pesquisa e formação dentro desta abordagem com a criação de diversos

centros e associações transpessoais (FERREIRA; SILVA; SILVA, 2016).

Nesses quarenta anos da transpessoal no Brasil, vimos a psicologia como ciência e profissão expandir suas modalidades de atenção e cuidado. Inseriu-se na academia através da graduação e pós-graduação, ampliando seu escopo de produção de trabalhos e formação de novos profissionais (FERREIRA; SILVA; SILVA, 2016), assim como alargou a sua relação com o sistema de conselhos de psicologia (FERREIRA; SILVA; RIBEIRO, 2016). Sua produção acadêmica vem se consolidando através de mestrados, doutorados e estágios, garantindo seu re/conhecimento no Brasil.

Embora a produção do campo transpessoal referencie autores norte-americanos e europeus reproduzindo uma espécie de “mito do discurso único” (ADICHIE, 2009), há autores no Brasil que produziram ou vêm produzindo nesse campo fora da academia: Luiz Berni, Márcia Tabone, Eliana Bertolucci, Roberto Ziemmer, Norma Oliveira, André Luiz Peixinho, Vera Saldanha, Theda Basso e Aidda Pustilnik, além de outros citados nas referências. Contamos ainda com centros de formação de referência, tais como: Unipaz (<https://www.unipazsp.org.br/>), Alubrat (<https://alubrat.org.br/>), Instituto Hólon (<https://www.institutoholon.org/quemsomos>), Núcleo de Expansão da Consciência – Lúmen (<https://www.lumenexpansaodaconsciencia.com.br/>), PHOENIX – Centro de Desenvolvimento Transpessoal, Associação Norte-Rio Grandense de Psicologia e Psicoterapia Transpessoal, Associação Pernambucana de Psicologia e Psicoterapia Transpessoal (<https://www.portaltranspessoal.com.br/curso>) etc. Destes autores, Norma Oliveira, André Luiz Peixinho e Vera Saldanha criaram cursos de pós-graduação em Transpessoal em parceria com Universidades, sendo pioneiros nessa modalidade.

De igual modo, há uma diversidade de espaços de atuação, que foram se abrindo nesse período: as empresas, escolas e os hospitais são alguns exemplos. Modalidades de intervenção em grupo ou dispositivos de curta duração, como a terapia breve ou o uso de anamnese espiritual são outros exemplos, que podem ser citados (FERREIRA et al., 2019). Na esteira de Weil e Matos, foi ocorrendo a expansão de instituições

formadoras e promotoras dos estudos transpessoais. Algumas das quais, sistematizando metodologias próprias como Abordagem Integrativa Transpessoal (AIT), Dinâmica Energética do Psiquismo (DEP) e a Clínica Kosmos Transpessoal. Também se registra, dentro e fora da academia, uma adoção de noções e conceitos da transpessoal por parte de psiquiatras que trabalham no sentido de “despatologização” da saúde mental (STROPPA et al., 2018).

Não obstante, do mesmo modo que em outras práticas, campos de investigação e abordagens da psicologia, a herança colonial atravessa o percurso da psicologia Transpessoal no Brasil. Trata-se de uma questão que não pode ser negligenciada. Nas últimas duas décadas, autores, como Figueiredo (2007), vêm sugerindo a redefinição da clínica psicológica, a partir do deslocamento das discussões epistemológicas para suas implicações éticas. Uma discussão oportuna, principalmente, quando se considera o que fazemos e em nome do que fazemos, enquanto profissionais e agentes sociais de uma forma mais ampla. Desafios que são urgentes.

Desafios da perspectiva transpessoal no Brasil: suas personas e sombras

A psicologia transpessoal brasileira conserva uma imensa herança do movimento transpessoal e humanista estadunidenses inicial quanto a

[...] sua defesa de uma visão positiva e otimista da natureza humana, em contraste direto com a visão dos freudianos e behavioristas. Os próprios escritos de Maslow são típicos dessa abordagem positiva, com sua ênfase autoconsciente e estudos na autorrealização, / humano, criatividade, amor, educação humanística, experiências de pico e metamotivação [...]. (DANIELS, 2000, 32, tradução livre).

Esta ênfase nos aspectos “positivos” conduz a distorções e não inclusão dos desafios da materialidade, apostando no “trans” como uma expressão da transcendência que exclui a imanência (FERREIRA, 2012). Assim, como no modelo estadunidense, este modo de pensar a transpessoal elaborou crenças de

[...] que o desenvolvimento pessoal e transpessoal envolve uma jornada fácil

de descoberta e avanço espiritual maravilhosa, alegre, divertida, iluminadora, "entusiasmo exacerbado", sempre em movimento para a frente. Esta jornada começa quando aprendemos a abandonar e deixar para trás toda a negatividade e escuridão pessoal, adotar uma atitude de "pensamento positivo" e nos orientar e gravitar em torno da luz, como mariposas para a chama. (DANIELS, 2000, p. 33, tradução livre)

Este processo conduziu a aderência a "verdades parciais perigosas" (DANIELS, 2000, p. 34), as quais criaram narrativas restritivas, que podem colocar o transpessoal num lugar de "materialismo espiritual" (TRUNGPA, 2003), regido pelas crenças e ações de busca de prazer desmedido, ganância espiritual, utilitarismo e consumismo típicos dos discursos neoliberais. Os "estados alterados de consciência" tornam-se "uma exigente busca por 'experiências' sutis, gratificantes" e maravilhosamente novas, busca-se felicidade e paz idealizadas ao modo "Pollyana", a partir da lógica do "negue o mal que talvez ele vá embora", da adesão a modismos salvacionistas e messiânicos e a mestres/as espirituais "iluminados/as", que oferecem um *fastfood* espiritual de "meditações" e *Kits* de iluminação de rápido consumo, conduzindo ao autocentramento no caminho de transformação de si em detrimento do outro e do mundo e ao *marketing* espiritual do capitalismo.

O movimento transpessoal brasileiro também precisa rever sua sombra daquilo que Michel Marien (apud DANIELS, 2000, p. 34) classificou de "síndrome da caixa de areia", ou seja, superar a crença de que alteraremos o mundo a partir de nossas zonas de segurança de pensamentos positivos que não encarnam no mundo, "brincando de mudar o mundo, enquanto o próprio mundo cuida de seus negócios, intocados e despreocupados". Precisamos incluir mudanças em termos pessoais, socioculturais e políticos, enfrentando que humildemente e realisticamente as sombras, nos habitam e rodeiam. E dissolvendo as frágeis personas que criamos para manter nossa suposta superioridade frente a impermanência da vida. Somos cidadãos do mundo, incorporados em uma determinada realidade sociocultural e política que precisa ser reconhecida em suas potências e contradições. Neste intuito, adaptamos o

quadro proposto por Daniels (2000) para problematizarmos as sombras e personas da psicologia transpessoal brasileira.

Quadro 1: Persona e sombra na psicologia transpessoal brasileira

Persona / Dominante	Sombra / Negligenciada
Transcendente	Imanente
Espírito	Corpo
Esse mundo	Este mundo
Exótico	Mundano
Ascendente	Descendente
Vertical	Horizontal
Deus (patriarcal)	Deusa (matriarcal)
Masculino	Feminina
Hierarquia	Heterarquia
Unidade	Multitude
Não dual	Dual
Filosofia perene	Filosofias da diferença
Saberes eurocêtricos	Saberes da tradição (quilombola, indígenas, etc.)
Adulto	Infâncias / juventudes
Pele mais para branca	Pele negra
Clínica como psicoterapia	Práticas clínicas em diversos contextos
Humano	Extra-humanos
Apolíneo	Dionísíaco
Absoluto	Relativo
Linear	Não linear
Ordem	Desordem
Simplex	Complexo
Consciência	Matéria
Imediato / direto	Mediato / contextual
Individual	Coletivo
Agência	Comunhão
Eu	Outro
Psicológico	Sócio-Político/Ecológico
Palavras	Ação
Tradição espiritual	Inovação espiritual
Autoridade	Democracia
Obediência	Discordância
Genuflexão	Desrespeito saudável
Otimismo "brasileiro"	Pessimismo crítico
Monoteísmo / Ateísmo	Politeísmo
Oriental X Ocidental	Norte X Sul
Budista / Hindu / Judaico/ Cristão	Africano / Ameríndio / Quilombola
Nirvana	Samsara
Plenitude	Vacuidade
Êxtase	Sofrimento
Meditação solitária	Ritual de grupo
Causal	Sutil
Grof / Pierre Weil / Wilber	Heron/ Ferrer/ Leo Matos
Romântico	Pós-moderno
Espírito	Alma
Misticismo	Magia
Heteronormativo	Queer
Apolítico	Político

Intrapessoal	Interpessoal
Desempoderamento	Autoridade espiritual interior
Doutrinação	Direito de inquirir
Narcisismo espiritual	Coragem herética
Orgulho espiritual	Humildade espiritual
Isolamento	Diálogo profundo
Exclusivismo elitista	Espiritualidade cooperativa
Espiritualidades desincorporadas	Espiritualidades incorporadas

Fonte: Adaptado de Daniels (2000) com inclusão dos/as autores/as

Esta apresentação, dicotomizada e polarizada em sombra e persona, visa indicar pontos de tensionamentos que requer reflexões no campo transpessoal e não a rotulação de teorias ou práticas. Haja vista que muitos dos aspectos de sombra apontados não são desconhecidos de muitos/as pensadores/as transpessoais brasileiros/as; contudo situá-los pode nos ajudar a ampliar os processos de expansão de nossas próprias perspectivas, naquilo que há de contradições e de necessidades de integrações mais abrangentes.

Os elementos destacados na coluna da persona dominante, assim como os da sombra negligenciada apontam padrões de fixações geralmente assumidas tanto nas formações, como nas teorias que as norteiam. Assim, na primeira coluna temos padrões dominantes a partir de visões transcendente / mística / budista-hindu / ascendente / linear / individual / masculina do transpessoal, contrastando com os aspectos negligenciados que se expressam em padrões de imanente / mágica / politeísta / descendente / não linear / coletiva / feminina do transpessoal. Esses padrões foram debatidos no campo transpessoal internacional (WILBER, 1995, 1996, 1997, 1999a, 1999b; HERON, 1998; ROWAN, 1993; FOX, 1990, 1995; WASHBURN, 1995; WRIGHT, 1995, 1998; ROTHBERG; KELLY, 2005, DANIELS, 2000) e carecem de maiores reflexões no campo transpessoal nacional.

O confronto destas polaridades é fundamental para psicologia transpessoal brasileira, pois o seu terreno histórico, assim como da psicologia de modo geral, tem estreitas raízes coloniais ainda não devidamente elucidadas, reconhecidas e integradas. O receio da crise e do conflito parecem dominar o campo que busca no “positivo” uma forma de tamponar a imensa

dor, que acompanha o surgimento da sociedade brasileira (SOUZA, 2017), nascida sobre os escombros do genocídio indígena, da escravização dos negros e da ânsia do poder colonizador de um “pai estuprador” europeu. Este campo de sombras carece de reconhecimento, nomeação, reparação e integração, de modo a não perpetrarmos traumas transgeracionais e naturalizarmos o racismo e o patriarcalismo sistêmico, que permeiam nossa cultura colonial.

Encerrando o período da ditadura militar, os anos 80 e a primeira década da transpessoal no Brasil, testemunhamos a psicologia, enquanto ciência e profissão no país, alinhar-se aos movimentos sociais em prol de uma sociedade democrática, da luta por direitos humanos, por direitos em saúde e assistência. Não se tratava mais de sustentar uma ciência da predição e do controle disciplinar, tampouco de propagandear o ideário liberal, no qual todos somos alimentados com a ilusão de autonomia independente do regime político e das condições históricas de cada sociedade.

Assim, a psicologia no Brasil amadureceu como profissão no mesmo ritmo da aprovação da Constituição Federal de 1988, da efetivação do Estatuto da Criança e do Adolescente, dos primeiros anos do SUS e da Lei Paulo Salgado, propondo uma lógica antimanicomial, para lembrarmos rápidos momentos na saúde e na assistência. E amadurecemos, mais ainda, como profissão, na primeira década de 2000, com a reformulação e aprovação do código de ética da profissão de 2005, em consonância com outros avanços como a Lei Maria da Penha de 2006, enfeixando uma discussão ampla sobre direitos humanos na sociedade brasileira nesse mesmo período.

O ano de 2016, torna-se emblemático no retrocesso das conquistas da sociedade brasileira (SOUZA, 2016) em várias áreas, em especial, nas conquistas em termos de educação, saúde e direitos humanos, com graves repercussões para o campo da psicologia como um todo. O golpe perpetrado, com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, colaborou ativamente para ascensão da extrema-direita, com a vitória de Bolsonaro em 2018, reativando dinâmicas de opressão, que retomam e reatualizam as sombras da violência escravagista do período colonial e o silenciamento e a intimidação do período ditatorial da história brasileira; assim como a

persona do “cidadão de bem”, temente a Deus e defensor da família, mascara uma intensa carga de violência com reverberações no incremento dos racismos de todas as ordens. Bem como, no desvelamento de padrões de espiritualidades opressoras, que negam todas as formas de diversidade. Nos últimos anos, tivemos um aumento exponencial do feminicídio, da LGTBfobia e do massacre sistemático contra negros e indígenas, além de toda sorte de violências à Gaia, nosso planeta.

No bojo desses desafios civilizatórios, a psicologia transpessoal vem sendo convocada a repensar-se e engajar-se mais ativamente no solo brasileiro, como uma psicologia que reflita a história de seu povo, contribua para promoção de transformações socioculturais mais abrangentes e permita o reconhecimento e integração das sombras e personas. Ela vem sendo convocada a dilatar as suas teorias e práticas em resposta à defesa e à promoção de um bem viver e de um compromisso com a vida.

Ao adentrar os espaços periféricos, não numa perspectiva de carência, deficiência, falta ou patologia; mas de potência e inventividade, a psicologia transpessoal sustenta o sentido de desvio, de expansão e de potência gerativa de vida e de mundos do *Klinamen*¹ no confronto com as lógicas egocentradas de “*Mechanos*”². Neste sentido, ancoramos epistemologicamente a psicologia transpessoal no terreiro do amefricaperspectivismo (FERREIRA; DIÓGENES; BEZERRA, 2021) e sua encruza de afrocentricidade, perspectivismo ameríndio e quilombismo ameríndio; enchendo-a de *Kuumba*, este imenso fluxo de criatividade a serviço da melhoria da comunidade.

A transpessoal brasileira tem sido desafiada a sustentar primordialmente um *Klinamen Kuumba* ou desvios criativos capazes de produzir criativamente desalojamentos, desvios dos modos condicionados e previsíveis do ego; provocando rupturas nas repetições identitárias e expandindo as fronteiras de si, no intuito de incluir o máximo de possibilidades de transformação, que honre as origens de seu povo no diálogo cocriativo

com as contribuições herdadas e a abertura para o devir. Ela busca pôr o eu moderno, desencarnado, mental, hiperindividualista e atormentado pela alienação, dissociação e narcisismo na forja do “[...] fogo sagrado da individuação espiritual” favorecendo modos de subjetivação “[...] incorporada, integrada, conectada e permeável alto grau de diferenciação, longe de ser isolante, permite que ele ou ela a entrar em uma comunhão profundamente consciente com os outros, a natureza e o cosmos multidimensional.” (FERRER, 2017, p. 15). Assim, vamos cocriando perspectivas participativas decoloniais no campo transpessoal brasileiro.

Cocriando perspectivas transpessoais participativas

A psicologia transpessoal é pluriperspectivista em seu modo de operar e conceber epistemologias expandidas. Perspectivista, na medida em que busca problematizar a supremacia do pensamento ocidental-moderno, em especial, do cartesianismo/positivismo encarnado em “*mechanos*”, fazendo-o experimentar outras ontologias, outras epistemologias e outros modos de operar sobre si e sobre o mundo.

Agregamos o termo pluri, para indicar as diversas formas de perspectivismos, que mobilizamos na transpessoal, que vão do perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro (2015, 2008, 2002, 1996), dos perspectivismos participativos do campo transpessoal (FERRER, 2017; TARNAS, 2016; LAHOOD, 2007; HERON, 1992, 1996, 1998; 2006; HERON; LAHOOD, 2008; HERON; REASON, 2008), dos estudos orientais não lineares (SILVA, 2020; SILVA, 2019; DURAZZO, 2016), dos afroperspectivismos e amefricaperspectivismos (NOGUERA, 2012; ASANTE, 2002; GONZÁLEZ, 1988; FERREIRA; DIÓGENES; BEZERRA, 2021) às Clínicas transpessoais (GROF, 2020; MATOS, 1992).

Propomos uma psicologia transpessoal brasileira que repouse na América, como marcador cultural e político (GONZÁLEZ, 1988) de nossas experiências, e que não pretenda importar as cosmopercepções africanas, tibetanas, indianas, ameríndias, etc.; mas dialogar com elas, sem pretensão de perpetuá-las e enunciá-las em estruturas fixas. A presença, como condição ontológica da experiência de mundo, leva-nos a metabolizar, o que aqui herdamos, e a

¹ Na origem de clínica, além do radical Kliné, também há *Klinamen* que remonta a desvio e movimento (Bezerra, 2019).

² *Mechanos* é uma metáfora que encarna o horizonte Mecanicista e predatório moderno.
https://people.bath.ac.uk/mnspwr/doc_theses_links/pdf/dt_ds_chapter1.pdf

transmutar modos outros de ser, propondo desalojamentos. É a vista de um ponto e não mais o ponto de vista. Por isso, trata-se de algo que está em constante movimento e que não quer a representação dos valores africanos ou de outros povos fora do eixo ocidental colonizador, mas quer a consciência do que herdamos e do que fizemos com nossa herança epistêmica.

Nesse sentido, a noção de améfrica agregada a psicologia transpessoal brasileira propõe um processo de libertação que, como afirma Asante (2002), deve ser encontrado em nossas experiências, em nós mesmos. Não deriva de uma localização histórica, política e cultural para além de nossa realidade. Abandonamos as metaorientações construídas para nós e, dentro do real, começamos a atravessar e não mais nos deslocar. Atravessamos, portanto, de novo, não orientado; mas participadamente incorporado.

Acreditamos apropriado agregar o termo amefricaperspectivismo à psicologia transpessoal em solo brasileiro, movimentando-a entre as contribuições de Viveiros de Castro, Roberto Noguera, Lélia González, Ronilda Iyakemi, Ailton Krenak, David Kopenawa, além dos teóricos participativos transpessoais e não lineares como Sidney Silva, Silas Silva e Nagarjuna. Compromete-se o amefricaperspectivismo com uma justiça cultural, política e epistêmica, que seja pautada em uma noção democrática do local. A partir do que é localizado, podemos expandir noções complexas da realidade, para que dialoguem entre si e não tropecem no mito da universalidade colonial. Portanto, reconhecer o lugar de enunciação e estruturar a anunciação outra, a partir dos marcadores êmicos, fazem parte do pressuposto amefricaperspectivista de nossa participação em nossa realidade colonizada. E se a linguagem é epistêmica, posicionamos no entre-lugar amefricaperspectivista. O lugar onde não ansiamos o paraíso da universalização colonial, nem as armadilhas dos particularismos identitários expressos no multiculturalismo e nos relativismos.

A dimensão subjetiva das experiências espirituais tem sido a âncora dos estudos transpessoais, sendo esta uma das grandes críticas feitas por Ferrer (2002). Segundo o autor, a teoria transpessoal até então tem se lançado a compreender e definir experiências ou fenômenos espirituais, tais como eles ocorrem nos humanos. No entanto, ressalta

Ferrer, esses fenômenos são reconhecidos a partir de experiências intrassubjetivas ou estados de consciência, de modo que, a partir da alteração desses estados, tem-se acesso a fontes de conhecimento, que extrapolam as nossas biografias e as dimensões tempo/espaço, as quais conhecemos. Assim, prevaleceu nas teorias transpessoais o entendimento de que espiritualidade era uma experiência unicamente subjetiva. Mas, como lidar com a herança cartesiana de que a espiritualidade é algo voltado ao misticismo e não pode ser alçado ao lugar científico? Assim,

Se a espiritualidade era essencialmente uma experiência subjetiva, e se o único conhecimento válido era o empírico, então, a legitimidade dos estudos transpessoais tinha que ser defendida em termos de uma "ciência da experiência humana", um "empirismo interior", uma "ciência taoísta", uma "epistemologia subjetiva", uma "Ciência da consciência" ou, mais recentemente, uma "ciência da experiência espiritual". (FERRER, 2002, p. 21)

As críticas de hoje reconhecem a necessidade desse passo para a teoria transpessoal, uma vez que possibilitaram a inserção da espiritualidade nesse universo, não obstante os ditames da racionalidade. E assim, a espiritualidade passou a ter reconhecimento epistêmico a partir da importação cognitiva das experiências transpessoais o que, segundo Ferrer, tem o seu caráter revolucionário.

Com o passar do tempo, porém, foi possível reconhecer que as experiências espirituais interiores se revelavam segregadas de seus contextos éticos e tradicionais, alijados de sua capacidade transformadora. A ênfase dada as "experiências de pico" passou a evidenciar esses momentos como experiências pontuais de gratificação temporária e, além disso, tem sido interpretada como uma forma excessiva de pressionar a subjetividade humana a buscar sentido e realização espirituais a partir de tais experiências particulares.

Estas dificuldades têm se apresentado ao longo do tempo e desencadeado sofrimento psíquico e patologias espirituais, realçando a urgência em integrar os fenômenos transpessoais com a vida cotidiana. É por demais conhecido no meio transpessoal que o acesso a estados não ordinários não significa passar a operar de forma integrada

nas ações cotidianas, sendo a “inflação do ego” um fenômeno muito comum na jornada de transformação de si. Deste modo, o que Ferrer (2002, p. 25) pretende sinalizar é a necessidade do

[...] engajamento ativo dos indivíduos espiritualmente motivados nos problemas sociais, políticos e ecológicos dos nossos tempos tem o potencial de não apenas integrar o natural, social e individual, atualmente em mundos dissociados, mas também emancipando a espiritualidade a partir da restrição a uma limitação interna e individualista.

Assim, o autor defende que os estudos transpessoais devem ampliar o enfoque, indo do individual para o coletivo, para as relações humanas, para uma espiritualidade e que reverbera nas comunidades, nas formas culturais e nas estruturas sócio-políticas (FERRER, 2002, p. 27):

A revisão introduziu a abordagem participativa como uma “Virada participativa” nos estudos transpessoais e espirituais - uma mudança paradigmática rompendo com as estratégias epistemológicas predominantes na teoria transpessoal (empirismo interior) e pressupostos ontológicos (perenismo).

Ao invés de geração de fenômenos espirituais, que reverberam mais agudamente no âmbito individual, Ferrer (2017) propõe a virada participativa. Uma proposta de reformulação do campo teórico transpessoal e das práticas transpessoais visando à enação de estados espirituais, que possam promover transformações estáveis na subjetividade humana e nos relacionamentos com os humanos, com os extra-humanos e com o mundo.

O entendimento acerca da espiritualidade, no bojo da perspectiva participativa, toma um caminho diferente das visões subjetivistas, essencialistas e individualistas, que a tem como uma dimensão sutil, transcendente e dissociada da imanência. Para Ferrer (2017), a espiritualidade não é algo meramente individual, subjetiva e intrapessoal, que pode ser compreendida unicamente a partir de uma visão micro. Ela é cocriada a partir de uma complexa relação de aspectos intrapessoais, interpessoais e transpessoais. Logo, os fenômenos espirituais são frutos de uma relação dialógica e compreendem não apenas uma dimensão, mas toda a gama de faculdades epistêmicas – racional, imaginal,

somática, vital, estética, etc. Em suma, não há uma hierarquização e valoração destas características quando se trata da espiritualidade. Todas são geradoras, em potencial, de eventos espirituais capazes de promover transformações.

Ferrer (2015) indica que um ponto fundamental na teoria transpessoal é a noção de que a co-criação espiritual envolve três dimensões, que estão inter-relacionadas, são elas: intrapessoal, interpessoal e transpessoal. Como é cediço, a espiritualidade intrapessoal é aquela corporificada, que reconhece a participação de todos os atributos humanos – corpo, energia vital, coração, mente e consciência – na geração de fenômenos espirituais. O resgate do corpo é uma mudança importante nessa perspectiva, pois reconhece a necessidade dos atributos não mentais no processo de constituição de si.

Destacamos que as práticas espirituais tradicionais no Ocidente vislumbram o acesso à espiritualidade através da normatização dos corpos, de um controle da materialidade corporal através dos ritos e preceitos institucionalizados. E esta compreensão pode nos apresentar a espiritualidade como um caminho certo, prescrito, fixo e desincorporado. Na transpessoal brasileira, temos uma influência da corporalidade africana e ameríndia que produzem um tensionamento na tentativa de dissociar o espiritual do corpo. A visão dualista, mente e corpo, excluiu este último do processo do conhecimento. O corpo passou a fazer face a um processo produtivo acelerado, essa separação entre o saber e o sentir acabou por fomentar uma redução epistemológica: “[...] o corpo tomado como máquina precisa apenas ser consertado, não havendo espaço para o sentir, para o educar” (PACHECO, 2019, p. 37).

Nesse cenário de estreitamentos, a perspectiva participativa defende uma atenção sensível a este corpo, reverberando em formas outras de concebê-lo, para além de uma questão estética, biológica ou funcional. Dito de outra forma, a dimensão intrapessoal vem se contrapor a essa compreensão arraigada de um corpo instrumentalizado, forçado e disciplinado e defende uma nova perspectiva: um corpo como sujeito, permitindo a circulação de outros sentidos e mensagens, sejam elas políticas, artísticas ou espirituais.

Como já dissemos, a dimensão intrapessoal nesta perspectiva redimensiona a compreensão de uma evolução pessoal, baseada em critérios como o perenialismo e uma espiritualidade, que não se refletem no âmbito social. Neste sentido, essa dimensão – que reconhece que o desenvolvimento espiritual pode emergir da própria experiência corporal – diz respeito a mudanças individuais, que reverberam na relação do humano consigo. O que, por sua vez, acarreta uma série de transformações nas relações junto à extra-humanos, comunidade, natureza e todo o universo. Uma espiritualidade incorporada, corporificada, pode reverberar nas questões identitárias, repensando a construção da identidade para além do eu: “Em síntese, a espiritualidade, de modo geral, caracteriza-se por tudo aquilo que desmonta as sólidas estruturas identitárias e aponta para a natureza criativa, aberta e sem limites da subjetividade” (SILVA, 2015, p. 81).

Estes limites existem, porque deixamos de lado nossa capacidade criativa, de abertura, de ser e de estar no mundo a partir do próprio referencial e somos atravessados pelo que é imposto socialmente. Fruto de um processo de colonização, que se perpetua fortemente até a atualidade. Assim, o reconhecimento da espiritualidade pode trazer essa ampliação, possibilitando novos alcances em contraposição aos limites:

Quanto mais linhas-limites estabeleço para dizer quem sou/o que sou e quanto mais restritos e firmes esses limites, forem, nossa forma de vida será a de manter-se dentro dessas fronteiras e, mais ainda, erradicar, excluir e eliminar o oposto, o estranho, o não eu, o outro. É assim que aprendemos a resolver os conflitos de nosso tempo fundamentados em uma educação que toma por base uma identidade: reduzindo a pluralidade, homogeneizando o heterogêneo, reduzindo o outro, eliminando a diferença (SILVA, 2015, p. 102).

Na construção da teoria transpessoal participativa, Ferrer adota princípios basilares de cada uma dessas dimensões (interpessoal, intrapessoal e transpessoal) e o princípio que envolve a coexistência intrapessoal é a reciprocidade e segundo o qual nenhum atributo humano é, per se, superior em relação aos demais. Significa dizer que todos eles compõem um caleidoscópio, tendo o mesmo lugar de

relevância e podendo participar conjuntamente no desenvolvimento criativo do caminho da espiritualidade.

O reiterado protagonismo conferido ao aspecto cognitivo gera um visível desequilíbrio no desenvolvimento, acarretando, como já dissemos, orgulho mental e desincorporação das atitudes para o crescimento espiritual. Conceber a o processo de transformação a partir da dimensão intrapessoal significa ir além da ênfase à cognição que, comumente, é direcionada para fins sociais:

Longe de ser um obstáculo, essa abordagem vê o envolvimento do corpo e de suas energias vitais / primárias como cruciais não apenas para uma profunda transformação espiritual, mas também para a exploração criativa de formas expandidas de liberdade espiritual (FERRER, 2017, p. 65-66)

O parâmetro da dissociação pode auxiliar na investigação sobre o envolvimento de todas as dimensões humanas e não apenas da dimensão cognitiva. Isso pode redundar, como já mencionado, em um desenvolvimento nivelado, em que as demais dimensões não recebem a devida atenção e cuidado. Além disso, a formação transpessoal não deve ser autocentrada na mente, trazendo orgulho mental. Essas questões tornam-se um tanto mais claras, quando nos reportamos à formação calcada apenas nas questões teóricas e práticas, enfatizando apenas a capacidade técnica e, em contrapartida, minimizam uma visão mais abrangente, envolvendo outros tipos de saberes. Para fazer contraponto a esses impasses, Ferrer (2015) defende, entre outros, o uso de práticas integrais e abordagens incorporadas para o crescimento espiritual, além do cultivo da humildade mental.

Por outra via, a cocriação interpessoal emerge das relações entre os humanos, relações estas, que são caracterizadas pela solidariedade e respeito mútuo, considerando que os seres humanos carregam as suas particularidades, mais ou menos desenvolvidas, em diferentes aspectos. E, assim, não podem ser alçados a um lugar de superioridade, em função de um determinado aspecto, o qual o meio social repute importante (FERRER, 2015).

Neste sentido, apesar do relevo do conhecimento e experiência dos/as

“mestres/as”, não há de se pensar em uma forma de relação hierárquica, onde o líder se posiciona como detentor das ferramentas e do próprio conhecimento. Na verdade, este elemento aponta que não existe exclusividade ou supremacia; ainda que se reconheça a importância do saber especializado dos/as “mestres/as”, seu papel é recomposto, no sentido de estar aberto para dispor de seu conhecimento especializado para contribuir, mas também de estar disposto para aprender conjuntamente. Em outras palavras, tal dimensão preceitua que mestre/educador/terapeuta e educando/sujeito do cuidado cresçam juntos, de modo que os argumentos de autoridade, que permeiam essa relação, já não cabem mais.

Por outra via, o autor afirma que a participação junto aos mestres/as, professores/as é de rica importância; no entanto não se pode deixar de considerar que a co-criação pode envolver inteligências outras “[...] tais como entidades sutis, poderes naturais ou forças arquetípicas, que podem estar embutidas na psique, na natureza ou no cosmos (FERRER, 2015, p. 2).

Dito de outra forma, a dimensão interpessoal representa uma abertura à pluralidade dos ensinamentos humanos ou de outras ordens. Isso tem especial relevo quando pensamos, por exemplo, nos saberes populares, nas tradições difundidas pela oralidade, por pessoas que não fazem parte de uma espiritualidade “institucionalizada”. A dimensão interpessoal pode partir do reconhecimento e da valorização da espiritualidade no ambiente institucional, ou seja, no âmbito dos espaços formativos, nas escolas, nos espaços acadêmicos e nos diversos locais, que realizam a formação humana.

Ferrer (2015) indica a importância do engajamento no processo interpessoal, pois mobiliza a responsabilidade em relação a si, aos outros e ao planeta, estimulando a criatividade para o enfrentamento das situações adversas da vida, tendo como referência, não apenas o arcabouço material para fazer frente aos desafios, mas também a espiritualidade, pois:

Nessa via, as experiências espirituais são ativadoras de valores e potenciais adormecidos (éticos, estéticos, humanitários), que levam um indivíduo,

no trabalho de mudança consigo, a adquirir o que Wilber (2006) denomina de atitudes especiais como bondade, amabilidade, sabedoria, etc. (SILVA, 2015, p. 88)

Uma das grandes contribuições trazidas por Ferrer diz respeito à aceitação da alteridade, no sentido mais amplo. Dessa maneira, nenhuma prática espiritual pode ser considerada superior, sendo - a partir dela - as demais, niveladas e, por consequência, desprestigiadas. Segundo Ferrer (2017), algumas delas são mais pertinentes a determinado contexto e outras não, o que não representa um protagonismo. A abertura é, de fato, redimensionada: ela compreende não só os caminhos espirituais já tradicionalmente conhecidos, mas também amplia as concepções de liberações espirituais, considerando a existência de variados objetivos espirituais. Uma das referências dada pelo autor se revela ao abordar o parâmetro da equipotencialidade, pois todos somos professores e estudantes. Na verdade, segundo o autor, todos nós podemos nos colocar em pontos diferentes, dependendo de determinados critérios ou perspectivas.

Por fim, trazemos à baila a cocriação transpessoal, a qual “[...] refere-se à interação dinâmica entre seres humanos encarnados e o mistério no surgimento de *insights* espirituais, práticas, estados e mundos” (FERRER, 2017, p. 5). É estruturado a partir do princípio da equipluralidade, que reconhece a diversidade das experiências de enações espirituais, sendo todas elas igualmente equivalentes e emancipatórias. Significa dizer que não há uma forma única de desenvolvimento espiritual, tampouco conceber que é necessário seguir um processo já trilhado por um líder espiritual, na perspectiva de obter equivalente ápice na experiência espiritual. Assim,

[...] este princípio libera a espiritualidade participativa da fidelidade a qualquer sistema espiritual único e abre o caminho para um pluralismo espiritual genuíno, ontologicamente e pragmaticamente fundamentado (FERRER, 2017, p. 5).

Em outras palavras, o princípio da equipluralidade aponta que a espiritualidade não está associada à religião professada, mas à forma com que essa relação se desenvolve e reverbera. Importante ressaltar

que não necessariamente essa relação envolve uma religião explicitamente conceituada, porém a experiência pessoal com o Mistério³.

Como se vê, os pressupostos da perspectiva participativa transpessoal dão especial relevo à individuação espiritual, em que o humano constrói gradual, criativa e pessoalmente sua singularidade espiritual num movimento de cocriação intrapessoal, interpessoal e transpessoal. Esse processo certamente será capaz de proporcionar “[...] uma integração de maturação espiritual e individuação psicológica que provavelmente levará a uma diversidade mais rica de expressões espirituais” (FERRER, 2017, p. 6). Do ponto de vista coletivo, a abordagem participativa vislumbra a elucidação de uma coletividade composta por indivíduos espiritualmente diferenciados, permitindo uma comunhão profunda com os outros, com a natureza e com o cosmos multidimensional.

Dessa maneira, o desenvolvimento da cocriação transpessoal demanda a revisão sobre alguns desafios, como a doutrinação, o narcisismo espiritual ou espiritualidades universalistas. O enfrentamento destes significa superar a rigidez e a forma instrumentalizada das tradições religiosas, favorecendo uma abertura às dimensões sutis do mistério. Talvez, retomando ao sentido da palavra religião – que significa religação – a equipluralidade envolva as experiências com essa religação interior. Nesse sentido, esse redimensionamento trazido pela abordagem participativa “[...] pode naturalmente engendrar uma série de novas realizações espirituais holísticas que não podem ser reduzidas a estados tradicionais de iluminação ou libertação” (FERRER, 2015, p. 3).

No contraponto ao relativismo, Ferrer (2015) indica que apesar de não privilegiar determinada religião ou prática religiosa,

reconhece a presença de diferenciações qualitativas entre os diferentes sistemas espirituais, em bases pragmáticas e transformacionais. Para melhor compreensão dessas diferenças, o autor apresenta três diretrizes, a partir de três parâmetros. O parâmetro do egocentrismo procura avaliar quais tradições, ensinamentos e práticas não apresentam formas grosseiras ou até mesmo sutis de narcisismo ou egocentrismo. O parâmetro de dissociação, por sua vez, avalia até que ponto essas práticas espirituais permitem o desabrochar integrado de todas as dimensões do humano. Por fim, o autor apresenta o parâmetro eco-social-político, que “[...] avalia em que medida os sistemas espirituais promovem equilíbrio ecológico, justiça social e econômica, liberdade religiosa e política, igualdade de classe e gênero e outros direitos humanos fundamentais” (FERRER, 2015, p.6).

Uma tônica presente na cocriação espiritual diz respeito ao reconhecimento da pluralidade e diversidade dos caminhos espirituais. Estes são concebidos a partir de uma experiência pessoal de afetação e reflexão. Ferrer (2017) sinaliza que boa parte das vivências espirituais acabam por estimular a reprodução da trajetória do seu fundador ou dos estados mais elevados, considerando os passos prescritos nos escritos sagrados. Em suma: a busca espiritual era guiada por propósitos já pré-estabelecidos, impostos. A diferenciação consistente na enação participativa é a abertura a outras possibilidades de experiências espirituais, ancoradas não em práticas condicionadas e condicionantes, mas na inovação e criatividade do Mistério:

[...] a pesquisa espiritual participativa pode não só realizar a revisão crítica e atualização de formas religiosas anteriores, mas também a co-criação de novos entendimentos espirituais, práticas e até mesmo estados expandidos de liberdade (FERRER, 2017, p. 6).

Assim, ao invés de pensar em práticas espirituais comuns gerando respostas espirituais homogêneas, Ferrer defende a importância da singularidade espiritual, a partir do cultivo da criatividade. Isso, decerto, exige uma maior flexibilidade e afastamento dos ideais generalizados, que nos são impostos. Deste modo:

³ Nosso uso do termo mistério não implica qualquer tipo de reificação essencialista de uma base ontologicamente dada de ser, como expressões como "o sagrado", o divino "ou o eterno" muitas vezes transmitidas na erudição clássica da religião. Também não está relacionado ao relato de Rudolf Otto sobre a experiência humana do divino como *mysterium tremendum et fascinans*. Em contraste, usamos deliberadamente este termo conceitualmente vago, aberto e ambíguo para se referir à energia criativa não-determinada ou fonte de energia. realidade, o cosmos, a vida e a consciência. Assim entendido, o termo mistério obstrui reivindicações ou insinuações de certeza dogmática e exclusivismos religiosos associados, mais positivamente, convida a uma atitude de humildade intelectual e existencial e receptividade ao Grande Desconhecido.

[...] uma pessoa espiritualmente individuada em uma identidade corporal integrada, conectada e permeável, alto grau de diferenciação, longe de ser isolante, permite que ele ou ela ao entrar em uma comunhão profundamente consciente com os outros, a natureza e o cosmos multidimensional (FERRER, 2017, p. 6).

A virada participativa solicita uma revisão crítica das sombras e personas. Neste sentido, um dos trabalhos fundamentais no campo transpessoal é a ruptura fundante com o colonialismo presente na cultura brasileira, que é marcado pelo processo de opressão, de violência com povos considerados inferiores, tais como os asiáticos, os negros e os indígenas. Nesta perspectiva, precisamos operar uma decolonização no campo transpessoal.

Decolonizando o campo dos estudos transpessoais brasileiro

Concordamos com Ballestrin (2013, p. 90) que diz:

[...] nem todas as situações de opressão são consequências do colonialismo, ainda que possam ser reforçadas ou indiretamente reproduzidas por ele. Em suma, ainda que não haja colonialismo sem exploração ou opressão, o inverso nem sempre é verdadeiro.

A colonialidade é o resultado do colonialismo moderno. Esse já existia antes da colonialidade, que, por sua vez – está mais intimamente relacionada ao controle de ser, de poder e de saber –, enquanto o colonialismo é a concretização de projetos políticos e econômicos. Está implicado na exploração e na escravização dos povos considerados subalternizados, inferiorizados, como nos esclarece Maldonado-Torres (2007, p. 131) " [...] o colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo reside no poder de outro povo ou nação, que constitui essa nação em um império".

O colonialismo também traz essa ideia de raça, essa hierarquização dos povos. "O colonialismo, então, serve como um prelúdio ao liberalismo, mesmo antes do nazismo aparecer. É o ego conquistado, e não Hitler, que primeiro ameaça a ordem humana da perspectiva destrutiva da ideia ou noção de raça" (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 153-154).

A lógica de *mechanos* é herdeira da modernidade e teve suas raízes na Europa, como um modelo a ser seguido por toda a civilização ocidental. Um imaginário repleto de conquistas, progressos e avanços, contudo há um preço alto para aqueles que são considerados povos existentes para a escravização, para a exploração e logo, mão de obra para as realizações modernas. Nesse contexto, destaca Mignolo (2017, p. 2) "[...] não há modernidade sem colonialidade".

Como duas faces de uma mesma moeda, a modernidade e a colonialidade estiveram cruelmente presentes na formação do Brasil. Assim na visão de Mignolo (2017, p. 4) "[...] a América não era uma entidade para ser descoberta. Foi inventada, mapeada, apropriada e explorada sob bandeira da missão cristã".

A lógica dos colonizadores era de que – crenças, maneiras de viver a vida, costumes, enfim – o que os nativos dessas tantas terras "descobertas" acreditavam e praticavam estava absolutamente equivocada, demonizada e precisava, portanto passar "[...] por etapas sucessivas e cumulativas que foram apresentadas positivamente na retórica da modernidade: especificamente, nos termos de salvação, do progresso, do desenvolvimento, da modernização e da democracia" (MIGNOLO, 2017, p. 8).

Estas etapas consistiam, primeiramente, em converter as pessoas ao cristianismo, se quisessem ser salvas. Em seguida, exercer o controle de não europeus, fora da Europa, por meio de um processo "desenhado" de civilização. Por fim, e ainda existente nos dias atuais, a biotecnologia substituiu a eugênica e a publicidade midiática deslocou o rádio (MIGNOLO, 2017).

A vida humana desses povos considerados inferiores era dispensável. A crença do domínio de conhecimento formava a base para decidir quem poderia viver e quem deveria morrer. Esta política de distribuição e de inscrições de morte para os corpos racializados configura um dos instrumentos coloniais de controle, hierarquização e subalternização dos corpos e das vidas entendidas como subumana. Mbembe (2016) chama de necropolítica. Ela atua de forma a estruturar as relações sociais e as cosmologias sociais, culturais e políticas. Assim, há um poder – o necropoder – que cria mundos de morte. Metaforicamente, mas também de modo real, os mundos de morte são formas para

dissipar e negar as condições de humanidade dos povos e dos grupos postos como inferiores. O controle exercido pelos povos soberanos sobre os povos subalternizados, num exercício de poder político, de um necropoder:

A cidade do povo colonizado [...] é um lugar de má fama, povoado por homens de má reputação. Lá eles nascem, pouco importa onde ou como; morrem lá, não importa onde ou como. É um mundo sem espaço; os homens vivem uns sobre os outros. A cidade do colonizado é uma cidade com fome, fome de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma vida agachada, com uma cidade sobre os seus joelhos (MBEMBE, 2016, p. 135 *apud* FANON, 1991, p. 39).

Nesse contexto, os povos escravizados não tinham direito de fala, eram convertidos, treinados para seguirem um modelo eurocêntrico de dominação, de superioridade, de tal maneira que:

O conhecimento ocidental é fundamentado em duas línguas clássicas (grego e latim) e se desdobrou nas seis línguas europeias modernas/coloniais e imperiais: o italiano, o espanhol e o português (as línguas vernáculas do Renascimento e do fundamento inicial da modernidade/colonialidade), o francês, o alemão e o inglês (as três línguas vernáculas que dominam a partir do Iluminismo até hoje) (MIGNOLO, 2007, p.12).

A decolonialidade do campo transpessoal consiste na voz dos escravizados, dos explorados. São “[...] possibilidades de um pensamento crítico a partir dos subalternizados pela modernidade capitalista” (OLIVEIRA, 2016, p. 35) capaz de promover processos de transformação, que rompam com todas as formas de exploração.

A partir das figuras centrais da decolonialidade, a ABRAPET tem movido reflexões no campo transpessoal, que incluem o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel; o filósofo argentino Enrique Dussel; a linguista norte-americana, radicada no Equador, Catherine Walsh; o semiólogo e teórico cultural argentino-norteamericano Walter Mignolo; o sociólogo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres; o antropólogo colombiano Arturo Escobar e o português Boaventura Santos; dentre outros, no intuito

de promover um giro decolonial nos estudos transpessoais.

Assim, decolonizar as matrizes, que sustentam o horizonte egocentrado da modernidade, requer ampliarmos as críticas, que foram iniciadas por autores vindos do norte global, tais como: Ferrer, Heron, Daniels, Foucault, Derrida e Gramsci, no intento de expandir as epistemologias vindas dos cânones ocidentais pelo cruzamento com outros modos de ser e sentirpensar. A partir dos trabalhos nas periferias do Brasil, defendemos uma “opção decolonial” para fazer uma crítica à colonialidade presente nos dias atuais e propor maneiras outras de atuar no mundo. De maneira que, propomos um “Giro decolonial” que significa “[...] o movimento de resistência teórico-prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade” (BALLESTRIN, 2013, p. 105) para pensarsentir a psicologia transpessoal brasileira.

Este modo de operar é fundamental para o campo transpessoal, pois os modelos de hierarquizações muitas vezes adotados – como algumas visões de Wilber – consideram as crenças de certos povos como inferiores (tais como, os negros e indígenas), as quais são desrespeitadas. Os povos dominantes são céticos quanto aos resultados das práticas espirituais dos colonizados, para aqueles não passa de superstição, como esclarece Ferrer (2017, p. 34),

O ceticismo neokantiano não é apenas empiricamente injustificado, mas também requer a rejeição etnocêntrica das reivindicações cognitivas da maioria dos praticantes espirituais do mundo. Isso fica evidente na forma como explicitamente ou descarta implicitamente as alegações sobrenaturais feitas por praticantes espirituais como pré-crítico, ingênuo, dogmático, ou mesmo primitivo e supersticioso.

O etnocentrismo não conceberia que povos ignorantes e bárbaros, em sua visão, pudessem viver experiências espirituais. Como se tais experiências só pudessem existir, a depender da raça e da classe social. Soa-nos absurdo e, felizmente, autores, com outro olhar sobre a espiritualidade, têm realizado pesquisas, que alertam e esclarecem sobre uma lógica mais humana e menos racista e preconceituosa.

A modernidade como mola, que impulsionou a colonialidade, tornou-se a

razão pela qual – principalmente – povos negros e indígenas foram explorados, escravizados e invisibilizados, essa missão civilizatória tinha como modelo a Europa, ou seja,

Graças à colonialidade, a Europa pode produzir as ciências humanas com um modelo único, universal e objetivo na produção de conhecimentos, além de deserdar todas as epistemologias da periferia do ocidente (OLIVEIRA, 2016, p. 35).

Mignolo (2017, p. 13) descreve cinco projetos, que nos podem ajudar a nos contrapor a crise civilizatória, a qual atravessamos: “a reocidentalização, a reorientação da esquerda, a desocidentalização, a descolonialidade ou opção descolonial e a espiritualidade ou opção espiritual”, como estratégias que coexistem ou coexistirão, sem classificação de superioridade e que também poderão ser conflitantes ou não. O pesquisador esclarece que a opção espiritual, ou seja, a liberação da espiritualidade é a partir da decolonização da religião, ou ainda melhor, a problematização do poder, do controle e da hierarquização das mais variadas religiões.

Esclarece ainda que a espiritualidade está além das religiões e seu significado é “construção de comunidade”, sendo assim transita para o além-sagrado e pode ser encontrado em expressões artísticas, tais como, o hip hop. Principalmente, o que a opção espiritual defende é a possibilidade dos colonizados viverem a vida além do capitalismo e da hierarquização dos povos ocidentais pelos colonizadores, como frutos da modernidade. Além de exercerem sua autonomia em relação aos conhecimentos, que lhes são legítimos, fazendo parte de suas experiências de vida e de mundo.

Destaca ainda, o autor,

Então, o “Eu” entre modernidade/(des)colonialidade é o local, como eu disse e repetirei, onde modernidade/colonialidade se unem e se dividem, onde o imperial e colonial habitam as diferenças, onde emergem a descolonialidade e a deswesternização, opções espirituais florescem (MIGNOLO, 2011, p. 90, tradução livre).

O encontro com uma maneira de viver e de ser, que para sobreviver não precise ter domínio sobre o outro. Que não almeje o poder, o controle; mas que surja de um

processo de autorreflexão, ou seja, de dentro para fora, para a comunidade.

Para Walsh (2013, p.213),

[...] espiritualidade é uma maneira de ser que implica um ato intencional de consciência reflexiva, em que há reconhecimento de ser como um “ser para si” (usando o termo de Sartre). É uma maneira de ser que vai para fora e, portanto, aponta além de si mesmo para objetos. É um ser com um ponto ou propósito no mundo. Nesse sentido, a espiritualidade é uma realidade que tem o potencial para transformar.

Nesta vida, a espiritualidade é potência, porquanto é capaz de criar realidades mais solidárias, pedagogicamente insubmissas e questionadoras de si, do outro e do mundo. Pela espiritualidade deixamos de ser infantes, ou seja, aqueles que são anunciados e falados por outros e passamos a ser pessoas autônomas, a viver o corpo, em suas expressões mais políticas e estéticas e a tensionar relações harmonicamente mais sensíveis.

Corpos esvaziados de conhecimentos e de suas experiências foram resultados da colonialidade. É um processo de desespiritualizar e de deslegitimar corpos e vidas. Ao passo que esse movimento feriu a autonomia dos povos subalternizados e colonizados. Resistências foram organizadas para que houvesse ocupação de si mesmo e para que a espiritualidade, enquanto condição de experimentar o mundo, por meio de caminhos mais afetivos, coletivos e plurais, fosse respeitada.

A psicologia transpessoal brasileira aqui proposta caminha num resgate da autonomia e das raízes históricas de seu povo, rompendo com a lógica de universalização eurocêntrica moderna. Esse caminho, que é uma ontologia combativa aos processos coloniais e de colonialidade, considera as sensações, as palavras, as cosmo-percepções e as reinvenções epistemológicas das experiências subalternizadas, denunciando toda tentativa de escrever uma única história, escrita pelo dominador. Rompe com as narrativas coloniais, que inferiorizam os corpos e seus conhecimentos dos povos ancestrais.

Assim, seguimos os conselhos de Nkrumah (1964), que nos alerta para a necessidade de reconstrução da história e da produção do conhecimento. De forma que haja a voz daqueles, que foram silenciados

historicamente. Configura, pois, a possibilidade ética-espiritual de enfrentamento do colonialismo e das colonialidades, contra as formas de desterritorializar as experiências de mundo e as subjetividades silenciadas. Isso nos sinaliza para a capacidade de transformação da vida e da realidade.

Desafios teórico-práticos para os estudos transpessoais no Brasil: Esboçando uma agenda

Em função da tríplice demanda oriunda das tarefas de decolonizar o poder, o saber e o ser (MALDONATO-TORRES, 2007) do campo dos estudos transpessoais, sintetizamos os desafios teórico-práticos que requerem uma atenção especial dos/as pesquisadores/as, tais como:

a) Crítica às perspectivas de um pensamento hegemônico, expresso nas relações globais de dominação políticas, econômicas e socioculturais Norte-Sul (SANTOS, 2010; MIGNOLO, 2011) ou no campo das relações institucionais, socioculturais, coletivas e de governo, entre outras, que regem a vida social, é uma das primeiras tarefas de decolonização no campo dos estudos transpessoais. A perspectiva “[...] decolonial luta por fomentar a divulgação de outra interpretação que põe em evidência uma visão silenciada dos acontecimentos” e, ao mesmo tempo, revela “[...] os limites de uma ideologia imperial que se apresenta como a verdadeira e única interpretação” (MIGNOLO, 2007, p. 485), que reatualiza a lógica da “recolonialidade” com suas visões hierárquicas, interpretações e ações dicotômicas e separatistas. A decolonialidade aponta o contexto de multiplicidade, de reposicionamento das ecologias dos saberes e de relacionalidade das concepções de humanos, extra-humanos e espiritualidades, que pode oferecer novas perspectivas conceituais marcadamente plurais para os estudos da transpessoalidade.

b) A desconstrução de perspectivas de “centrocentrismos” (SANTOS, 2010a), ou seja, visões centralistas, verticalistas e elitistas articuladas com formas de racismos, machismos, xenofobia e trans/homofobia, que inibem processos de contextualização e de recontextualização de identidades culturais e se colocam como monopólio regulador das consciências e das práticas sociais, dispensando a intervenção

transformadora dos contextos, das negociações culturais e dos diálogos. As visões patriarcais, racistas e sexistas, por exemplo, tomadas como naturalizadas são intensamente problematizadas através de uma desobediência epistemológica.

c) O giro decolonial também questiona a noção de universalismo das ciências e da ética, uma vez que ela dissimula a particularidade que a produção de conhecimento e os processos de normatização de valores na sociedade possuem. A lógica de universalismo moderno, em geral, é marcadamente masculina, heteronormativa, branca e atrelada aos interesses das elites econômicas, e, quase sempre, encobre saberes locais e particulares. A perspectiva decolonial

[...] parte da ideia de que, a partir das margens ou das periferias, as estruturas de poder e de saber são mais visíveis. Daí, o interesse desta perspectiva pela geopolítica do conhecimento, ou seja, por problematizar quem produz o conhecimento, em que contexto o produz e para quem o produz (SANTOS, 2010b, p. 28-29).

d) Ampliação da análise crítica da supremacia restritiva da racionalidade formal técnico-científica em relação às formas de subjetividade, de vivências orgânicas holísticas e integradoras e de valorização do corpo. Esta crítica, quase sempre, desdobra-se em uma avaliação da forma meramente conceitual da produção do conhecimento em detrimento das perspectivas narrativas, enredadas no cotidiano e nas expressões da corporeidade complexas e em conexão com saberes alternativos e de grupos subalternos.

Tais análises responderiam ao postulado do pensamento decolonial de que a colonialidade é constitutiva da modernidade e não apenas derivada. Ou seja, a produção do conhecimento moderno atende às demandas coloniais e se guia por elas. “Graças à colonialidade, a Europa pode produzir as ciências humanas como modelo único, universal e objetivo na produção de conhecimentos, além de deserdar todas as epistemologias da periferia do ocidente” (CANDAUI; OLIVEIRA, 2010, p. 17). Boaventura de Souza Santos (2010b) se refere a este processo como “epistemicídio”.

A perspectiva participativa transpessoal decolonial – ao se fundamentar a partir de

epistemologias feministas, afro-indígenas, orientais não lineares e de uma ampla ecologia de saberes – realça as dimensões concretas da vida. Além disso, como já visto, os discursos científicos, por estarem marcados pela lógica masculina e branca, arvoram uma falsa universalidade, uma vez que dissimulam a particularidade que possuem.

e) A revisão da noção de sujeito moderno desprovida da cocriação do humano com a comunidade, a história, a natureza e o kosmos é tarefa da agenda fundacional transpessoal, que precisa ser devidamente aprofundada e complexificada. O trabalho decolonial de se revisar as noções reducionistas de indivíduo refém da lógica ocidental colonial é uma tarefa intensificada na agenda transpessoal brasileira. Tal perspectiva desafia as análises científicas em variados campos, que tentam desvalorizar outras epistemologias e ontologias. Catherine Walsh (2007, p. 3, tradução livre), por exemplo, mostra que uma dimensão de colonialidade é a

[...] cosmogônica ou mãe natureza que tem a ver com a força vital-mágica-espiritual da existência das comunidades afrodescendentes e indígenas, cada uma com suas particularidades históricas. É a que focaliza a distinção binária cartesiana entre homem/natureza, categorizando como não-modernas, 'primitivas' e 'pagãs' as relações espirituais e sagradas que conectam os mundos acima e abaixo com a terra e com os ancestrais como seres vivo. Assim, [a lógica colonial] visa minar visões de mundo, filosofias, religiosidades, princípios e sistemas de vida, ou seja, a continuidade civilizacional das comunidades indígenas e da diáspora africana.

Ampliar a noção de pessoa embutida no conceito transpessoal, de modo a incluir o aspecto relacional e não substancial, ajuda a compreensão de que a minha felicidade pessoal implica em uma busca do bem viver coletivo, retomando uma ecoespiritualidade, que aponta a interdependência e cooperação vital entre sujeito e mundo. A inclusão mais ativa da corporeidade e da natureza enquanto Gaia (BOFF, 1999, 2020).

f) Ampliando o projeto de problematização das identidades fixas, promovidas pelos estudos transpessoais em sua origem, a decolonização propõe analisá-las como processos híbridos, algumas vezes fluidas e permanentemente criadas e recriadas nos

mais diferentes processos de fronteirização das experiências da vida e nos entre-lugares das culturas. Dentro do quadro das perspectivas decoloniais, Boaventura de Souza Santos afirma que elas:

[...] não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidade são, pois, identificações em curso (SANTOS, 2010a, p. 135).

g) Instituir a diversidade de possibilidades de cuidado e atenção em psicologia. Inclui, neste sentido, o trabalho com grupos, com equipes de saúde, dispositivos antimani-comiais, trabalhos com cuidados paliativos na atenção primária, com instituições no campo da assistência, educação e segurança pública, plantão psicológico, aconselhamento e clínica de curta duração. Estas são algumas das modalidades de atenção em instituições públicas, mas também em espaços comunitários, adaptando e reinventando a clínica *stricto sensu*. Em comum, todas elas possuem a perspectiva da criação de espaços para acolher o sofrimento psíquico. Trata-se de experimentações que permitam outras lógicas, que suscitem mutuamente teoria e prática, refazendo novos diagramas de atuação profissional, reconhecendo limites teóricos, de atuação e demandando outros setores da sociedade. Como coloca Bezerra (2019):

Nesse sentido quando falamos em *Práticas clínicas em instituição* estamos pensando um campo de imprevisibilidade técnica produzido por novos agenciamentos, uma experiência-limite do outro. Esses novos agenciamentos encontram-se em territórios existenciais forjados nos limites das possibilidades de acesso a condições de vida.

Considerações finais

As conquistas e avanços do campo transpessoal brasileiro já lhe conferem um reconhecimento acadêmico e social, contudo suas sombras e personas carecem de reflexões mais sistemáticas de modo a elucidá-las, nomeá-las e integrá-las, favorecendo o enfrentamento a adesões limitadas do transpessoal nos processos de cuidado.

Os quarenta anos de psicologia transpessoal no Brasil despontam em um horizonte histórico marcado por imensos desafios e adversidades, no qual conquistas e pautas humanistas são insistentemente violadas, requerendo da comunidade transpessoal um engajamento no cotidiano do povo brasileiro. É imprescindível reivindicar uma vez mais o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS); as políticas públicas de assistência social; a educação do nível infantil ao superior como bem inalienável (e não uma mercadoria) e opor-se a qualquer projeto de privatização que ameace ou fragilize conquistas históricas da sociedade brasileira. Para psicólogas/os que assumam a transpessoal como prática norteadora é necessário atenção e combate de pautas fundamentalistas, racistas, sexistas e lgbtfóbicas que tomaram conta do cenário social e causam inúmeros sofrimentos individuais e coletivos.

Apresentamos reflexões pautadas numa crítica à lógica utilitarista e neoliberal vigente, posicionando a transpessoal em uma perspectiva participativa decolonial. Suas bases, como a espiritualidade, integralidade, multidimensionalidade, transdisciplinaridade e, etc., são postas a serviço do mundo, no intuito de preservar a vida em sua complexidade, diversidade e interdependência e no propósito de fomentar o bem viver consigo, com o outro e com o mundo.

O esforço da transpessoal brasileira em buscar novas perspectivas de sentir/pensar está centrado na expansão das espiritualidades enquanto dispositivo ético, que se ocupa com as situações de opressão e de violência e que marcam a vida de parcelas consideráveis da população, especialmente, mulheres, indígenas, negros e grupos LGBTQ+. Tal expressão da

espiritualidade, despida de androcentrismos⁴ e das consequentes formas de patriarcalismos, sexismos e heteronormatividades, promove a cura, valoriza o corpo, a sexualidade, o cuidado e a proteção da natureza com uma consequente responsabilidade ética pela cocriação em suas múltiplas expressões. Em especial, revelam-se no meio da comunidade e baseiam-se em uma interrelacionalidade, solidariedade, interculturalidade de maior respeito às pessoas e à natureza.

Referências

ADICHIE, C. N. O Perigo da História Única. Vídeo da palestra no evento Technology, Entertainment and Design (TED Global 2009). http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichi_e_the_danger_of_a_single_story?language=pt. Acesso em: 5 de maio de 2014

ASANTE, M. K. Afrocentricity. Trenton: African World Press, 2002.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. Revista brasileira de ciência política, n. 11, p. 89-117, 2013.

BEZERRA, M.A. Psicologia e práticas em saúde: desafios para a abordagem transpessoal. In: FERREIRA, A. L. et al. Tratado de psicologia transpessoal: perspectivas atuais em psicologia; vol.2, Recife: EDUFPE, 2019; (pp, 86-114).

CUNNINGHAM, P. F. A Primer of Transpersonal Psychology: Bridging Psychological Science and transpersonal Spirit. Nashua: Department of Psychology. Rivier College, 2011.

DANIELS, M. The Shadow in Transpersonal Psychology. Transpersonal Psychology Review, Vol. 4, No. 3, 29-43, 2000.

DATTI, D. J. A Psicologia Transpessoal: uma contribuição ao entendimento do Movimento Transpessoal e de suas implicações para a Educação (Dissertação de Mestrado). Universidade de Campinas, SP, Brasil, 1997.

⁴ Visão de mundo que situa homem como centro de todas as coisas e seu modo de ver como única possibilidade universal que se generaliza para toda a sociedade.

DURAZZO, L. A Montanha oriental se move: Mestre Dogen e o perspectivismo Zen no Sermão das Montanhas e Águas. *Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB*, 13(2), 480-505, 2016. Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/religare/article/view/32050>.

FERREIRA, A. L. Do entre-deux de Merleau-Ponty à atenção/consciência do budismo e da abordagem transpessoal: a busca de uma pedagogia direcionada para integralidade da formação (Tese de Doutorado). Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, 2007.

FERREIRA, A. L. Matrizes conceituais: transcendência, espiritualidade e tradições de Sabedoria do Oriente. In M. F. A. TAVARES, C. R. F.; AZEVEDO; M. A. BEZERRA (Orgs.). *Tratado de Psicologia Transpessoal: antigos ou novos saberes em psicologia?* (Vol. 1, pp. 13-66). Natal: EdUFRN, 2012.

FERREIRA, A. L.; DIÓGENES, D. C.; BEZERRA, M. A. (ORG). *Psicologia Transpessoal no Brasil: 40 anos de produção acadêmica, intervenções clínicas, resiliência coletiva*. Editora UFPE, Educat UFPE Publicações, Recife 2021.

FERREIRA, A. L.; SILVA, M. C. O. A inserção da psicologia transpessoal no espaço acadêmico brasileiro: desafios e conquistas. In A. L. FERREIRA, N. M. ACIOLY-RÉGNIER, M. F. A. TAVARES; M. A. BEZERRA (Orgs.). *Psicologia Transpessoal: Reflexões e pesquisas no campo acadêmico brasileiro* (pp. 21-38). Recife: TOP produções, 2012.

FERREIRA, A. L.; SILVA, S. C. R. *Psicologia Transpessoal: histórias, conquistas e desafios*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2016.

FERREIRA, A. L. et al. *Tratado de psicologia transpessoal: perspectivas atuais em psicologia; vol.2*, Recife: EDUFPE, 2019.

FERREIRA, Aurino Lima; SILVA, Sidney Carlos Rocha da; RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Psicologia Transpessoal: uma abordagem não hegemônica*. In: *Psicologia, espiritualidade e epistemologias não hegemônicas: v.3*

[S.l: s.n.], 2016. Disponível em: http://www.crpsp.org.br/diverpsi/arquivos/ColacaoDiverpsi_Vol3.pdf. Acesso em: 20 jan de 2020.

FERRER, J. *Revisioning Transpersonal Theory: A Participatory Vision of Human Spirituality*. New York: New York State University of New York Press, 2002.

FERRER, J. Participação, metafísica e esclarecimento; Reflexões sobre o trabalho recente de Ken Wilber Aproximando-se da religião. *Revista*, 5(2), 2015.

FERRER, J. *Participation and the mystery: transpersonal essays in psychology, education, and religion*. Albany, NY: State University of New York Press, 2017.

FIGUEIREDO, L.C. *A invenção do psicólogo: quatro séculos de subjetivação 1500-1900*. 7. ed. São Paulo: Escuta. 2007

FOX, W. Transpersonal ecology: "psychologizing" ecophilosophy. *Journal of Transpersonal Psychology*, 22(1), 59-96, 1990.

FOX, W. *Toward a Transpersonal Ecology*. Albany: State Univ. of New York Press, 1995.

FRIEDMAN, H. e HARTELIUS, G. (2014) *The Wiley-Blackwell handbook of transpersonal psychology*. London: Wiley-Blackwel, 2014.

GONZÁLEZ, L. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.), 1988.

GROF, S. *O caminho do psiconauta: enciclopédia para jornadas internas* (vol. 1). Rio de Janeiro: Capivara, 2020.

GROF, S.; et al. The Pastand Future of the International Transpersonal Association. *International Journal of Transpersonal Studies*, 27, p. 55-62, 2008.

HERON, J. *Feeling and personhood: Psychology in another key*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1992.

HERON, J. *Co-operative inquiry: Research into the human condition*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1996.

HERON, J. Sacred Science: Person-centred Inquiry into the Spiritual and the Subtle. Ross-on-Wye, Herefordshire: PCCS Books, 1998.

HERON, J. Participatory spirituality: A farewell to authoritarian religion. Morrisville, NC: Lulu, 2006.

HERON, J.; LAHOOD, G. Charismatic inquiry in concert: Action research in the realm of the between. In P. Reason, & H. Bradbury (Eds.). The Sage handbook of action research: Participative inquiry and practice (2a ed., pp. 439-449). Thousand Oaks, CA: Sage, 2008.

HERON, J.; REASON, P. Extending epistemology within a co-operative inquiry. In P. Reason, & H. Bradbury (Eds.). The Sage handbook of action research: Participative inquiry and practice (2a. ed., pp. 366-380). Thousand Oaks, CA: SAGE, 2008.

KRIPPNER, S. Parapsicologia. Psicologia Transpessoal e o Paradigma Holístico. In Brandão, D. M. S., & Crema, R. (Orgs.), Visão holística em psicologia e educação (p. 13-23). São Paulo: Summus, 1991.

LAHOOD, G. One hundred years of sacred science: Participation and hybridity in transpersonal anthropology. *ReVision: A Journal of Consciousness and Transformation*, 29(3), 37-48, 2007.

LAJOIE, D.; SHAPIRO, S. Definitions of transpersonal psychology: the first 23 years. *The Journal of Transpersonal Psychology*, 24(1), 79-98, 1992.

MALDONADO-TORRES, N. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de um concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (Org). El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Iesco-Pensar-Siglo Del Hombre Editores, 2007.

MATOS, L. As raízes da depressão em uma crise suicida. In: _____. Publicação da Faculdade de Ciências Humanas de Minas Gerais (FUMEC, revista plural), 1992.

MBEMBE, A. Necropolítica. *Arte e Ensaios*. N. 32, dezembro de 2016.

MIGNOLO, W. D. The darker side of western modernity: global futures, decolonial options. Durham, Duke University Press, 2011.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2017, vol.32, n.94, e 329402. Epub June 22, 2017. ISSN 1806-9053. <http://dx.doi.org/10.17666/329402/2017>.

NKRUMAH, K. Consciencism. New York: Monthly review Press, 1964.

NOGUERA, R. Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza. Disponível em <http://www.geledes.org.br/afroperspectividad-e-por-uma-filosofia-que-descoloniza/>. 2015.

NOGUERA, R. O ensino de filosofia e a Lei 10.639. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

OLIVEIRA, Luiz Fernando de. O que é uma educação decolonial. *Revista Nueva América* (Buenos Aires), 149, p. 35-39, 2016.

PACHECO, R. A. Sentir é saber: a produção de (re) existências do saber sensível no contexto de uma escola médica. 2019. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

ROTHBERG, D.; KELLY, S. Ken Wilber em diálogo. Conversas com os principais pensadores transpessoais. Tradução de Cláudio Blanc. São Paulo: Madras, 2005.

ROWAN, J. The Transpersonal: Psychotherapy and Counselling. London & New York: Routledge, 1993.

SALDANHA, V. P. Psicologia Transpessoal: Abordagem Integrativa – Um conhecimento Emergente em Psicologia da Consciência. Ijuí, RS: Ed Unijuí, 2008.

SHAPIRO, S.; LEE, G.; GROSS, P. The essence transpersonal psychology. *The International Journal of Transpersonal Studies*, 21m 19-32, 2002.

SILVA, G. F. Cuidados paliativos e subjetividade: ações educativas sobre a morte e o morrer. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

SILVA, S. C. R. O ponto de vista da vacuidade como experiência de pensamento: notas para uma ética da Não-dualidade na Educação (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, 2019.

SILVA, S. C. R. Educação e Espiritualidade em Chogyam Trungpa RINPOCHE: nos rastros de uma pedagogia fantástica (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, 2020.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

STROPPIA, A.; COLUGNATI, F. A.; Koenig, H. G.; Moreira-Almeida, A. Religiosity, depression, and quality of life in bipolar disorder: a two-year prospective study. REVISTA BRASILEIRA DE PSQUIATRIA, v. 40, p. 238-243, 2018.

TABONE, M. A Psicologia Transpessoal: introdução à nova visão da consciência em psicologia e educação. São Paulo: Cultrix, 1999.

TARNAS, B. Iridescent infinity: Participatory theory and archetypal cosmology. Archai: The Journal of Archetypal Cosmology, 5, 87-104, 2016.

TRUNGPA, C. Além do materialismo espiritual. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, E. A Inconstância da alma selvagem - e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Metafísicas Canibais — elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O que se vê no Brasil hoje é uma ofensa feroz contra os índios. Entrevista concedida a Guilherme Freitas. O Globo, Agosto, 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/185->

[noticias/noticias-2016/559817-eduardo-viveiros-de-castro-oque-se-ve-no-brasil-hoje-e-uma-ofensiva-feroz-contra-os-indios](http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/559817-eduardo-viveiros-de-castro-oque-se-ve-no-brasil-hoje-e-uma-ofensiva-feroz-contra-os-indios).

VIVEIROS DE CASTRO, E. Xamanismo transversal: Lévi-Strauss e a cosmopolítica amazônica. In R. C. Queiroz, & R. F. Nobre (Orgs.), Lévi-Strauss: leituras brasileiras (p. 79-124). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

WALSH, C. Pedagogias decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WALSH, R.; VAUGHAN, F. Caminhos além do ego: visão transpessoal. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1993.

WASHBURN, M. The Ego and the Dynamic Ground, Rev. ed. Albany: State Univ. of New York Press, 1995.

WEIL, P. A revolução silenciosa; autobiografia pessoal e transpessoal. São Paulo: Pensamento, 1982.

WEIL, P. A Consciência cósmica: introdução à Psicologia Transpessoal (7a ed.) Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

WILBER, K. Espiritualidade Integral: uma nova função para a religião neste início de milênio. São Paulo: Aleph, 2006.

Autores

Aurino Lima Ferreira – Pós-doutorado na Université Claude Bernarde Lyon 1, França. Doutor em Educação (UFPE). Mestre em Psicologia (UFPE). Professor Associado da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Presidente da Associação Brasileira de Pesquisa e Ensino em Psicologia Transpessoal (Abrapet). Coordenador do Programa Observatório das Periferias (UFPE). Docente do Programa de Pós-graduação em Educação (UFPE). Membro da Asociación Transpersonal Iberoamericana. Formação em Psicologia Transpessoal pela Associação Brasileira de Psicologia Transpessoal (ABPT/ Dharamsala, Índia).

Maria Carolina Souto de Vasconcelos – Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGE - UFPE), na linha de pesquisa Educação e Espiritualidade. Mestra pelo PPGE/UFPE. Graduada em Psicologia pela UFPE. Professora substituta do DPOE/UFPE. Desenvolve atividades voluntárias como psicóloga e educadora no Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA). Psicóloga clínica transpessoal.

Djailton Pereira da Cunha – Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco e em Ciências da Educação pela Université Lumière Lyon 2, França. Membro da Asociación Transpersonal Iberoamericana. Professor adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE). Formação em Psicologia Transpessoal (Espaço Ser e Transcender/Abrapet).

Maria Lúcia Ferreira da Silva – Doutoranda em Educação (UFPE). Mestra em Educação (UFPE). Psicóloga Clínica Transpessoal. Especialista em Psicologia Transpessoal (Espaço Ser e Transcender/Abrapet). Especialista em Psicopedagogia.

Marlos Alves Bezerra – Professor Adjunto no Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pós-doutorado em Resiliência na Dalhousie University, Canadá. Membro fundador da Associação Brasileira de Pesquisa e Ensino em Psicologia Transpessoal (Abrapet) e Rede Nordestina de Psicologia Transpessoal (Retrans). Membro da Asociación Transpersonal Iberoamericana.

Sidney Carlos Rocha da Silva – Doutor em Educação (UFPE). Coordenador da Formação em Psicologia e Psicoterapia Transpessoal do Espaço Ser e Transcender. Coordenador da Associação Brasileira de Pesquisa e ensino em Psicologia Transpessoal (Abrapet). Em estágio Pós-doutoral pelo PPGE/UFPE. Membro do Conselho gestor Neimfa. Formação em Psicologia Budista Tibetana e Psicoterapia Transpessoal (Dharamshala/Índia). Psicólogo clínico transpessoal.

Silas Carlos Rocha da Silva – Doutor em Educação (UFPE), mestre em Psicologia

(UFPE), professor adjunto do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), realiza Estágio Pós-Doutoral pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGE/UFPE).

Tatiana Lima Brasil – Doutora em Educação (UFPE). Mestra em psicologia (UNICAP) e em educação (UFPE). Formação em Psicologia e Psicoterapia Transpessoal (Atman/Recife). Pesquisadora do Núcleo Educação e Espiritualidade da UFPE. Coordena a área de estudos de resiliência. Psicóloga clínica transpessoal.

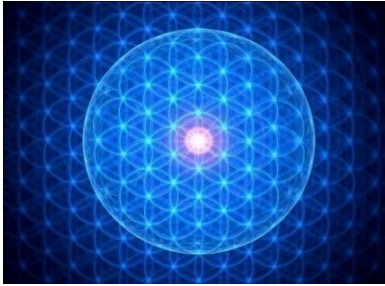
Livros dos autores



<http://www.editoraufpe.com.br/a-psicologia-transpessoal-no-brasil/>



<http://www.editoraufpe.com.br/tratado-de-psicologia-transpessoal-perspectivas-atuais-em-psicologia-vol-2/>



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 18 - Ano 10 - Nº 18 – 2º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

2 – O PAPEL DAS PANDEMIAS EM GRANDES MOMENTOS HISTÓRICOS

Luiz Afonso Simoens da Silva*

Introdução

Uma observação superficial de fenômenos excepcionais ocorridos no mundo, neste início de século XXI, apontou para o advento da pandemia da Covid 19, a partir de 2020, a maior em cem anos contados desde a Gripe Espanhola (1918/1919). O curioso nos dois casos de crises sanitárias foi seu advento praticamente como sequência de dois momentos graves da História: a 1ª. Guerra Mundial de 1914/1918 e a Crise Econômica Mundial iniciada em 2007/2008.

Nada a ver? Mera coincidência? Como fala o passado? Há exemplos parecidos em outros momentos-chave da trajetória humana? De forma rápida, este texto lança um olhar para os dois casos, mas só depois de mencionar dois outros, Atenas e Roma, ocorridos na Antiguidade Clássica, e mais um, o pior de todos, a Peste Negra, na Idade Média.

Atenas e a Guerra do Peloponeso

Por volta de 434 a.C., começou a guerra que confrontou a poderosa Atenas (líder da Liga de Delos) a sua velha rival Esparta (líder da Liga do Peloponeso). Potência expansionista, Atenas controlava regiões produtoras de cereais e dominava o comércio marítimo do mar Egeu. Sua superioridade naval lhe assegurava o acesso às mercadorias estrangeiras que eram essenciais ao equilíbrio interno da cidade-estado (Gurgel, p.1/4). Como ensina a

História, poderes em processo de crescimento tendem a esbarrar em rivais, o que ocorreu quando Atenas começou a avançar no mar Jônio. Sua busca por subordinar cidades da Liga do Peloponeso levou Esparta à Guerra.

Não foi a primeira guerra entre as duas cidades-estado, mas foi a decisiva. Atenas, então comandada por Péricles, contava com a força de sua marinha e com os recursos do tesouro da Liga de Delos. O exército de Esparta era mais poderoso.

A estratégia de Péricles envolvia a intensificação do comércio naval, que continuava a trazer as mercadorias necessárias à população. Por isso, o cerco de Esparta não parecia preocupar as elites atenienses; a expectativa era de que os invasores espartanos acabariam por esgotar suas forças e se retirar.

Ocorre que Atenas podia se sentir segura, mas o mesmo não ocorria com as regiões circunvizinhas, que viam todas as suas produções serem destruídas pelo exército inimigo. A única solução para isso foi a transferência dessas populações em massa para Atenas. Resultado: a superlotação da cidade e a fome dos recém-chegados parecem ter dado início a uma epidemia, que se supõe ter sido de tifo e começado em 428 a.C. (Rezende, 2009, p.2). Para isso, Atenas não havia se preparado. A estratégia de Péricles ruiu, o grande líder da democracia

* **Luiz Afonso Simoens da Silva** – Economista graduado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1970. Mestre em Finanças pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP) e doutor em economia pela Unicamp. Aposentado, trabalhou vinte anos no Banco Central, no Departamento Econômico e na área internacional, especialmente em assuntos financeiros. Foi professor de economia brasileira e teoria do valor-trabalho na FGV-SP. Autor do livro *Moeda e Crise Econômica Global*, editora Unesp, 2014. Membro do Grupo de Conjuntura Internacional da Universidade de São Paulo (Gacint-USP). E-mail: simoens@uol.com.br.

grega foi destituído em meio a uma crise política, depois reempossado e, para não avançar muito em detalhes, acabou morrendo pela própria epidemia. Anos se passaram, alguns novos líderes tentaram resistir aos invasores, mas fome e doença fizeram Atenas se render em 404 a.C. Ela não mais voltou à importância pretérita, também porque, nos anos 200 a.C., Roma conquistou toda a Península Grega.

A Queda do Império Romano do Ocidente

O historiador inglês Edward Gibbon, 1737/1794, escreveu uma obra muito criticada em seu tempo, mas que se tornaria clássica: *Declínio e Queda do Império Romano* (Gibbon, 2005). Nela, ele buscou entender como o grande Império foi gestado, mas, principalmente, como foi destruído.

A Roma republicana teve seu nascimento mítico ocorrido por volta de 753 a.C. e foi substituída pelo Império poucas décadas antes da era cristã, com a ascensão de Augusto. Aquele foi um período de expansão territorial. As conquistas militares se deveram às características primordiais de seus habitantes: rigor familiar com dominância do *Pater Familias*, frugalidade nos costumes, força física de uma população jovem.

Na época de declínio do Império, nos anos 400 d.C., o quadro era diverso. Ataques de inimigos externos aconteciam havia mais de um século, com conseqüente deterioração da vida nas províncias: miséria da população, gastos públicos além da conta para manutenção de exércitos, exploração da plebe por imperadores que viviam no fausto, motins constantes, diminuição da população que abandonava seus campos. A isso se somou, soube-se recentemente, uma epidemia de malária.

Da leitura de Gibbon, fica a ideia de que a República não foi uma sociedade tolerante. A força de uma população jovem permitiu conquistas territoriais, mas mostrou-se rígida nos costumes, com predominância incontestada da figura do patriarca. Na decadência, ao contrário, o envelhecimento da população permitiu moral mais tolerante nos costumes da classe dominante, com as mulheres adquirindo direitos sociais bastante avançados para a época, e desenvolvimentos expressivos na cultura e nas artes, mas a fragmentação da sociedade era, apenas, uma questão de tempo. E o tempo

acabou para o Império Romano do Ocidente em 476 d.C.

Qual terá sido o peso da epidemia de malária? O que cientistas verificaram veio de restos humanos enterrados em três cemitérios italianos, que datam dos três primeiros séculos da era cristã. Outros relatos falam da Peste Antonina, que surgiu no século II d.C. durante o governo de Marco Aurélio, imperador da linhagem dos antoninos, que devastou Roma em 166 d.C. Suas características pareciam ter semelhança com a Peste de Atenas; vale dizer, com o tifo. O mesmo se deu no século III, nos anos de 251 a 266 d.C. “Em Roma e em certas cidades da Grécia, morriam até 5.000 pessoas por dia” (Rezende, p.77). Tifo de novo? Pior que a Covid atual no Brasil?

A Peste Negra

Segundo vários relatos, esta foi a maior e mais trágica epidemia da História. Originária da Ásia Central, a peste bubônica causou cinco milhões de mortes na Mongólia e Norte da China, em 1334. Em 1347, ela alcançou a Criméia, a Grécia e a Sicília. Em 1348, matou a maior parte da população de Marselha e chegou ao norte da Itália, de onde se disseminou para toda a Europa. Ao todo, teriam sido 50 milhões de mortos.

Castigo divino? Por ignorância, superstição, cinquenta mil judeus foram mortos. O impacto sobre a vida em comunidade foi tão profundo que as cidades e campos se despovoaram e a produção agrícola colapsou, resultando em escassez de alimentos e de bens de consumo. A nobreza empobreceu e houve ascensão da burguesia que explorava o comércio. Também a Igreja se enfraqueceu com a redução do clero e houve mudanças nos costumes e no comportamento das pessoas (Rezende, p. 78/81). Tudo parece indicar que este foi um caso em que a peste precedeu a economia e a desarticulou, promovendo fortes alterações na própria estrutura social, demográfica, cultural e religiosa da Europa.

A Gripe Espanhola ou Influenza

A primeira metade do século XX foi pródiga na questão da barbárie. As potências colonialistas do Ocidente se esmeraram na violência, o que sempre fazem quando seus interesses maiores são postos em xeque. A 1ª. Guerra Mundial (1914/1918) foi um bom

exemplo da extensão da dor imposta aos combatentes e aos mais frágeis nas lutas pelo fim dos impérios coloniais. Centrada especialmente na Europa, estima-se em cerca de vinte milhões de soldados mortos. Quantos terão sido os civis abatidos?

Falsamente chamada de Gripe Espanhola, a epidemia provinha dos Estados Unidos e se espalhou pela Europa logo após o final da 1ª. Guerra Mundial, quando as tropas foram desmobilizadas (Goulet, p.4). Alguns falam em vinte milhões de mortos, outros em cinquenta milhões. Vinte ou cinquenta, a Gripe matou o mesmo tanto ou mais que o dobro dos mortos no conflito bélico.

A 2ª. Guerra Mundial (1939/1945) foi vista por muitos como uma continuação da anterior. O jovem Keynes, por exemplo, partilhou dessa ideia ao cobrir como jornalista a Paz de Versalhes (1919), de que resultou um texto magistral: “As Consequências Econômicas da Paz”. As reparações de guerra impostas à Alemanha foram de tal ordem, que Keynes (p. XXXIII/XXXVI) deixou claro que os primeiros passos para a segunda guerra estavam ali plantados. Continuação ou não, o novo conflito descortinou aspectos ideológicos nos beligerantes: o nazismo na Alemanha, o fascismo na Itália e o comunismo na União Soviética. Ela foi, também, travada num campo mais amplo de batalha, que envolveu não apenas a Europa, mas vastas regiões do Oriente. Fala-se de setenta a oitenta e cinco milhões de pessoas mortas, algo como 3% da população mundial. Cerca de cinquenta milhões dessas mortes teriam sido diretas pela guerra e outras dezenove ou cerca de trinta milhões por doenças e fome. Os números, evidentemente, devem ser tomados com um grão de sal, por terem sido recolhidos na Wikipédia, “Mortos na Segunda Guerra Mundial”, uma enciclopédia não autenticada.

A Pandemia da Covid

A primeira grande crise do século XXI teve um caráter eminentemente financeiro, ainda que fortes tenham sido seus reflexos em toda a economia mundial. Suas causas devem ser procuradas na instabilidade derivada da desregulamentação dos mercados financeiros, que substituiu as regras estáveis para câmbio, juros e movimentos de capitais

impostas ao final da 2ª. Guerra Mundial, no acordo de Bretton Woods (1944).

Sua primeira manifestação se deu sob a forma de uma crise no mercado imobiliário dos Estados Unidos, em 2007, que favorecia uso intenso e crescente de instrumentos financeiros especulativos. Um ano após, a crise se agravou com a falência do banco de investimentos *Lehman Brothers*. Paralelamente aos dissabores dos Estados Unidos, a crise se expandiu para o outro lado do Atlântico, entrando no continente pelas portas do Leste Europeu. Mais adiante, pelo mundo todo.

Não cabe aqui falar nos bilhões de dólares gastos pelos governos do Ocidente para debelar a crise. Cabe, no entanto, falar no descompasso estrutural entre o crescimento da renda e o da riqueza, o que equivale a mencionar a enorme desestruturação que a desregulamentação dos mercados provocou nas camadas menos protegidas da população mundial. Relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), de 2009, estimou um acréscimo de 50 milhões de pessoas desempregadas no mundo, de 2007 para 2009, e que 200 milhões de pessoas poderiam ser empurradas para a pobreza (Silva, 2014, p.85).

A crise foi vista como terminada mais porque deixaram de falar nela do que por superação dos desequilíbrios estruturais, que ainda persistem. Quando isso ocorreu: 2016, 2017? Bem, os miseráveis continuam por aí. Não consta que tenha havido uma recuperação expressiva dos empregos e que a pobreza tenha caído, exceção feita à China, que tem inserido vastos segmentos de sua população na economia de mercado.

Tudo indica, porém, que a pandemia começou na China, no início de 2020. Ela se alastrou para todo o mundo e continua mostrando sua virulência na Europa e nas Américas. Depois de quase um ano de confinamento imposto por toda parte, ela recuperou e amplificou sua força por meio das mutações constantes de seus vírus.

É cedo para fechar o balanço. Muita água ainda vai rolar antes que se consiga debelar a peste. Números da Organização Mundial da Saúde, levantados em 12.02.2021, contabilizaram 107,4 milhões de infectados no mundo, com 2,4 milhões de mortos. As Américas foram as mais afetadas, com 45% dos casos e 47% dos mortos; a Europa veio

em seguida, com 34% dos casos e dos mortos; e o Sudeste Asiático, com 12% e 9%, respectivamente. No total, essas três regiões responderam por cerca de 90% dos eventos.

Considerações Finais

Os casos de Atenas e Roma parecem correlacionar as pestes a eventos catastróficos, embora simples de elucidar. Seja a Guerra do Peloponeso, seja o período conflituoso que antecedeu a queda de Roma, ambos apontaram para a fome e a miséria como “vetores” para o advento de epidemias que mudaram o curso da História.

Pode parecer que a Peste Negra seguiu um curso inverso, já que a intensidade com que atingiu a Europa praticamente afetou todas as instituições que a fundamentavam: demografia, cultura, religião, Estado. Nada lhe escapou. Seu surgimento na Ásia Central, porém, deve ter refletido as condições de vida em que viviam seus povos.

O surto de influenza ao final da Grande Guerra também não parece surpreender a qualquer observador qualificado. Uma guerra feroz, de aglomeração desmedida em trincheiras imundas, o que de bom poderia trazer para soldados desmobilizados, que voltavam para casa? E o que dizer de seus familiares? Bem, é mais compreensível a morte por volta de batalhas que por volta de baladas...

A Covid 19 parece ser apenas mais um caso recorrente da estupidez humana. Numa era que se pode denominar de “era do desconforto”, a grande crise econômica iniciada em 2007 explicitou os substanciais desequilíbrios financeiros que aprofundam o fosso entre os ricos e os miseráveis. Essa crescente consciência de que algo vai mal no reino do neoliberalismo se torna cada vez mais palpável à medida em que as elites estereis de plantão tentam, quase desesperadamente, impor as mesmas políticas destrutivas de que sempre se utilizaram no passado. Até quando elas conseguirão manter um sistema incapaz de atender as necessidades mínimas de uma população inquieta?

O importante é que, talvez, os enormes avanços científicos da era contemporânea nos livrem dos números astronômicos das epidemias do passado. Talvez não, ao menos em regiões negacionistas do Planeta, porque, ao contrário de todo senso, ao

avanço tecnológico não se seguiu uma evolução nas mentes. Muitos indivíduos ainda se submetem às superstições do passado e se recusam a tomar as vacinas, única rota de saída.

Vírus são oportunistas. Sempre estiveram conosco. Aparecem quando são cometidos grandes erros.

Referências

GIBBON, E. **Declínio e Queda do Império Romano**. 1ª. Edição Londres, 1776/1778. Editora Companhia das Letras, São Paulo, dez. 2005.

GOULET, D. **As Grandes Epidemias na História: da Resignação à Organização Sanitária**, Historiador da Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Montreal. Tradução de André Leclerc, UNB/CNPq, Brasília, 2020.

GURGEL, R. **Guerra do Peloponeso – Esparta contra-ataca – Do expansionismo ateniense ao Tratado de Nícias**, p.1/4 (curso virtual de História Geral).

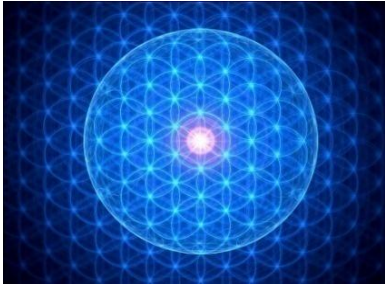
KEYNES, J.M. **As Consequências Econômicas da Paz**. Edição original de 1919. Editora Universidade de Brasília, 2002, prefácio à edição francesa, mar.1920.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Folha informativa COVID-19 – Escritório da OPAS e da OMS no Brasil**, atualizada em 12.02.2021.

REZENDE, J.M. **À Sombra do Plátano: crônicas de histórias da medicina – As Grandes Epidemias da História**. Professor emérito da Faculdade de Medicina da Universidade de Goiás e membro da Sociedade Brasileira de História da Medicina. Editora Fap-UNIFESP, São Paulo, 2009. Scielo Books, cap. 7, pg. 73/82.

SILVA, L.A.S. **Moeda e Crise Econômica Global**. Ed. Unesp, São Paulo, 2014.

WIKIPEDIA. **Segunda Guerra Mundial**. Pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Guerra_Mundial.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 18 - Ano 10 - Nº 18 – 2º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

3 – COVID-19 E A REURBANIZAÇÃO PLANETÁRIA

Kacianni Ferreira*

Tenho percebido muito sofrimento em relação ao medo de contágio e às mortes provocadas pela COVID-19 em todo o planeta, com isso, senti-me motivada a escrever sobre o assunto.

A COVID-19 é uma doença infecciosa, causada por um microrganismo com alto poder letal, o coronavírus *Sars-CoV-2*. Este afeta diferentes pessoas de variadas maneiras: algumas são assintomáticas, muitas apresentam sintomas leves e outras vão a óbito.

Para superar e vencer este momento, vale ressaltar que a pandemia ocasionada pelo coronavírus, não é a primeira e não será a última. Já tivemos outras. Eis alguns exemplos:

1. Peste bubônica ou Peste Negra. Ocorreu na Europa e na Ásia, no século 14, matando em torno de 450 milhões de pessoas.

2. Varíola. Afligiu a humanidade por mais de 3 mil anos, desde o Egito Antigo (1250 a.C.), sendo erradicada em 1980, após campanha de vacinação em massa.

3. Cólera. Originária da Índia. Há notícias desde 500 a.C., escritas em sânscrito e em grego, relatando doenças parecidas com a cólera. **A primeira epidemia global** ocorreu em 1817, matando milhões de pessoas. O tratamento é à base de vacina e antibióticos.

4. Gripe Espanhola. Ocorreu na Europa, em 1918, matando em torno de 50 milhões de pessoas, mais de um quarto da população

mundial na época.

5. Gripe Suína (H1N1). Surgiu em porcos, no México, no ano de 2009, e se espalhou rapidamente pelo mundo. O tratamento é à base de vacina.

Tenho escutado muitas pessoas culpando o coronavírus e a doença (COVID-19) por causarem a morte de crianças, jovens, adultos e idosos, injustamente. Utilizando termos como “doença infeliz” ou “vírus desgraçado”. Penso que o desconhecimento da lei de causa e efeito (*toda ação gera uma reação*) ocasiona incompreensão. Afinal, se nosso planeta está atraindo esse tipo de organismo, não é à toa, há motivos factíveis.

No meu entendimento, a incompreensão e sofrimento causados pela COVID-19 têm relação com o paradigma convencional, fiscalista e reducionista, utilizado pela maioria da humanidade, que considera apenas 5 sentidos: visão, olfato, paladar, audição e tato.

A pandemia, sob a ótica de outro paradigma, o consciencial, por exemplo, mais abrangente, considera fatores ignorados pelo paradigma convencional. Entre os quais, a natureza multidimensional e multiexistencial da consciência (espírito, alma, princípio inteligente), que possibilita a interação com diferentes seres, ambientes e dimensões, por meio das bioenergias. Este conhecimento favorece uma maior compreensão da complexidade dimensional do universo.

A meu ver, nós, seres humanos, somos a

* **Kacianni Ferreira** – Professora, reeducadora, pesquisadora e escritora. Graduada em Educação Artística. Especialista em Cultura e Arte Barroca. Especialista em Educação. Ministra cursos e oficinas sobre arte mentalsomática, autopesquisa, gestação consciencial, conscienciologia, consciência corporal, potencialização das qualidades pessoais, ectoplasmia, técnicas bioenergéticas de autodefesa consciencial, prioridades evolutivas, entre outros. Nasceu em Teresina/PI. Reside em Natal desde 1993. kaciannisf@gmail.com

maior ameaça ao planeta, já que falta consciência em relação à sustentabilidade pessoal e à sustentabilidade planetária. O consumismo e a devastação ambiental estão absurdamente maiores ao que o planeta suporta. Seriam necessários 3 planetas (ou mais) para dar conta da produção, do consumismo e da ganância dos seres humanos.

Somos tão hostis ao meio ambiente, que este também se tornou hostil à humanidade. Estamos sendo invadidos por microrganismos com alto potencial letal, que nos obrigam a manter distanciamento das pessoas e maior permanência em nossas residências. Só assim, a natureza pode se recuperar dos estragos que estamos causando a ela.

Pelas minhas percepções, o vírus que chegou e os que ainda virão fazem parte de uma reurbanização planetária, programa seletivo de consciências (espíritos), em prol da urgência de mudanças e de novos tempos.

Neste programa seletivo os espíritos serão transmigrados para dimensões extrafísicas de acordo com o nível evolutivo de cada um. Os que forem mais necessários no extrafísico irão para dimensões extrafísicas. Os que foram mais proveitosos à Terra, ou ainda precisarem de tempo para mudança de conduta e evolução consciencial, sobreviverão e aqui permanecerão.

A pandemia é um megalaboratório onde seres humanos estão sendo levados ao autoenfrentamento (enfrentamento de si mesmos pela convivência e isolamento forçados), para reflexão sobre seus estilos de vida e condutas pessoais.

É muito provável que o coronavírus permaneça no planeta por tempo indeterminado, pois sofre evoluções, variações e mutações, o que tem relação

direta com a densa energia do planeta e de grande parte de seus habitantes.

Serão necessários pesquisas, investigações, testagens, investimentos e criação de diferentes vacinas, para a contenção e redução de mortes. Isso demanda quebra de fronteiras e de poderes, com a união de esforços entre diferentes povos e nações.

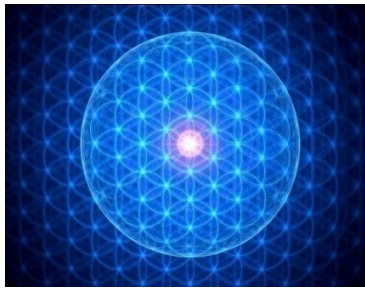
Mas a mensagem que eu gostaria de deixar a todos é que: tão importantes e necessárias quanto as vacinas são, também, o amor, a compreensão, a sinceridade, a generosidade, o respeito à natureza, a gratidão e o fraternismo universal. Estes são antídotos imprescindíveis contra o medo, o sofrimento, o desânimo e outros organismos mortais que surgirem no planeta.

O sentimento que me vem, ao finalizar a escrita deste texto, é de gratidão, a todos e a tudo, ao Cosmos, pela oportunidade e o privilégio de compreender que estamos em processo de evolução e estou vivenciando minha melhor versão.

Natal/RN/Brasil
09/05/2021

Referências (para expandir o assunto):

1. <https://www.ictq.com.br/farmacia-clinica/2485-5-principais-pandemias-da-historia>
2. <https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-04-29/variante-indiana-do-coronavirus-tem-tres-mutacoes-ameacadoras.html?outputType=amp>
3. <https://iipc.org/a-vida-em-multiplas-dimensoes/>



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 18 - Ano 10 - Nº 18 – 2º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

4 – OS APLICATIVOS DOS CELULARES (APPS) E SUA CONTRIBUIÇÃO NO SETTING ARTETERAPÊUTICO VIRTUAL E PRESENCIAL

Miriam Aparecida da Rocha Joaquim ^{*1}
 Sonia Maria BufarahTommasi^{*2}

RESUMO

A arteterapia sempre primou pelo atendimento presencial, pela relação face a face de terapeuta e cliente, com manuseio de materiais que possibilitam a expressividade analógica. Mas o ano de 2020 desmoronou, mundialmente, a forma de existir, de viver, de estar no mundo. O convívio social, familiar, profissional, educacional foram bruscamente interrompidos pela COVID 19. O medo e a angústia se instalaram dentro da alma humana. Em um prazo de alguns dias tudo parou e teve que ser reinventado. O mundo virtual tornou-se o meio mais importante de relacionamentos, atravessando longas, médias e pequenas distâncias, auxiliando na reinvenção de se viver, de estar no mundo. Os atendimentos arteterapêuticos, que dão suporte a saúde mental, deixaram de ser presenciais e passaram a virtuais, seguindo as orientações da União Brasileira de Associações de Arteterapia – UBAAT. A busca por novos recursos expressivos se fez urgente. Muitas dúvidas surgiram, mas, o mais importante era continuar dando suporte aos atendidos e abrir novos caminhos para acolher a demanda. Surgindo a necessidade de capacitar arteterapeutas no uso das tecnologias aplicadas ao processo arteterapêutico. Pensando na capacitação dos profissionais arteterapeutas, a UNIPAZ-Goiás, ofertou o curso de Tecnologias Aplicadas na Arteterapia e Psicoterapias, sob a coordenação e docência da professora doutora Sonia Maria Bufarah Tommasi, e do professor especialista Arthur Fernando Drischel. O curso seguiu as orientações da UBAAT, e foi elaborado segundo a ementa e referências propostas pela UBAAT. Tendo como fundamentação teórica a psicologia analítica. O presente artigo apresenta um estudo de caso, da pesquisa empírica com a aplicação de alguns aplicativos estudados em curso. Tendo como objetivo verificar se os recursos tecnológicos, aplicativos, jogos, possibilitariam a expressão de emoções, sentimentos e criatividade.

Palavras-chave: Tecnologias; arteterapia; aplicativos.

^{*1} **Miriam Aparecida da Rocha Joaquim** – Mestre em Arteterapia Transdisciplinar, Especialista em Arteterapia, Especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais, Professora de História da Arte, Arteterapeuta, escritora. mapdarocha.mar@gmail.com

^{*2} **Sonia Maria BufarahTommasi** – Doutora em Ciências da Religião, Mestre em Psicologia da Saúde, Psicóloga, Arteterapeuta, escritora. soniabtommasi@gmail.com

INTRODUÇÃO

O relógio do mundo acelerou neste século XXI. A maioria da humanidade passa de usuários analógicos para usuários digitais. Por causa de uma pandemia mundial, todos são obrigados a ficar em casa e aprender a mexer com ferramentas tecnológicas que, até então serviam para uma pequena população como forma de trabalho, para outros como comunicação e divertimento, e muitos ainda tinham certa resistência, visto que o encontro presencial, o olho no olho, o “ao vivo e em cores” era realidade, ainda. De um momento para outro, como se fosse um passe de mágica, a experiência de convivência de presencial se torna virtual, com um sério agravante, o medo da presença do outro, por levar à morte.

A vida diária teve que ser remodelada, surge a necessidade de se instalar novos padrões de comportamentos, vários ramos do comércio passam a ser oferecidos pela internet. As reuniões familiares e entre amigos não são mais convenientes, a tela do celular, dos computadores, tablets ou notebooks, tornam-se os mediadores, destes encontros. É interessante como este novo modo de viver provoca reflexões sobre o quanto é importante o toque, a presença, o cheiro, a risada alta em grupo, ir ao cinema e comer pipoca. Tudo isso não pode ser presencial neste momento e as dores da solidão, o medo, as angústias surgem com muita intensidade, pois são reais não virtuais. A solução encontrada é buscar ajuda terapêutica e a oferecê-la online.

Fazer atendimento arteterapêutico online, ou de qualquer dos setores da terapia, é um desafio recente no Brasil. Até o ano de 2020 não se tinha respaldo para fazê-lo. Com a pandemia, esse conceito mudou, tornando-se produtivo, desmistificador e necessário. Uma modalidade de atendimento que veio para ficar. Sendo assim, aliar os recursos já utilizados na arteterapia e agregar os aplicativos diversificam a abordagem com o cliente. Entretanto é preciso tomar cuidado para não os banalizar e usá-los como divertimento.

Os Apps devem ser empregados com objetivos bem traçados, para que não se utilize o jogo pelo jogo. Assim como nos apropriamos dos materiais das artes visuais, música, teatro, dança, literatura presencialmente, também podemos fazer o mesmo

com os Apps. Eles facilitam a comunicação entre cliente/terapeuta e cliente/inconsciente, estimulam o cliente a entrar em contato com suas emoções e afetos. Para isso, é necessário que o Arteterapeuta antes de aplicá-los, baixe o aplicativo para explorá-lo, estudá-lo e verificar qual a sua funcionalidade e com que público poderá ser trabalhado. Conhecer os Apps sob o olhar terapêutico, analítico é de suma importância para o processo arteterapêutico ocorrer, e ter uma teoria psicológica que norteie o processo. No presente estudo a psicologia analítica serviu de base para análise dos conteúdos simbólicos expressos.

A ARTETERAPIA E OS APLICATIVOS DE CELULAR

Num atelier arteterapêutico presencial o processo ocorre por meio das linguagens artísticas (sonora, plástica, corporal, interpretativas, literárias) com materiais expressivos diversos, que promovem o autoconhecimento, a emersão dos conteúdos inconscientes e sombrios, destaca os conflitos, as tristezas, as relações prazerosas, que muitas vezes estão guardados por muitos anos, trancafiados a sete chaves, nas sombras. Os aplicativos, assim como a “arte, o imaginário e o corpo permitem criar essa ponte essencial entre o consciente e o inconsciente, entre a sombra e a luz”. (DUCHASTEL, 2010, p. 13)

Para Sei (2011, p. 45) a “Arteterapia diferencia-se de outras abordagens terapêuticas justamente por se utilizar de materiais artístico-expressivos para execução de produções durante o processo terapêutico”. Assim sendo, os Apps vieram para contribuir nesse processo, inicialmente nesse tempo de pandemia que se está vivendo, contudo é um recurso que não mais poderá ser dispensado, sim incorporado a Arteterapia.

Durante o curso de Tecnologias aplicadas em Arteterapia e Psicoterapias compreendeu-se que os Apps também podem facilitar a emersão destes conteúdos, e que o Arteterapeuta soma ao seu trabalho mais recursos, portanto é de grande valia e está ao alcance de muitos dos que procuram a Arteterapia. Sabe-se que

(...) Na Arteterapia, a arte é concebida como uma metáfora, ou melhor, algo que se assemelha à arte, indicada por sua

dupla condição: por um lado, aquele que frequenta o ateliê não se compromete com um aprendizado sistemático das regras do ofício, nem com a criação de ideias plásticas cuja coerência estética seja completa e socialmente reconhecida; por outro lado, a Arteterapia demanda da arte um serviço útil. Este serviço terapêutico constitui a própria definição de arte, projetando simultaneamente sobre o paciente a tensão contraditória inerente à possibilidade de cura. (PAÍN, 2009, p.12)

Dessa maneira torna-se possível trabalhar com os aplicativos. O cliente não se transformará num *expert* em jogos, aplicativos de fotos e outros. Como foi colocado acima, esse é mais um recurso facilitador para o cliente entrar em contato com suas agitações internas, conhecer o que está nas sombras, no seu inconsciente.

O presente artigo apresenta algumas sessões de um estudo de caso no qual foi utilizado aplicativos no processo arteterapêutico. Os Apps utilizados neste estudo de caso são da Google Play: Roda da Vida, Picasso Draw e ArtFilter. O estudo foi realizado sob o olhar da Psicologia Analítica, direcionado para os símbolos expressos, emoções manifestas ao lidar com os aplicativos, as quais foram correlacionadas aos seus conflitos, tendo como meio de interação entre Arteterapeuta e cliente a maiêutica socrática.

O sujeito deste estudo de caso é do sexo feminino, 52 anos, deficiente física, de fé católica, casada, dois enteados, professora. A cliente, a partir daqui, será denominada como Maria, a fim de não identificar o real nome devido à ética profissional.

A seguir será apresentado parte do processo arteterapêutico, com algumas sessões com o uso dos aplicativos citados.

O TRABALHO COM A APLICAÇÃO DOS APPS RODA DA VIDA, PICASSO DRAW E ART FILTER

- Roda Da Vida

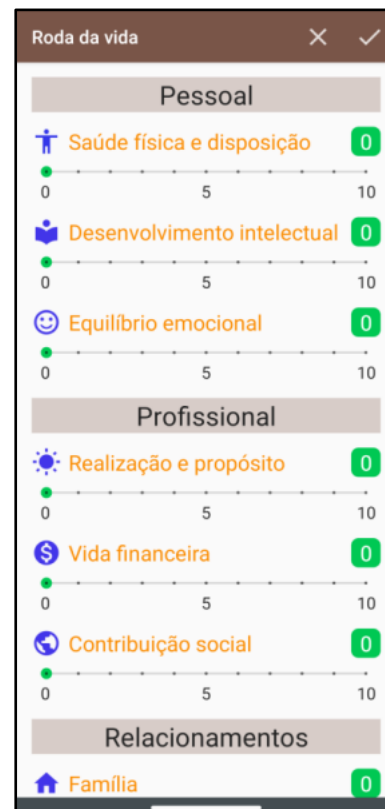


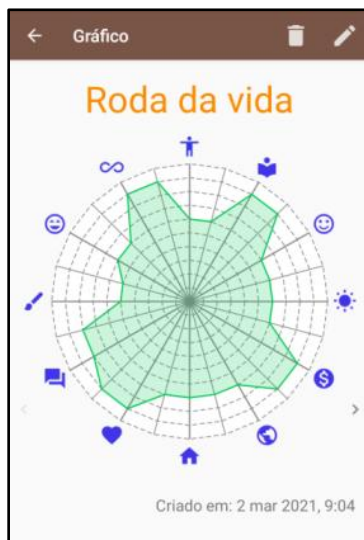
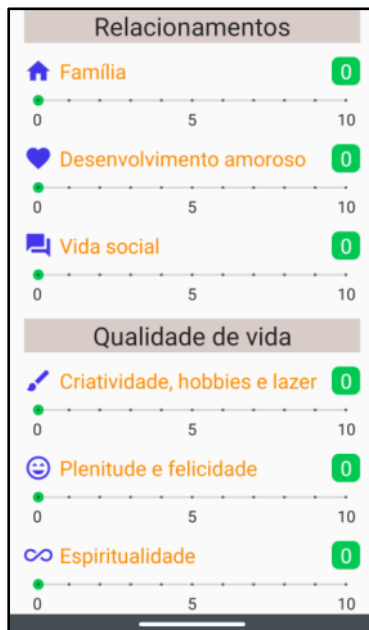
Imagem disponível em:

https://play.google.com/store/apps/details?id=com.yuddi.rodadavida&hl=pt_BR&gl=US Acesso 02 mar 21

O aplicativo Roda da Vida é um recurso bem útil em processo terapêutico, auxilia na visualização geral das áreas da vida, destacando as que estão abaixo da média ou acima da média, portanto, direciona a atenção para as áreas que requerem mais atenção. Para tanto, se traçam dez círculos, um após o outro, utilizando o mesmo ponto central. Em seguida se faz sua divisão em forma de pizza, escolhendo as áreas da vida que são importantes, como saúde física, desenvolvimento intelectual, equilíbrio emocional, família, vida social, entre outros. Os temas a serem escolhidos podem partir do geral e caminhar para os específicos. Depois se colore cada fatia da “pizza” conforme a nota que se dá para aquela área, de 0 a 10. Dessa maneira entende-se o que precisa ser trabalhado, que área está sem energia psíquica e qual está com mais concentração de energia. Essa ferramenta surgiu nos 1960 e sua criação é atribuída ao norte-americano Paul J. Meyer.

No século XXI esse instrumento terapêutico ganhou espaço no Google Play tornando-se mais acessível para quem tem um celular, no caso, um Android. Nele pontuam-se as áreas da vida e depois se vê a Roda da Vida pronta, conforme imagens abaixo:





Imagens: arquivo pessoal

Foi utilizada tanto a Roda da Vida física quanto a virtual com Maria. Com essa atividade terapêutica obteve-se a seguinte análise da cliente, dentro de uma visão arteterapêutica, proposta por essa pesquisa. Abaixo, seu relato escrito a respeito da atividade:

Confeccionar, preencher e analisar a Roda da Vida, tanto virtual quanto física me trouxe duas visões. Primeiro, como eu sou racional, matemática, perfeccionista, ainda! Veja, tive que buscar uma régua para traçar as linhas quando fiz a Roda da Vida no papel. Lutei para não fazer marcas e deixar tudo retinho, como de costume.

Pensei muito a respeito para buscar algum possível início de resposta. Vieram algumas questões de imediato: Será que, por ser deficiente e ter os

lados do corpo assimétricos eu busco essa simetria, essa organização, fora dele, nas coisas que produzo? Veja, não sou totalmente organizada. Minha mesa de trabalho artístico é bagunçada. Porém, quanto ao trabalho teórico, tenho todos os livros separados. Aqui veio mais uma questão. Ambas as produções são minhas, mas por que ajo diferente entre a produção imagética e a literária? Será porque a literária seja um pouco mais racional e a imagética, intuitiva, no meu caso? (SIC)

Importante esclarecer que Maria tem uma síndrome chamada Ehrlers-Danlos, pouco conhecida na cidade em que mora e pela pesquisa que fez, inclusive no país. Essa síndrome se manifesta de várias maneiras. O colágeno não tem boa qualidade e afeta a formação e manutenção de onde há cartilagem no corpo. No caso da cliente, a síndrome se encaixa no nível raríssimo, manifestando-se principalmente na formação dos ossos do quadril além de outras implicações. Atualmente ela tem prótese em ambos os fêmures. Contou que descobriu recentemente, em 2019, que nasceu com essa síndrome, também conhecida como a Síndrome do Homem Elástico.



Fonte: Arquivo Pessoal

Além da reflexão, Maria fez analogias com as cores que escolheu e utilizou outro aplicativo para realçar uma imagem que saltou aos seus olhos na Roda da Vida física. Ela relatou que o vai e vem das linhas e a escolha das cores que usou a fez perceber que “há uma paixão, uma dor física, uma dor emocional e uma dor no relacionamento familiar, representados pelo vermelho e suas nuances” (sic). Comentou que compreendeu isso olhando para o papel onde fez a Roda da Vida. Maria coloca o vermelho como dor tanto física quanto emocional, que envolve a questão familiar, também. O vermelho é a cor

do sangue, da paixão, da luxúria, da nobreza nos reinados, da guerra. Contudo não se encontra o vermelho literalmente como dor. O vermelho litúrgico, usado na igreja Católica, por exemplo, simboliza o sangue de Cristo derramado, portanto o sacrifício. Quando observamos a imagem acima vemos que o vermelho não ocupa tanto espaço assim e está ligado a dor física. Por ter uma deficiência, ela nos relatou que sente dores no corpo. Contudo, o vermelho é intenso, mas não ocupa a maior parte da Roda da Vida. Segundo Heller (2013, p.55), “A ação psicológica e simbólica do sangue faz do vermelho a cor dominante de todas as atitudes positivas em relação à vida. O vermelho, como a mais forte das cores, é a cor da força, da vida (...)”

Maria traz um sentido simbólico próprio para o vermelho, assim sendo é importante lembrar que os arteterapeutas e os terapeutas em geral

não tem que tomar conhecimento apenas da biografia pessoal do paciente, mas também das condições espirituais do seu meio ambiente próximo e remoto, em que permeiam influências tradicionais e filosóficas que frequentemente desempenham um papel decisivo (JUNG, 2018, p. 7).

Aqui se vê que Maria não foi influenciada na interpretação do significado simbólico das cores, sua leitura não traz exatamente um conteúdo universal. Para ela o sangue representa dor. Maria relatou que na sua última cirurgia teve que tomar duas bolsas de sangue. Disse que sentiu a dor da perda de grande quantidade de sangue; a dor quando lhe furaram novamente o braço para tomar sangue; a dor para que tirassem o dreno que retirava o sangue coagulado de sua perna. Nesse momento pode-se pensar que esse é o sangue do sacrifício. Nesse sentido, de significado universal.

Segundo a cliente, “elas (as dores) existem mesmo, apenas não entendia serem tão fortes dentro de mim” (sic). Maria levantou questões importantes, como: “Onde então está meu foco, minha ‘saúde?’” (sic) Nesse momento foi trazendo mais analogias com as cores que utilizou relatando que sua saúde estaria na profissão e no relacionamento social, representados pelo verde que, para ela, é saúde, esperança e frescor.

Maria coloca, portanto, a dor como doença, na cor vermelha. Questiona-se onde anda sua saúde, que para ela é o verde. Ora, vermelho e verde são cores complementares, as opostas no círculo cromático. Para Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 938), “situado entre o azul e o amarelo, o verde é o resultado de suas interferências cromáticas. Mas entra, com o vermelho, num jogo simbólico de alternâncias. A rosa desabrocha entre folhas verdes”.

Ainda em Chevalier e Gheerbrant (2015, p. 938-939), a cor verde tem um “valor médio, mediador entre o calor e o frio, o alto e o baixo, equidistante do azul celeste e do vermelho infernal – ambos absolutos e inacessíveis – é uma cor tranquilizadora, refrescante, humana”.

O significado, para Maria, do verde é bem semelhante ao significado universal. Uma cor que é tranquilizadora, refrescante e humana traz saúde, esperança e frescor.

As próximas cores que receberam atenção foram azul e amarelo. Ela comentou que a sua relação com as finanças “é tão tranquila quanto o azul do céu” (sic). Percebeu que precisa de energia, visto que o amarelo, “a vitalidade, a força, não estão alimentando meu lazer. Ele está aceso, mas muito fraco” (sic).

Maria traz em todas as suas falas a energia simbólica das cores e como ela vê e se relaciona com ela ou com elas. O azul, por exemplo, é uma cor fria e aqui está ligada às finanças apontando uma relação saudável com algo por vezes tão estressante. Já o amarelo nos faz lembrar o sol, o calor, uma vida alegre.

A experiência mais elementar que temos do amarelo é o sol. Esta experiência é compartilhada por todos como efeito simbólico: como cor do sol, o amarelo age de modo alegre, revigorante. Os otimistas têm uma disposição ensolarada, o amarelo é sua cor. O amarelo irradia, ri, é a principal cor da disposição amistosa (HELLER, 2013, p. 85).

Amarelos também são os *emojis* que tanto fazem sucesso no *WhatsApp*, *Telegram*, *Facebook* entre outras mídias. No município onde Maria mora chove muito, às vezes, semanas seguidas. Isso impossibilita atividades fora de casa. Com a pandemia ficou um pouco mais difícil. Mas essa chama

ainda está acesa nela, visto que o amarelo está vibrante.

Maria faz interessantes metáforas ao relacionar as áreas da vida na Roda da Vida com as cores que escolheu. Para Ostrower (1983, p. 235) “a expressividade da cor dependerá das funções que desempenhe”. Há uma simbologia universal, mas a individual é tão importante quanto.

Percebe-se que da cor a cliente passou a ver a forma. Aqui cabe informar que Maria é professora de Artes e muito observadora. Nesse momento ela viu-se “lúdica ou simbólica” (sic). E observou: “Como a minha criança interior ainda gosta de brincar com as formas!” (sic). Comentou que a primeira coisa que viu depois das cores foi a forma na Roda da Vida, somente depois se atentou para o gráfico em si. Nesse momento, ao perceber a forma, ela se apropriou de outro aplicativo, o “Picasso Draw”, para fazer uma interferência no gráfico que produziu manualmente. Primeiro o fotografou e depois desenhou a partir do aplicativo, sobre a Roda da Vida, criando outra imagem, conforme visualizamos:



Fonte: Arquivo Pessoal

A imagem que produziu a fez lembrar-se de outra, onde uma jovem e uma velha se fundem:



Fonte: disponível em <https://super.abril.com.br/comportamento/moca-ou-velha-o-que-voce-ve-nesta-imagem-pode-indicar-sua-idade/>
Acesso 10 fev21

Contudo, observou que na nova imagem aparece apenas a velha. Em uma breve reflexão traz lembranças de comentário que ouviu, “muitas pessoas falaram que eu tenho uma aparência jovem e uma alma muito antiga. Será? Talvez” (sic). A cliente contou que sempre teve com ela a imagem de “velhinhas brincantes, estilo a Feiticeira Faceira (bruxinha da Hanna-Barbera, sabe?), risonha, feliz, mas sábia” (sic):



Fonte: disponível em <http://mundohanna-barbera.blogspot.com/p/feiticeira-faceira.html>
Acesso 10 fev 21

Para Jacobi (*apud* JUNG, 2008, p. 379) a velha “é um símbolo bem conhecido dos mitos e contos de fadas, nos quais representa a sabedoria do eterno feminino”. No início Maria disse que estava tentando se desligar do racional, do milimetricamente elaborado. Essa atitude se opõe a velha sábia que mostra o caminho sem dificuldades, sem cobrança, sem exigir perfeição. Apenas mostra o caminho. Tão simples e tão profundo quanto o pensamento do homem primitivo que

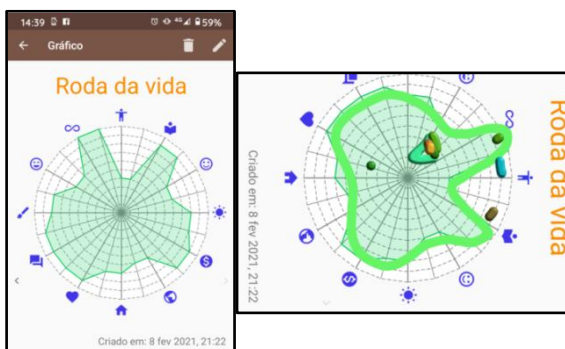
era muito mais governado pelos instintos do que seu descendente, o homem “racional”, que aprendeu a “controlar-se”. Em nosso processo civilizatório separamos cada vez mais a consciência das camadas instintivas mais profundas da psique humana, e mesmo das bases somáticas do fenômeno psíquico. Felizmente, não perdemos essas camadas instintivas básicas; elas se mantiveram como parte do inconsciente, apesar de só se expressarem sob a forma de imagens oníricas (JUNG, 2008, p. 59).

Mesmo de olhos abertos Maria deixou sua mente buscar uma imagem livremente e seu conteúdo arquetípico surgiu, a velha brincante.

Os conteúdos arquetípicos acompanham a estrutura psíquica do indivíduo na forma de possibilidades latentes, bem como de fatores tanto biológicos como históricos. Cada arquétipo é sempre atualizado de acordo com a vida exterior e interior do indivíduo e, ao receber forma, aparece na frente da câmera da consciência, ou como dizia Jung, é “representado” diante da consciência (JACOBI, 2016, p.46).

Comentou que está gostando muito de se conhecer por outras vias, que não só as atividades presenciais ou artísticas. Segundo ela, está complementando a terapia. “Talvez seja impressão, mas parece que me olho de fora, como se fosse outra pessoa, e tento descobrir o que existe dentro de mim” (sic).

Dando sequência a análise do aplicativo a Roda da Vida virtual, a cliente também viu outra forma, a de uma cobra:



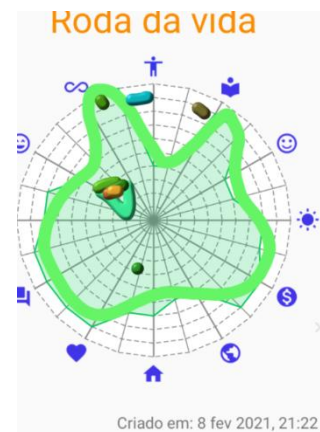
Fonte: Arquivo Pessoal

A cobra, ou serpente, representa as profissões que se dedicam a saúde. No Egito antigo a naja simbolizava o olho de *Rá* que ficava sobre sua coroa protegendo o faraó e amedrontando os inimigos. Existem muitos

significados para um mesmo símbolo, porém Maria observou a atitude da cobra. Conforme a cliente “ela, ou eu, não quer atacar, mas se defender. Não quer machucar, mas curar” (sic). Mais uma vez Maria traz a questão da saúde, agora na Roda da Vida on-line. Observa-se que a cobra é verde e verde para ela significa saúde, esperança e frescor como já visto acima. O veneno da serpente também é remédio. Na mitologia temos Asclépio, filho de Apolo com uma humana, criado por Quíron,

(...) o centauro sábio, conhecedor das drogas e educado nas artes da cura. Como médico e protetor de todos os curandeiros, ele leva consigo uma serpente enrolada em um bastão. Visto que essa imagem se manteve até hoje como símbolo para médicos e farmácias, é óbvia a suposição de que, com isso, se aponta também para a força do veneno das serpentes. Porque sempre foram os curandeiros os que detinham o conhecimento sobre o uso e a dosagem das drogas e dos venenos, e que inclusive sabiam transformar os materiais que provocavam a morte em substâncias que operavam milagres. Na pesquisa farmacêutica moderna, os venenos das serpentes têm relevância no âmbito da coagulação sanguínea (BACHMANN, 2016, p. 177).

Abaixo vemos que originalmente a imagem está virada e a cobra aparece com a boca para cima. O réptil “está gritando, recebendo alimento, pedindo socorro, se afogando... Ainda não sei” (sic), disse Maria. O não querer atacar, mas se defender é próprio do animal que está em perigo, acuado, se sentindo ameaçado. Características que a cliente expõe na fala acima:



Fonte: Arquivo Pessoal

Maria não diz que o animal quer comer, mas que está recebendo alimento. Essa não é uma característica da serpente que, desde cedo, vai em busca do próprio alimento. Contudo, essa não é uma cobra do mundo animal, mas faz parte do repertório do inconsciente de Maria.

Como símbolo, a cobra ou serpente “significa a renovação, a vitalidade e também a cura” (BACHMANN, 2016, p.187). Maria trouxe do seu inconsciente o auxílio para a cura das suas dores, por meio das imagens da velha sábia brincante e da serpente verde.

Como se pode constatar, esse aplicativo é simples e objetivo. Levá-lo para o espaço terapêutico virtual ou mesmo presencial é muito proveitoso visto que é um excelente auxiliar para análise e/ou autoanálise. Conforme se verificou no relato acima, ele proporciona muitas questões a serem trabalhadas e o cliente vai encontrando caminhos por meio da maiêutica socrática, o que amplia a possibilidade do cliente encontrar um caminho mais adequado para o entendimento das próprias questões. No caso, as questões fluíram naturalmente e o mergulho no inconsciente se deu através do contato com as imagens que saltaram a partir da Roda da Vida, que “conversou” com Maria para além da maneira tradicional de sua intenção primeira. Essa atividade trouxe a simbologia das cores, a visualização das formas a partir de um gráfico feito manualmente ou digital, e a maiêutica.

A seguir será abordado o App *Picasso Draw* e as conexões que Maria fez consigo através do mesmo.

- Picasso Draw



Imagem disponível em:

https://play.google.com/store/apps/details?id=com.caramelized.apple.apps.Picasso&hl=pt_BR&gl=US
Acesso 02 mar 21

O aplicativo *Picasso Draw* oferece diversas funções para criar ou interferir em imagens, como fotografias, imagens armazenadas na galeria do celular ou baixadas da Internet. Também possibilita a

criação de formas, desenhos, escrita usando o próprio dedo ou uma caneta digital. No caso, Maria utilizou os dedos para interagir com o aplicativo.

Inicialmente apresenta alteração emocional, ficou um pouco agitada, nervosa, demonstrando ansiedade. “No início não gostei muito desse aplicativo. Dedo e tela não estavam conversando muito bem e a sensação de irritação, de falta de domínio me invadiu novamente. Porém, respirei e pensei: para que dominar? Divirta-se. Solte-se para vir o que está aí dentro de você” (sic). Ao relatar que a falta de domínio a incomoda, Maria estava usando seu pensamento racional. Isso a irritou. Contudo ao relaxar se deixou levar, deu espaço para o inconsciente fluir, ficando mais fácil interagir com o aplicativo e seus recursos. Mesmo assim, como veremos abaixo, a cliente expõe esse desconforto de outra maneira.

Ao escolher as imagens Maria buscou fotografias que costuma tirar do céu. “Como amo nuvens e céu, esteja ele com um azul ímpar ou trazendo uma trovoadas de arrepiar, ele me encanta, me comove, é o meu grande mistério e companheiro. Parece que nos entendemos. Inexplicável com palavras” (sic).

O céu é um campo masculino. A maioria dos deuses associados a ele é masculino. Nut, deusa egípcia, é uma raridade entre eles. Esta deusa está mais, porém não apenas, associada à noite já que é representada com o corpo coberto por estrelas. Segundo Marx et al. (2007, p. 81).

Este vasto céu estrelado, que se curva protetoramente sobre a terra e todos os seus habitantes, é a mãe estelar Nut. Sendo o próprio firmamento que circunda a terra, ela não é apenas a mãe de todas as divindades, mas abarca toda a vida em seu regaço.

Maria ama o céu, não importa como ele se apresenta. Ele é o seu “grande mistério”, mesmo depois de a ciência desvendá-lo em muitos aspectos. “Agora a psicologia do profundo vê a imagem do céu salpicado de estrelas como uma visualização das tremeluzentes centelhas de consciência no seio da escura vastidão da psique inconsciente” (MARTIN, 2012, p. 56). Ao observarem-se as imagens de céu que Maria buscou, percebe-se que a irritação inicial continua ali na forma de nuvens pesadas. Seu inconsciente trazendo a sua frustração,

“Estou chegando”, diz a nuvem carrancuda:



Fonte: Arquivo Pessoal

A nuvem é algo leve, fluido, inconsistente porque não se pode pegá-la, apenas senti-la e vê-la.

Formadas pela evaporação da água do mundo, as nuvens flutuam suspensas entre a terra e as extensões superiores da atmosfera. As nuvens fazem parte de padrões climáticos globais e inconstantes, são reflectores e repositórios da energia solar e origem de relâmpagos, trovões e chuva (MARTIN, 2012, p. 58).

Conforme Maria relatou, “foi a imagem do céu que me libertou, que disse o que eu precisava fazer. Fluiu naturalmente, intuitivamente, quase que sem pensar. Me diverti com isso. E me pareceu verdade o que apareceu” (sic).

Aqui a cliente passa da racionalidade para a intuição. E sua última frase é bastante elucidativa. A verdade apareceu na forma de uma imagem pesada. Ela escreve na foto “estou chegando” e constrói um personagem assustador. Quem está chegando? Conforme a própria Maria descreve: “Nas fotos aparece um monstinho ameaçando: *Estou chegando!*, avisa ele. Porém nem as nuvens são muito escuras, nem ele parece tão assustador, observando bem. Mais quer impor respeito do que amedrontar. Afinal, a chuva é necessária e só brinca com trovoada quem não a respeita e geralmente o resultado não é muito bom”. Nessa fala de Maria está exposto o que ela busca, respeito e equilíbrio e sua atitude aos que invadem seu espaço. Assim como a cobra da Roda da Vida, ela não quer machucar, mas ser respeitada.

Maria invoca a trovoada, forma feminina de falar do trovão. Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa,

trovão *sm* 1. Estrondo produzido no ar por descarga da eletricidade atmosférica; trovoada. 2. Grande estrondo; trovoada.
trovoada *sf* 1. Tempestade com trovões. 2. Estrondo produzido no ar por descarga de eletricidade atmosférica; trovão. 3. Grande estrondo; trovão. 4. Discussão violenta e clamorosa. (BARSA, 2010, p. 1046)

Percebe-se aqui, a relação trovoada/discussão que Maria expôs. Contudo em todas as suas falas coloca que quer apenas se defender. Porém se houver necessidade, não vai conter a trovoada que nela está contida, pois as suas nuvens internas de brancas como algodão poderão se tornar perigosas como uma trovoada carregada de raios.

No final da atividade Maria disse que foi muito gostoso, apesar da irritação inicial. Percebeu que não precisa estar sempre no controle. Conforme repetiu “para que dominar?”

Na sequência será colocado a respeito do App *ArtFilter* e as associações que Maria fez, a partir dele, com sua vida.

- Art Filter



Fonte: disponível em

https://play.google.com/store/apps/details?id=com.lyrebirdstudio.art_filter&hl=pt_BR&gl=US
 Acesso 04 mar 21

“*Art Filter*” é um aplicativo utilizado para fazer interferências nas fotos, imagens da galeria do celular, imagens baixadas da Internet, *selfies* ou fotos tiradas dentro do próprio aplicativo. Nele há vários tipos de filtros que se pode escolher, além de oferecer recursos como o de modificar cor, contraste, brilho, entre outros. Neste App altera-se a imagem com alguma liberdade, visto que os modos estão prontos.

Ao usar esse aplicativo Maria disse que conseguiu interagir “sem irritação, sem estresse” (sic). Percebe-se que a cliente está, inclusive, numa posição relaxada, recostada no sofá para fazer a *selfie*, conforme imagens abaixo:



Fonte: Arquivo Pessoal

As cores que utilizou são contrastantes e por isso vibram e têm certo brilho. Para Maria, “experiência e cortiço foram as duas palavras que vieram” (sic). Muito diferente da irritação que, no início, trouxe o aplicativo “Picasso Draw”. Aqui ela está sorrindo, o que aparece apenas na imagem original, sem a proteção da identidade. Maria fala que gostou “das cores, da forma, da composição e da pequena interferência que fiz. Ficou melhor que a foto. O que está dentro de mim saltou nas cores” (sic).

E as cores que saltaram foram o azul, o amarelo e o rosa. Azul e amarelo se repetiram aqui. O amarelo trazendo energia para o pescoço, onde fica a garganta, a laringe, o seu instrumento de trabalho como professora que é. O azul contornando sua cabeça e colorindo a parede. Azul traz tranquilidade, frieza e descanso. Maria havia colocado a cor amarela na parte do lazer na

Roda da Vida. Aqui aparece tanto no seu pescoço, quanto na janela ao fundo. Trabalho e lazer precisam de vibração. A cor azul ela relacionou a sua tranquilidade financeira. Na foto esta cor contorna sua cabeça, seu lado racional. Mas e o rosa?

A cor rosa simboliza a força dos fracos, como o charme e a amabilidade. [...] E rosa é a sensibilidade, a sentimentalidade. O rosa, mistura de uma cor quente com uma cor fria, simboliza as virtudes do meio-termo. (HELLER, 2013, p.213-214)

Interessante observar que a cor rosa, nas tradições antigas, era masculina. A utilização do rosa para meninas e do azul para meninos começou por volta dos anos 1920 (HELLER, 2013, p. 215). Podemos pensar que aqui há a busca pelo equilíbrio, ou seja, o meio termo, já que na foto, azul e rosa se destacam.

Maria soltou-se tanto nessa atividade que utilizou o “Picasso Draw” para fazer interferências na imagem. “Depois que coloquei a auréola fiquei pensando, por quê? Quem sabe um anjo repousando depois do almoço, cansada de ser cobra ou de tropejar. Quem sabe”... (sic).

Observamos que Maria traz para essa atividade as anteriores. Diz estar cansada de ser cobra, de tropejar e coloca uma auréola, como um anjo. A cliente indica três elementos importantes aqui. A cobra, um ser rastejante; o trovão, ou o céu tempestuoso, algo inconsistente e estrondoso; e, por último, um ser angelical que volita e pode transitar entre o céu e a terra. Talvez uma combinação dos dois anteriores.

O anjo é um ser assexuado, recebe nome masculino e tem feições, muitas vezes, femininas. Um equilíbrio entre o masculino e o feminino. Maria relatou que tem forte ligação com seu anjo e muitas pessoas que ajuda e que convive dizem que ela parece um anjo. Uma dessas pessoas é o próprio marido. Disse que não concorda com ele. Que tem seus momentos de trovão, de cobra e que tem sexo. “Anjos não são assim” (sic). Porém para Maria todos somos anjos. Não volitamos, não temos asas, mas nossas ações podem ser parecidas com as dos nossos anjos.

Sem prejulgar interpretações teológicas dadas pelas Igrejas e sem prejulgar a fé católica sobre a existência dos anjos, pode-se todavia observar que, para muitos autores, os atributos conferidos aos anjos são

considerados como *símbolos de ordem espiritual* (CHEVALIER E GHEEBRANT, 2015, p. 60).

Na imagem a seguir aparece uma gravura ao fundo. Maria conta que seu título é “A Filha da Chuva”, do artista Juarez Machado. Segundo a cliente, “nada é por acaso” (sic):



Fonte: Arquivo Pessoal

Ora, se Maria ama o céu do modo como ele se apresenta, com ou sem chuva, e a cidade onde mora chove praticamente toda semana, nada mais justo que se apropriar do título de uma obra que lhe é importante para nomear-se. Contudo, ao trabalhar a foto, ela a ilumina com a cor amarela. Novamente a busca do equilíbrio.

RESULTADO

O trabalho com os Apps revelou símbolos interessantes, além de proporcionar a cliente reflexões que vieram somar a maiêutica arteterapêutica. Maria interagiu com os aplicativos mesmo sentindo irritação por não controlar alguns deles. Permitiu-se sentir e analisou suas reações através de questionamentos.

A cliente revelou sentimentos e sensações através das cores utilizadas na Roda da Vida e deixou insurgir imagens do seu inconsciente para complementar as atividades terapêuticas. Velha brincante, cobra, trovoada, anjo apareceram com naturalidade durante as sessões e seus significados para a cliente, também.

Maria mesclou os Apps para interagir com as imagens tanto criadas quanto das

fotografias, inclusive escrevendo numa delas, na foto da trovoada. Fez relação entre sua deficiência física com suas atitudes em relação às suas atividades artísticas, a literatura e as artes plásticas.

Com isso, percebe-se que a relação imagem/criação/símbolo estão presentes inclusive quando se trabalha com aplicativos de celular, visto que o símbolo escolhe seus meios para mostrar-se à pessoa, ou seja, o inconsciente trabalha para revelar o símbolo seja por construções manuais ou digitais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os aplicativos de celular foram muito úteis nas sessões online, visto que houve uma interação da cliente com essa tecnologia. Mesmo irritando-se, tendo alguma dificuldade, conseguiu perceber no seu íntimo as causas e trouxe verbalmente e de maneira escrita para as sessões.

Os símbolos, os arquétipos, as cores surgiram tanto quanto numa sessão presencial utilizando os materiais artísticos. As dores, as sensações, os sentimentos brotaram na primeira sessão ao se utilizar a Roda da Vida. Inesperadamente Maria trouxe uma representação simbólica e um arquétipo, ou seja, a cobra e a velha. Outro fator interessante foi a iniciativa de interagir com perguntas, com reflexões complementando a maiêutica arteterapêutica.

Nas atividades trabalhadas trouxe mais informações a seu respeito. Passou de cobra a trovoada; de trovoada a anjo. A cobra é um ser rastejante, com um corpo muito simples que ataca apenas quando é ameaçado ou quando está com fome; a trovoada é um fenômeno da natureza que evoca a energia do sol e da água que, com o calor excessivo do sol e a frieza da água, se transforma em tempestade; e, finalmente, o anjo, um ser imaginário que pertence ao sistema religioso judaico-cristão que transita entre o céu e a terra como mensageiro. Não podemos deixar de fora a velha brincante. A sábia bem-humorada. Todos são elementos que surgiram numa sessão presencial, porém que brotaram sem dificuldade em sessões on-line com uso de aplicativos.

Portanto, o atendimento on-line utilizando os materiais de artes ou aplicativos de celular são de extrema importância para que o cliente entre em contato com seus conteúdos

simbólicos e sombrios, com elementos do seu inconsciente.

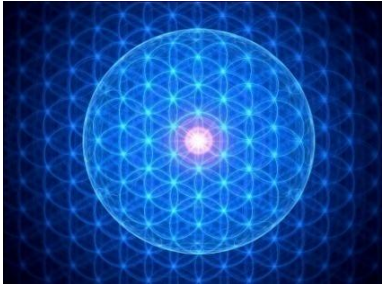
Importante frisar que não é possível utilizar os aplicativos sem conhecê-los, sem testá-los, sem perceber sua função num *setting* terapêutico. Colocar um olhar terapêutico sobre os Apps é uma atitude fundamental. Com toda certeza é um material excelente para se trabalhar com os adolescentes, visto que esse público interage com os aplicativos de forma natural.

Roda da Vida, Picasso *Draw* e *Art Filter* foram aplicativos extremamente importantes para que Maria se conhecesse um pouco mais e entrasse em contato com suas reações. O Picasso *Draw*, aplicativo que a irritou acabou sendo o que ela utilizou em todas as atividades. Quebrou a resistência, colocou a velhinha brincante em ação.

Há muito que se descobrir a respeito dos jogos e aplicativos de celulares e sua função arteterapêutica e terapêutica. O caminho está aberto e as possibilidades são infinitas.

REFERÊNCIAS

- BACHMANN, H. I. **O animal como símbolo nos sonhos, mitos e contos de fada.** Petrópolis: Vozes, 2016.
- CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. **Dicionário dos símbolos:** mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015
- DUCHASTEL, A. **O caminho do imaginário:** o processo de arte-terapia. São Paulo: Paulus, 2010 (Coleção Psicologia e Educação).
- ENCICLOPÉDIA BARSÁ UNIVERSAL. **Dicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo: Barsa Planeta Internacional, 2010.
- HELLER, E. **A psicologia das cores:** como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- JACOBI, J. **Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C. G. Jung.** Petrópolis: Vozes, 2016.
- JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia.** Petrópolis: Vozes, 2013.
- JUNG, C. G. (org.) **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- MARX, I.; TEDESCO, M. H.; KOSS, M. V. **As deusas egípcias e o século XXI:** uma visão atual do sagrado feminino no Egito antigo. São Paulo: Scortecci, 2007.
- MARTIN, K. (org.) **O livro dos símbolos:** reflexões sobre imagens arquetípicas. Colônia: Taschen, 2012.
- OSTROWER, F. **Universos da Arte.** Rio de Janeiro: *Campus*, 1983.
- PAÍN, S. **Os fundamentos da Arteterapia.** Petrópolis: Vozes, 2009.
- SEI, M. B. **Arteterapia e psicanálise.** São Paulo: Zagodoni, 2011.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 18 - Ano 10 - Nº 18 – 2º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

5 – PSICOLOGIA TRANSPESSOAL E CARTOGRAFIAS DA CONSCIÊNCIA

Francisco Di Biase*¹
 Mário Sérgio Rocha*²

Os achados da psicologia transpessoal e da pesquisa da consciência sugerem fortemente que o universo pode ser a criação de uma inteligência cósmica superior e a consciência um aspecto essencial da existência.

Stanislav Grof, in The Cosmic Game, p. 267-268.

Origens da Psicologia Transpessoal

As comprovações experienciais e experimentais da ciência contemporânea, (aos interessados remeto ao meu livro *Ciência Espiritualidade e Cura*, recomendado por Stanislav Grof), transcendem o atual referencial acadêmico da Psicologia e da Medicina acadêmicas sobre a natureza da consciência humana, representando um sério desafio à visão de mundo cartesiano–newtoniana dos últimos 300 anos. Segundo a visão ocidental científica predominante a consciência é fruto dos processos cerebrais, não podendo transcender os limites do espaço-tempo, nem à morte do cérebro. Entretanto dados rigorosos da pesquisa científica atual da consciência, como as descritas por Grof, Wilber, Leary, Krippner, Lilly, Pankhe, Tart, Targ, Puthoff, Bender, Moody Jr., Sabon, Ring, Weiss, Weil, Barnejee, Stevenson, entre outros, demonstram a necessidade de se considerar uma nova e mais ampla concepção transpessoal holística de consciência, interconectada ao universo, e conseqüentemente uma nova interpretação da saúde física e mental.

Estes estudos provocaram um enorme avanço sobre a concepção da consciência

humana na Psicologia e na Medicina, levando-as para além dos limites estabelecidos classicamente pela psicanálise de Sigmund Freud (1895), pela psicologia behaviorista de Watson (1913) e Skinner, e pela psicologia humanista de Carl Rogers e Abraham Maslow (1958), que eram até então, os três grandes movimentos que caracterizavam a psicologia ocidental.

A sistematização destes conhecimentos científicos conduziram ao nascimento da Psicologia Transpessoal, nos Estados Unidos, em 1968.

Estes estudos demonstraram uma multidimensionalidade da estrutura da consciência, que passou a ser compreendida como constituída por inúmeros níveis, e levaram Maslow a considerar a psicologia humanista

uma terceira força, de transição, uma preparação para uma quarta psicologia, ainda mais elevada, transpessoal, trans-humana, centrada no cosmos, mais do que nas necessidades e interesses humanos, indo além do humano, da identidade, da auto-realização e coisas semelhantes (Maslow, 1962).

*¹ **Francisco Di Biase** – Neurocirurgião, Clínica Di Biase, Barra do Pirai - RJ. Grand PhD, Full Professor World Information Distributed University, Belgica. Professor Pós-Graduação em Psicologia Transpessoal e Ciências Holísticas, Centro Universitário Geraldo Di Biase, Volta Redonda, RJ. Honorary Professor Albert Schweitzer International University, Suíça.

*² **Mário Sérgio Rocha** – Psicólogo transpessoal na Clínica Di Biasi, Barra do Pirai - RJ.

Em 1969, Maslow, Carl Rogers, Viktor Frankl, Anthony Sutich, Charlotte Buhler, Stanislav Grof, e James Fadiman fundam a Associação de Psicologia Transpessoal e o *Journal of Transpersonal Psychology*. Nos anos seguintes a evolução e ampliação deste novo movimento transcendeu os limites da Psiquiatria, Psicologia e Psicoterapia tradicionais, expandindo-se para áreas como Medicina, Sociologia, Economia, Antropologia, Etnologia, Educação, Comunicação, Ética, Ecologia, Administração de Empresas, contribuindo para a criação do novo paradigma transpessoal holístico, uma nova visão de mundo que levou a criação da Universidade Holística Internacional – UNIPAZ, no Brasil, por Pierre Weil.

A Psicologia Transpessoal no Brasil

Em 1978, a Psicologia Transpessoal chega ao Brasil, através da realização do IV Congresso Internacional de Transpessoal, em Belo Horizonte, Minas Gerais, sob a coordenação geral de Pierre Weil, PhD em Psicologia, que foi reitor da UNIPAZ – Universidade Holística Internacional, em Brasília, até o seu falecimento em 2008 e Stanislav Grof, médico psiquiatra pioneiro da Psicologia Transpessoal nos USA. Neste encontro criou-se a ITA-International Transpersonal Association (Associação Transpessoal Internacional) e desde então, o movimento transpessoal tem se expandido de forma acelerada, no Brasil e no mundo, obtendo cada vez mais reconhecimento em todo o planeta. Nesta época Pierre Weil, criou a primeira cátedra de Psicologia Transpessoal do Brasil, na Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Além de Pai da Psicologia Transpessoal no Brasil, Pierre Weil foi também o criador de uma inovadora abordagem terapêutica transpessoal, o Cosmodrama, e veio, desde então, incentivando a formação de psicólogos transpessoais em todo o país, através da promoção de uma série de eventos e cursos. Atualmente, graças aos seus esforços, contamos com inúmeros grupos de estudos, núcleos, centros, clínicas e associações que divulgam e utilizam a orientação transpessoal em psicologia e psicoterapia em vários estados do Brasil. Dentre o grupo de colaboradores e divulgadores mais próximos do Dr. Pierre Weil, destacamos o atual reitor

da UNIPAZ, o antropólogo e psicólogo Roberto Crema, *Master Europeen de Recherche* na Universidade de Paris 13, o teólogo, filósofo e PhD em Psicologia Transpessoal, Jean-Yves Leloup, criador do CIT, Colégio Internacional dos Terapeutas, com sede na França e no Brasil, na UNIPAZ.

Em outubro de 1990, criamos, na Clínica Di Biase em Barra do Piraí, no Rio de Janeiro, o Núcleo Transdisciplinar de Stress, Estudos e Práticas Transpessoais, que alguns anos depois foi ampliado em Centro de Estudos Avançados da Clínica Di Biase, onde realizamos até hoje nossas práticas clínicas transpessoais, livros, trabalhos e artigos e desenvolvemos uma nova abordagem terapêutica transpessoal denominada Terapia Auto-Organizadora (TAO) apresentada pela primeira vez no Congresso Brasileiro de Psicossomática em Penedo-RJ. Nosso trabalho mais abrangente é o desenvolvimento da **Teoria Holoinformacional da Consciência** reconhecida internacionalmente, publicada em 2000 no livro **Science and the Primacy of Consciousness – Intimation to a 21st Century Revolution**, nos EUA, livro fruto do Simpósio de mesmo nome ocorrido em 1998 na Universidade de Lisboa em Portugal onde pela primeira vez apresentamos nossa idéia de uma Teoria Holoinformacional da Consciência à comunidade científica internacional. Neste Simpósio fomos celebrados pelo Dr Karl Pribram neurocirurgião-neurocientista como o autor de uma das mais brilhantes idéias sobre a consciência surgida até então a qual levava adiante a sua teoria holográfica do funcionamento cerebral que lhe proporcionou a indicação ao Prêmio Nobel. O entusiasmo e a amizade então nascida entre nós me permitiu trazer o Dr. Pribram ao Rio de Janeiro para o Simpósio Fronteiras da Consciência que organizamos em 2004 no Hotel Glória. Atualmente nosso Modelo Holoinformacional da Consciência segundo o site *Researchgate*, já está citado em mais de 200 *papers* em todo o mundo, e está publicada em seis livros em que somos co-autores nos USA, e em mais de 100 trabalhos em revistas científicas na Europa, nos USA e no Brasil.

A partir de 2003, criamos o primeiro Curso Internacional de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Psicologia Transpessoal e Ciências Holísticas, no Centro Universitário

Geraldo Di Biase em Volta Redonda – RJ, em parceria com a *Albert Schweitzer International University* da Suíça, onde somos *Honorary Professor*.

Atualmente, a Psicologia Transpessoal possui uma vasta comprovação experimental e experiencial que surpreendentemente está em perfeito acordo com a Filosofia Perene descrita pelas grandes Tradições Espirituais da humanidade. Esta moderna corroboração de antigas tradições filosófico-espirituais é um fato estupendo que permite a união fecunda entre ciência e espiritualidade, ao demonstrar a existência de uma conexão dinâmica informacional quântico-holográfica entre o homem, a natureza e o cosmos.

Anomalias no Antigo Paradigma

Algumas anomalias que já vinham sendo constatados pela ciência desde o século XIX, dentro do próprio paradigma cartesiano-newtoniano, foram fornecendo subsídios teóricos, experimentais e clínicos que conduziram à teorização e sistematização de um vasto e sólido corpo de dados transpessoais. Ocorrências como experiências próximas da morte e de saída do corpo, mediunidade, casos sugestivos de reencarnação, fenômenos parapsicológicos, memória extra-cerebral, efeitos telestomáticos e psicocinesia a partir de meditação, regressão hipnótica, ingressos em estados alterados de consciência por meios naturais e químicos, foram permitindo o desenvolvimento da Psicologia Transpessoal. Assim, a partir dos trabalhos pioneiros de Stanislav Grof, Abraham Maslow, Anthony Sutich, Daniel Goleman, Robert Keith Wallace, Herbert Benson, Ian Stevenson, Barnejee, Raymond Moody Jr., Elizabeth Kubler-Ross, Ken Wilber, Terence MacKenna entre outros, foi se estruturando progressivamente o arcabouço conceitual desta nova escola de psicologia.

Críticas Infundadas à Psicologia Transpessoal

Como ocorre durante todas as mudanças de paradigma, a princípio, surgiram as mais diversas críticas infundadas e resistências oriundas das áreas mais tradicionais da psiquiatria e da psicologia e de suas instituições, cristalizadas em barreiras cognitivas paradigmáticas e círculos

estabelecidos de poder nas academias, instituições de classe e universidades.

Uma das principais críticas foi a de que a Psicologia Transpessoal era um sincretismo, uma mistura de diversas disciplinas, teorias e experimentos esparsos, não interligados entre si, sem nenhuma coerência conceitual e experimental. No entanto, este sincretismo, esta mistura, é um fenômeno inicial comum a todas as novas disciplinas e saberes que surgem em épocas de mudança paradigmática. Somente com o tempo o novo saber ou disciplina vai se estruturando e se integrando num corpo unificado de conhecimentos, originando uma nova e mais abrangente síntese das ciências. É um fato histórico e conhecido que podemos constatar não somente na origem da Psicologia Transpessoal, mas como também na origem de todas as escolas de psicologia, como ocorreu com a psicanálise, o behaviorismo, a psicologia humanista, e em todas as novas escolas filosóficas e religiosas que marcaram a humanidade. No início, todas são fruto de uma reunião de conhecimentos e práticas novas que estão surgindo, não possuindo ainda um arcabouço conceitual estruturado e acabado. Comumente, leva-se décadas ou séculos, como ocorreu com o Cristianismo e a Física Quântica, para que tal saber ou disciplina apresente uma integração de seus fundamentos, e desenvolva uma solidez conceitual. É o fluxo natural das coisas e que, atualmente, também está acontecendo com a Psicologia Transpessoal.

Outra forma de crítica infundada, esta de natureza mais perversa, refere-se à alegação de que a Psicologia Transpessoal não é reconhecida oficialmente pelas autoridades oficiais competentes. O que acontece, de fato, é que toda a autoridade oficial, constituída pelos seus conselhos, associações e instituições de classe, são incompetentes para julgar mudanças paradigmáticas, e se tivessem poderes para julgar, iriam condenar todo o novo saber como herético e falso. A função das associações de classe e dos conselhos profissionais nunca foi em nenhuma parte do mundo a de reconhecer qualquer escola de psicologia. Sempre foi regulamentar o ensino, a ética e a prática profissionais. Freud, Jung, Adler, Reich, Lacan, Watson, Skinner, Maslow, Grof e Wilber, entre outros grandes psicólogos e pensadores, nunca pediram licença a ninguém para exprimir

suas idéias e utilizá-las na prática clínica. Suas escolas de psicologia foram-se formando de maneira natural, agregando colegas e adeptos do novo saber. Trata-se de uma saudável e rebelde atitude de questionamento e desobediência civil contra o saber estabelecido e às instituições vigentes, atitude esta que tanto carecemos no mundo conformista e politicamente correto dos dias de hoje. Caso tal postura de transgressão paradigmática não ocorresse, de uma forma natural, a ciência e o saber ficariam estacionários, jamais evoluiriam. Tal como a Física Quântica, a Psicologia Transpessoal é parte desta enorme transição paradigmática que estamos vivenciando.

É a Psicologia Transpessoal mais Eficaz?

Desde o advento da psicanálise, em 1900, com Sigmund Freud, e do behaviorismo (psicologia comportamental), em 1913, com John Watson, observa-se na história da psicologia e dentro das universidades, um enorme debate e confronto de idéias acerca de qual escola de psicologia e psicoterapia seria a mais eficaz no tratamento dos pacientes. Atualmente temos mais de duzentos e cinquenta formas de psicoterapia, derivadas das cinco grandes escolas de psicologia: a psicanálise, a psicologia analítica de Jung, a psicologia comportamental, a psicologia humanista e a psicologia transpessoal. A nosso ver, esse debate acerca de qual método e escola é mais eficaz e benéfico para o paciente, tornou-se estéril, ultrapassado e anti-científico desde os anos sessenta do século XX, quando o psicólogo Carl Rogers e equipe e posteriormente os psicólogos Robert Carkhuff e Bernard G. Berenson, desolveram uma enorme e abrangente pesquisa científica na qual investigaram qual seria a escola de psicoterapia mais eficaz. Para tanto, durante mais de uma década, estes pesquisadores avaliaram pacientes encaminhados por psicoterapeutas das mais variadas escolas e abordagens teóricas, antes, durante e depois do processo terapêutico. O resultado final foi surpreendente. **Nenhuma escola de tratamento psicoterápico era melhor que a outra.** O percentual de pacientes que melhorou era semelhante em todos os grupos. O percentual daqueles que pioraram também. A grande descoberta foi que: **a melhora do paciente não depende da linha**

teórica ou dos métodos utilizados pelo psicoterapeuta. Depende essencialmente das atitudes de empatia, compreensão e não-julgamento, entre outras habilidades de comunicação, assumidas pelo terapeuta, durante o processo de psicoterapia. O importante para o psicoterapeuta não é tanto pertencer a uma determinada escola de psicologia e sim possuir uma personalidade terapêutica, fundamentada em habilidades de comunicação interpessoal.

As cartografias da consciência de Grof e Wilber

O modelo biográfico desenvolvido pela psicologia 'profunda' de Freud apenas arranha a superfície da dinâmica mental.

Stanislav Grof,
A Aventura da Autodescoberta, p. 259.

Intermezzo histórico

A moderna pesquisa da consciência demonstra que ela possui uma natureza pluridimensional, constituída por vários níveis interconectados entre si, e simultaneamente com toda a vastidão da natureza e da existência cósmica. Este tipo de concepção era estranho à psicologia do final do século XIX, que inicialmente considerava que o domínio da psique restringia-se puramente ao aspecto consciente. Foi graças ao gênio do neurologista Sigmund Freud, criador da Psicanálise, que começamos a perceber que nossa consciência possuía pelo menos mais um nível de vida psíquica: o inconsciente. Freud e seus colaboradores do chamado círculo de Viena (Jung, Adler, Ferenczi, Rank, Jones, etc.) desenvolveram uma série de psicotecnologias para explorar este novo domínio da psique, como a livre associação e a interpretação dos sonhos.

Foi uma revolução paradigmática na Psicologia e na Medicina, percebida por poucos naquela época. É até difícil para nós hoje em dia compreendermos o que estaria passando na mente de Freud ao visitar o célebre neurologista Charcot, no Hospital da Salpêtrière em Paris, testemunhando uma paciente ter sua paralisia histérica eliminada ou transferida de um hemídio corporal para outro através da hipnose. Com o referencial científico da sua época, baseado somente na existência do nível consciente da mente,

seria impossível explicar tais fenômenos clínicos. Retornando para Viena, com a mente fervilhando de idéias, Freud procurou sistematizar um modelo neurofisiológico que pudesse explicar tais ocorrências, o que resultou em um trabalho, não publicado durante sua vida, que ficou conhecido como **Projeto para uma Psicologia Científica**. No entanto, ao se dar conta que o modelo de mente uninível da ciência de sua época era insuficiente para construir um arcabouço conceitual que permitisse compreender e atuar sobre os fenômenos histéricos, voltou-se para a construção teórica de um aparelho psíquico pluridimensional (consciente, pré-consciente e inconsciente) que fosse capaz de realizar tal intento. Posteriormente, Freud aperfeiçoou e refinou seu modelo, denominando às instâncias do aparelho psíquico de Id, Ego e Superego. A Psicanálise ficou conhecida como a primeira força em psicologia, sendo também a primeira escola de psicologia a formular um método psicoterapêutico.

Em 1950, graças a esta nova concepção da mente, Franz Alexander, antigo colaborador de Freud, publica nos Estados Unidos seu famoso livro **Medicina Psicossomática**, no qual a concepção psicanalítica de funcionamento mental inconsciente é considerado importante fator na gênese e desenvolvimento favorável ou desfavorável das doenças físicas. Neste livro Alexander propõe os três postulados básicos da Psicossomática:

I - Os fatores psicológicos que influenciam os processos fisiológicos devem ser submetidos à mesma avaliação detalhada e cuidadosa que comumente é realizada no estudo dos processos fisiológicos.

II - Os processos psicológicos não são fundamentalmente diferentes de outros processos que ocorrem no organismo. São ao mesmo tempo processos fisiológicos e diferem dos outros processos corporais somente porque são percebidos subjetivamente e podem ser comunicados verbalmente a outros.

III - O crescente aumento do conhecimento das relações das emoções com as funções somáticas normais e patológicas exige que o médico moderno olhe os conflitos emocionais como reais e concretos.

A associação do novo paradigma psicanalítico com as descobertas da fisiologia humana levaram à sistematização da Medicina Psicossomática, na década de 1950. A partir da década de 1970, o conhecimento mais profundo das interações entre o sistema nervoso, o sistema imunológico, o sistema hormonal e a genética molecular, levaram ao nascimento da disciplina da **Psiconeuroimunologia**, e à chamada **Medicina Mente-Corpo**. Trata-se de uma revolução paradigmática na concepção das interações psicofisiológicas entre os sistemas nervoso, endócrino, imunológico e genético. Na antiga perspectiva cartesiana-newtoniana da Psicologia e da Medicina, tais sistemas eram compreendidos em seu funcionamento de forma isolada. Agora, passaram a ser entendidos como participantes de uma sinfonia única, a **sinfonia da vida**, uma vasta rede cibernética de interações informacionais e multidirecionais, por meio das quais holisticamente criamos uma condição dinâmica de equilíbrio interno (um *self psiconeuroendócrinoimunológico e genético*), responsável pela nossa saúde e integridade sócio-psicossomática.

Integrando a Psicologia, e as Tradições Espirituais

Além do domínio freudiano autobiográfico da mente.

Bem antes destes modernos desenvolvimentos e logo após a sistematização da teoria psicanalítica, o psiquiatra Carl Gustav Jung expandiu o modelo consciencial freudiano, descobrindo e sistematizando no período entre 1910 e 1930, um nível mais profundo da psique humana, denominado por ele de **inconsciente coletivo**, com muitos paralelos com a mitologia e a espiritualidade das grandes tradições religiosas da humanidade.

O oceano da mente humana estava se revelando cada vez mais multinivelado e misterioso. Este vasto mar da consciência parecia ser constituído por estratos cada vez mais profundos, com fluxos conscienciais portadores de uma dinâmica própria e interconectados entre si e com a natureza. Estes processos conscienciais ainda eram pouco explorados pelas psicoterapias existentes na época, mas já bem

experienciados pelos místicos e mestres religiosos de todos os tempos, e descritos detalhadamente em muitas escrituras sagradas.

Neste contexto, a consciência humana parecia ser constituída por diversos níveis de atividade psíquica, nem todos conscientes, indo desde o nível biográfico de características mais “freudianas”, passando por um domínio de traumáticas experiências em torno do nascimento, de cunho mais “rankiano”, até o domínio das experiências transpessoais, que transcendem as limitações do corpo, tempo e espaço, descoberto e sistematizado pelo psiquiatra Stanislav Grof, entre outros.

A consciência humana passou a ser compreendida, por autores da área transpessoal como Ken Wilber e Stanislav Grof, como um **modelo multidimensional holográfico espectral**, unificando as diferentes escolas de psicologia e psicoterapia em um quadro de referência coerente. Wilber, em seu livro **O Espectro da Consciência**, à página 11 descreve assim esta concepção:

A consciência é pluridimensional, ou aparentemente composta de muitos níveis. Cada escola importante de psicologia, psicoterapia e religião se dirige a um nível diferente. Estas diversas escolas portanto, não são contraditórias, mas complementares, sendo cada abordagem mais ou menos correta e válida quando se dirige ao próprio nível. Dessa maneira, pode se efetuar uma verdadeira síntese das principais abordagens da consciência - uma síntese, não um ecletismo -, que valoriza igualmente os modos de ver de Freud, Jung, Maslow, May, Berne e outros eminentes psicólogos, assim como os dos grandes sábios espirituais, de Buda a Krishnamurti."

Grof em seu livro **Além do Cérebro** à página 145, descreve assim esta concepção:

O que realmente define a orientação transpessoal é um modelo da psique humana que reconhece a importância das dimensões espirituais ou cósmicas, e o potencial para a evolução da consciência. O terapeuta transpessoal mantém-se consciente do espectro total e quer sempre acompanhar o cliente a novos campos experienciais, quando há oportunidade, não importando qual o nível de consciência que o processo terapêutico esteja focalizando.

É importantíssimo destacarmos a relevância das afirmações acima, dos papas da Psicologia e Psicoterapia Transpessoal, pois a abordagem transpessoal verdadeira é por sua própria natureza e definição holística, sistêmica, considerando durante a psicoterapia todos os níveis do espectro da consciência, de acordo com a necessidade do paciente. Como afirma Wilber, a psicologia e psicoterapia transpessoal **“valoriza igualmente os modos de ver de Freud, Jung, Maslow, May, Berne e outros eminentes psicólogos, assim como os dos grandes sábios espirituais, de Buda a Krishnamurti.”**

Denunciamos como grave desvio reducionista e fragmentador cartesiano-newtoniano, uma prática equivocada, relativamente disseminada, pelo menos aqui no Brasil, de considerar como psicologia e psicoterapia transpessoal, uma forma de psicoterapia que leva exclusivamente em consideração durante o tratamento, somente as faixas transpessoais do espectro da consciência. Como já descrevemos acima, a psicologia e a psicoterapia transpessoal estudada, praticada, descrita e desenvolvida por Stanislav Grof e Ken Wilber leva em consideração todos os níveis do espectro da consciência, sendo portanto, uma prática inclusiva, transdisciplinar e holística em Psicologia.

Para que possamos compreender melhor esta pluridimensionalidade da consciência revelada pela psicologia e psicoterapia transpessoal, apresentamos ao leitor as cartografias da consciência desenvolvidas por Stanislav Grof e Ken Wilber.

Modelo pluridimensional holográfico da consciência de Grof

Boa parte da confusão existente na psicoterapia contemporânea provém do fato de cada pesquisador ter concentrado a atenção basicamente num determinado nível do inconsciente e depois ter tentado generalizar as próprias descobertas para a mente humana em sua totalidade. Todos os sistemas envolvidos talvez representem descrições mais ou menos precisas do aspecto ou do nível do inconsciente que estão tentando descrever. O que precisamos agora é de uma psicologia bootstrap (autoconsistente) que integre os diversos sistemas numa coleção de mapas capazes de

cobrir toda a gama da consciência humana.

Stanislav Grof, in Capra, *Sabedoria Incomum*, p. 81

Segundo o teórico e pesquisador da consciência Ken Wilber (in Ken Wilber in *Dialogue*, p. 319), “Stanislav Grof é sem dúvida nenhuma o maior psicólogo vivo do mundo. Ele é certamente um pioneiro em cada sentido da palavra, um dos mais abrangentes pesquisadores psicológicos da nossa era”.

Stanislav Grof, nascido em 1931, em Praga, médico psiquiatra de formação psicanalítica, iniciou em 1956 na Tchecoslováquia, no Instituto de Pesquisas Psiquiátricas em Praga, pesquisas sobre o uso clínico de drogas psicoativas, explorando o potencial terapêutico do LSD e outras substâncias psicodélicas. Seu objetivo era avaliar se as substâncias psicodélicas serviriam para acelerar o processo psicanalítico. No entanto, a riqueza sem paralelo e a intensidade das experiências transpessoais que emergiram durante as sessões psicodélicas com LSD logo o convenceram da deficiência do arcabouço teórico do modelo freudiano da psique e de sua visão de mundo materialista e mecanicista. Sua experiência com mais de seis mil sessões terapêuticas psicodélicas levaram-no a desvendar “reinos do inconsciente humano” que moldaram todo um novo mapa da mente humana, com uma profundidade jamais imaginada por Freud e os psicanalistas.

A partir de 1967, Grof foi convidado a continuar suas pesquisas nos Estados Unidos, na *John Hopkins University* e posteriormente no Centro de Pesquisas Psiquiátricas de Maryland. De 1973 a 1987, foi professor residente no Instituto *Esalen*, em Big Sur, Califórnia, período em que desenvolveu com sua esposa Christina, a **Terapia de Respiração Holotrópica**, uma inovadora psicoterapia que reúne hiperventilação (respiração acelerada e profunda) com música evocativa, trabalho corporal, experiências compartilhadas de grupo e desenhos de mandalas, realizada num ambiente apoiador, seguro e sagrado. Grof é fundador e professor do Instituto de Estudos Integrais da Califórnia, em São Francisco, EUA, que desenvolve programas de filosofia, cosmologia e consciência, e seminários de

treinamento para profissionais em respiração holotrópica e psicologia transpessoal.

A cartografia da mente humana desenvolvida por Grof a partir de suas experiências psicoterápicas com milhares de pacientes, descreve a existência de três níveis básicos e interativos de funcionamento da mente humana, denominados por ele de **biográfico, perinatal e transpessoal**.

1) **Nível Biográfico** – constituído por experiências emocionais marcantes, conscientes e inconscientes da infância, adolescência e vida adulta. É o modelo de mente humana tradicionalmente apresentado e estudado nos meios acadêmicos e psicanalíticos. Limita-se exclusivamente ao domínio consciente e ao inconsciente individual que, segundo Freud, é constituído em sua maior parte de material biográfico pós-natal que foi esquecido ou recalado.

2) **Nível Perinatal** – constituído pelas experiências emocionais traumáticas ocorridas em torno do período de nascimento e pioneiramente descritas de forma embrionária pelo psicanalista Otto Rank, em 1927, publicada em seu livro de 1929, *O Trauma do Nascimento*.

Segundo Grof, o nível perinatal pode ser dividido em 4 subníveis (ou constelações dinâmicas do inconsciente profundo) denominados **Matrizes Perinatais Básicas (MPB's)**. Em cada um destes estágios, Grof descreve que

a criança experimenta um típico e específico grupo de emoções intensas e sensações físicas. Estas experiências deixam profundas impregnações inconscientes na psique que mais tarde tem uma importante influência sobre a vida do indivíduo... O espectro de experiências perinatais não se limita aos elementos que podem ser derivados dos processos biológicos e fisiológicos pertinentes ao nascimento. O domínio perinatal da psique também representa um importante portal para o inconsciente coletivo, no sentido junguiano (Psicologia do Futuro, p. 46 e 47).

Isto demonstra a natureza holotrópica da consciência humana, com sua capacidade de revelar sua conexão com o todo, com a consciência cósmica ou mente universal.

A Primeira Matriz Perinatal Básica (MPB I) reflete as experiências intra-uterinas

anteriores ao início do trabalho de parto, onde podemos perceber o útero como um lugar bom ou mau. É o período de união primordial com a mãe, onde não nos diferenciamos dela e do universo.

Tipicamente temos experiências de regiões vastas sem fronteiras ou limites. Podemos nos identificar com galáxias, com o espaço interestelar ou com todo o cosmo... quando revivemos... memórias do “útero mau”, temos uma sensação de ameaça obscura ou ominiosa e frequentemente sentimos que estamos sendo envenenados. É possível que vejamos imagens retratando águas poluídas e depósitos de lixo tóxicos”. (Grof, in Psicologia do Futuro, p. 51).

A Segunda Matriz Perinatal Básica (MPB II) reflete o início do parto biológico, com suas experiências de engolfamento cósmico, onde surgem sensações opressivas de crescente ansiedade e certeza de iminente perigo vital.

É bastante característico a experiência de uma espiral tridimensional, um funil ou um sorvedouro sugando o sujeito, incansavelmente na direção de seu centro. Um equivalente desse redemoinho é a experiência de ser engolido por monstros terríveis como dragões gigantes, leviatãs, serpentes píticas, crocodilos ou baleias. São também frequentes as experiências de ataques por polvos gigantes ou por tarântulas. Uma versão menos dramática dessa mesma experiência, é o tema da descida a um perigoso mundo subterrâneo, a uma cadeia de grutas ou a um labirinto enganador (Grof, in Além do Cérebro, p. 83).

Podemos perceber nas experiências acima, não somente uma vivência do momento do nascimento, mas também uma série de imagens arquetípicas, que não tem relação direta com a biologia do processo de parto, mas que, porém, possuem uma ligação profunda com símbolos universais do inconsciente coletivo, descrito por Jung e que se relacionam com o nível transpessoal.

A Terceira Matriz Perinatal Básica (MPB III) reflete a propulsão do feto através do canal do parto, com experiências de luta de morte/renascimento. Os temas simbólicos característicos desta fase são as “*forças violentas da natureza (vulcões, tempestades elétricas, terremotos, altas ondas de*

arrebentação, furacões), cenas violentas de guerras ou revoluções e tecnologia de alta potência (reações termonucleares, bombas atômicas e foguetes), experiências sadomasoquistas, intenso estímulo sexual e envoltórios escatológicos”. Os temas arquetípicos relacionados são imagens do julgamento final, os feitos extraordinários dos super-heróis e batalhas mitológicas de proporções cósmicas, envolvendo demônios e anjos ou deuses e titãs, descritas nas tradições mitológicas da humanidade.

A Quarta Matriz Perinatal Básica (MPB IV) reflete o final do parto biológico com a propulsão através do canal do parto chegando ao seu ponto culminante.

É o final da experiência de morte/renascimento. Surge um súbito alívio e relaxamento, tendo como imagens arquetípicas associadas, a morte do ego, total aniquilação seguida por visões de branco ofuscante ou luz dourada de radiância e beleza sobrenaturais. Os temas arquetípicos relacionados são imagens de entidades arquetípicas divinas, ocorrendo uma profunda sensação de libertação espiritual, redenção e salvação e a pessoa se sente livre de ansiedade, depressão e culpa, purificada e aliviada (Grof, in Além do Cérebro).

3) Nível Transpessoal – neste nível experiencial, que se segue ao nível perinatal, o denominador comum das vivências relatadas é a sensação de expansão da consciência além das limitações comuns do ego, transcendendo os limites de tempo e espaço. O espectro das experiências transpessoais é vastíssimo, e classificado por Grof em três grandes domínios que transcrevemos a seguir (cf. seus livros *A Psicologia do Futuro* e *A Aventura da Auto-Descoberta*):

A) Extensão experiencial da consciência dentro do espaço-tempo e da realidade consensual

Transcendência de Limites Espaciais

Experiência de unidade dual
Identificação com outras pessoas
Identificação grupal e consciência grupal
Identificação com animais
Identificação com plantas e processos botânicos
Unidade com a vida e toda a criação

Experiência de materiais e processos inorgânicos
 Consciência planetária
 Experiência com seres e mundos extraterrestres
 Identificação com todo o universo físico
 Fenômenos psíquicos envolvendo transcendência do espaço

Transcendência de Limites Temporais

Experiências embrionárias e fetais
 Experiências ancestrais
 Experiências raciais e coletivas
 Experiências de encarnações passadas
 Experiências filogenéticas
 Experiências de evolução planetária
 Experiências cosmogenéticas
 Fenômenos psíquicos envolvendo transcendência do tempo

Exploração Experiencial do Micromundo

Consciência de órgão e tecido
 Consciência celular
 Experiência do DNA
 Experiência do mundo dos átomos e das partículas subatômicas

B) Extensão experiencial além do espaço-tempo e da realidade consensual

Experiências espíritas e mediúnicas
 Fenômenos energéticos do corpo sutil
 Experiências de espíritos animais (animais do poder)
 Encontros com guias espirituais e seres supra-humanos
 Visitas à universos paralelos e encontros com seus habitantes
 Experiências de sequências mitológicas e de contos de fadas
 Experiências de divindades específicas extasiantes e iradas
 Experiências de arquétipos universais
 Compreensão intuitiva de símbolos universais
 Inspiração criativa e o impulso Prometeico
 Experiências do demiurgo e insights sobre a Criação Cósmica
 Experiência de Consciência Cósmica
 Vazio supracósmico e metacósmico

C) Experiências Transpessoais de natureza paranormal

Sincronicidades (interação entre experiências intrapsíquicas e a realidade consensual)
 Ocorrências paranormais espontâneas
 Atos físicos supernormais
 Fenômeno espíritas e mediunidade física
 Psicocinese espontânea recorrente (*poltergeist*)
 UFOs e experiências alienígenas de abdução

Psicocinese intencional

Magia cerimonial
 Cura e feitiçaria
 Siddhis da Yoga
 Psicocinese laboratorial

Modelo espectral da consciência de Ken Wilber

Ken Wilber produziu um trabalho extraordinário de síntese altamente criativa de dados provenientes de uma vasta variedade de áreas e disciplinas que vão desde a psicologia, antropologia, sociologia, mitologia, e religião comparada, através da linguística, filosofia, e história até a cosmologia, física quântico-relativística, biologia, teoria da evolução e teoria dos sistemas. Seu conhecimento da literatura é realmente enciclopédico, sua mente analítica, sistemática e incisiva, e a clareza de sua lógica é notável. O rigor intelectual, a natureza inclusiva e a impressionante abrangência do trabalho de Ken ajudou a torná-lo uma amplamente aclamada e altamente influente teoria da psicologia transpessoal.

Stanislav Grof, in *Ken Wilber in Dialogue*, p. 87

Ninguém – nem mesmo Jung – fez tanto como Wilber para abrir a psicologia ocidental para os duradouros insights da sabedoria das tradições do mundo. Lentamente, mas com firmeza, livro a livro, Ken Wilber está construindo os fundamentos de uma genuína psicologia ocidente/oriente.

Huston Smith, antropólogo norte-americano.

Nascido em 1949, em Lincoln, Nebraska, Estados Unidos, Ken Wilber é um dos mais proeminentes teóricos contemporâneos da psicologia transpessoal. Ken é autor de cerca de 15 livros e inúmeros artigos. Seu prolífico trabalho se distingue pela visão multidisciplinar, transcultural, sistemática, integrativa,

visionária e acadêmica. Seu primeiro livro, *O Espectro da Consciência*, publicado aos 23 anos de idade e escrito de forma vertiginosa em poucos meses, é, segundo o psicólogo transpessoal James Fadiman, maior autoridade mundial em teorias da personalidade, o livro mais sensível e abrangente sobre a consciência desde os livros de William James, considerado o maior psicólogo norte-americano de todos os tempos.

A cartografia da consciência de Ken Wilber contém, tal como a de Grof, três níveis básicos e interativos da consciência, constituídos por diversos subníveis ou “faixas”, que em seu conjunto ele denomina o espectro da consciência, e que se inicia na fragmentação da Consciência Absoluta, a Consciência Cósmica das tradições espirituais:

1) Nível da Mente – trata-se da consciência universal, origem do espaço, tempo, matéria, energia, vida e consciência. Nas tradições espirituais é conhecida como Deus, Yahvé, Tao, Brahman, consciência cósmica, Allah, entre outros nomes. É a base intemporal, holográfica e não-local de todos os fenômenos temporais, inclusive nossas mentes individuais. Por ser a origem de todas as coisas, este é o fundamento e o primeiro nível da consciência pessoal. Neste nível, pessoas que atingiram o despertar, se identificam com o todo e entram em comunhão com a energia básica do universo.

2) Nível existencial – Trata-se de um movimento da mente cósmica rumo à diversificação, onde ela assume uma multiplicidade ilusória de formas, entre as quais a nossa consciência individual. Neste nível, a consciência cósmica dá lugar a divisões e dualidades que não são reais, mas apenas aparentes. Desta forma nos percebemos como uma consciência individual, separada da fonte, tal como uma onda que se sobressai no mar. Por meio desta diversificação, que percebemos como fragmentação, nos identificamos com nosso organismo, criando uma identidade pessoal, gerando o nível existencial, e nele um homem desidentificado com o cosmos.

Pierre Weil denomina este fenômeno de fantasia da separatividade ou neurose do paraíso perdido.

3) Nível do Ego – A fragmentação continua, a ponto das pessoas sequer se identificarem com todo seu organismo. Deixamos o corpo de lado e passamos a nos identificar somente com nossa mente. Criamos uma oposição mente/ corpo. Não dizemos “eu sou um corpo”, mas “eu tenho um corpo”. E a esse “Eu” que “tem” um corpo, chamamos de ego. É o nascimento da oposição psique versus soma.

Wilber de forma brilhante, resume sua teoria da evolução do espectro da consciência da seguinte forma, à p. 153 de *O Espectro da Consciência*:

De maneira simplista podemos encarar tudo isso assim: A energia mobilizada no Nível da Mente é pura, sem forma (isto é, vazia), atemporal, infinita, mas, quando se ‘eleva’ através dos níveis do espectro, começa a desintegrar-se, assumindo imagens e formas dualísticas. Consequentemente, cada nível se caracteriza pela natureza da desintegração dualística que nele ocorre. Assim sendo, no Nível Existencial, a energia desintegrou-se e fragmentou-se em energia do “eu” versus energia ambiental; na Faixa biossocial, a energia do eu começa a tomar forma, recolhendo os adornos e coloridos daquele nível; ao passo que no Nível do Ego ela se desintegrou ainda mais em energia corpórea versus energia psíquica. O Nível da Sombra representa simplesmente uma continuação da desintegração, onde a própria energia psíquica se cinde e fragmenta”

Psicologia e Psicoterapia Transpessoal: Novo Paradigma Integrador

Embora a maior parte destes processos represente novos princípios no arsenal terapêutico ocidental, na realidade eles são antigos; desde tempos imemoriais, eles tem tido um papel importante nas práticas xamânicas, em rituais de cura e em ritos de passagem. Eles estão sendo agora, redescobertos e reformulados em termos científicos modernos.

Stanislav Grof, *A Aventura da Autodescoberta*, p. 20

Um das grandes contribuições da psicologia transpessoal foi fornecer um arcabouço conceitual e experimental que permite resolver os conflitos e diferenças existentes entre as diversas escolas de psicologia e psicoterapia, unificando-as num modelo coerente e complementar, integran-

do-as também às grandes tradições espirituais da humanidade.

Desta ampla integração é possível desenvolver um novo paradigma, uma nova perspectiva do homem e da natureza e de suas interações, de caráter eminentemente não materialista que implica numa revisão drástica de todas as nossas concepções filosóficas e médico-psicológicas. Para tal é necessário o desenvolvimento de um novo modelo da interação cérebro/consciência/universo tal como o modelo holoinformacional quântico-holográfico da consciência. Devido à importância do tema em questão, pedimos licença ao leitor para citar integralmente as afirmações já clássicas de Grof e Wilber sobre o assunto.

Segundo Grof (in Capra, *Sabedoria Incomum*, p. 81):

Grande parte da confusão existente na psicoterapia contemporânea provém do fato de cada pesquisador ter concentrado a atenção basicamente num determinado nível do inconsciente e depois ter tentado generalizar as próprias descobertas para a mente humana em sua totalidade. Todos os sistemas envolvidos talvez representem descrições mais ou menos precisas do aspecto ou do nível do inconsciente que estão tentando descrever. O que precisamos agora é de uma psicologia bootstrap (autoconsistente) que integre os diversos sistemas numa coleção de mapas capazes de cobrir toda a gama da consciência humana.

Ken Wilber em sua perspectiva reuniu as abordagens psicológicas e espirituais existentes, correlacionando-as num quadro de referência coerente que de acordo com Grof converge em muitos pontos com sua cartografia do inconsciente.

De acordo com Wilber, (O Espectro da Consciência, p. 11 e 18) já citado anteriormente:

A consciência é pluridimensional ou aparentemente composta por muitos níveis. Cada escola importante de psicologia, psicoterapia e religião se dirige a um nível diferente. Estas diversas escolas portanto, não são contraditórias, mas complementares, sendo cada abordagem mais ou menos correta e válida quando se dirige ao próprio nível. Desta maneira, pode efetuar-se uma verdadeira síntese das principais abordagens da consciência – uma síntese, não um ecletismo, que valoriza igualmente os modos de ver de

Freud, Jung, Maslow, May, Berne, e outros eminentes psicólogos, assim como o dos grandes sábios espirituais, de Buda a Krishnamurti [...] Em outras palavras, começará a emergir do nosso estudo do Espectro da Consciência não só uma síntese de enfoques orientais e ocidentais da psicologia e da psicoterapia, mas também uma síntese e integração dos vários enfoques ocidentais principais da psicologia e da psicoterapia... Digamos apenas que as várias diferentes escolas de psicologia ocidental, como a freudiana, a existencial e a junguiana estão se dirigindo também, no todo, a vários níveis diferentes do Espectro da Consciência, de modo que podem ser igualmente integradas numa abrangente psicologia do espectro. Afirmando com efeito, que a principal razão da existência no ocidente de quatro ou cinco escolas principais, porém diferentes, de psicologia e psicoterapia, é que cada uma delas focalizou sua atenção numa faixa ou nível principal do Espectro. Não são, digamos assim, quatro escolas diferentes que formam quatro teorias diferentes a respeito de um nível da consciência, mas quatro escolas diferentes cada uma das quais se dirigindo predominantemente a um nível diferente do Espectro (por exemplo, os níveis da Sombra, do Ego, o Biossocial e o Existencial). Essas escolas distintas, por conseguinte, mantêm uma relação complementar entre si, e não, como geralmente se supõe, uma relação antagônica ou contraditória."

Bibliografia

- Amoroso, R. (ed.), Grof, S., Pribram, K., Sheldrake, R., Di Biase, F., Goswami, A., Wolf, F.A. (2000). *Science and the Primacy of Consciousness - Intimation of a 21st Century Revolution*. Noetic Press, USA.
- Benson, H. (1975). *The Relaxation Response*. New York, William Morrow & Company.
- Bohm, D. (1980). *Wholeness and The Implicate Order*. London, Routledge & Kegan Paul Ltd.
- Bohm, D. (1987). *Unfolding Meaning*. London, Ark Paperbacks. Routledge & Kegan Paul Ltd.
- Bolen, J.S. (1979). *The Tao of Psychology, synchronicity and the self*. San Francisco, Harper & Row.

- Capra F. (1975). *The Tao of Physics*. Berkeley, Shambala.
- Capra, F. (1987). *O Ponto de Mutação*. Cultrix, São Paulo.
- Capra, F. (1988). *Sabedoria Incomum*. Cultrix, São Paulo.
- Carkhuff, R. R. (1980). Pierce, R. M., Cannon, J. R., *The Art of Helping IV*. HRD Press, Amherst.
- Crema, R. (1989). *Introdução à Visão Holística*. Summus SP.
- Crema, R. (1995). *Saúde e Plenitude*. São Paulo, Summus, SP.
- Di Biase, F. (1981). *Auto-organização nos sistemas biológicos*. Ciência e Cultura, 33 (9): 1155-1159, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. São Paulo.
- Di Biase, F. (1995). *O Homem Holístico*. Ed. Vozes, Petrópolis.
- Di Biase, F., Rocha, M.S.F. (1997). *Caminhos da Cura*. Ed. Vozes, Petrópolis, RJ.
- Di Biase, F., Amoroso, R. (organizadores). (2004). *A Revolução da Consciência*. Editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro.
- Grof, S. (1985). *Beyond The Brain*. Albany, N.Y., New York State University Press.
- Grof, S. (1997). *A Aventura da Autodescoberta*. Summus Editorial.
- Grof, S. (1998). *The Cosmic Game*. State University of New York Press. New York.
- Grof, S. (2000). *Psicologia do Futuro*. Heresis Transpessoal, Niterói.
- Heisenberg, W. (1971). *Physique et Philosophie*. Science D'Aujourd'hui, Albin Michel. Paris.
- Hiley, B.J., and Peat, F.D. (1987). *Quantum Implications*. London, Routledge and Kegan Paul.
- Jahn, R.G., Dunne, B.J. (1987). *Margins of Reality: the role of consciousness in the physical world*. Harvest Books, Orlando, Florida.
- Johnson, W. (1990). *Do Xamanismo à Ciência. Uma história da meditação*. Editora Cultrix, São Paulo.
- Josephson, B. (1980). *L'expérience de la conscience et sa place en physique*, in *Science et Conscience, les deux lectures de l'univers*. Stock et France - Culture.
- Jung, C. (1952). *On Synchronicity: an acausal connective principle*. Collected Works, Vol 8, New Jersey, Princeton University Press.
- Kluber-Ross, E. (1983). *On Children and Death*. New York, Macmillan.
- Laszlo, E. (1993). *The Creative Cosmos*. Floris Books, Edinburgh.
- Laszlo, E. (Ed.); Grof, S.; Russell, P. (1999). *The Consciousness Revolution*. Element Books Inc., Boston, M.A.
- Maslow, A. (1962). *Toward a Psychology of Being*. Princeton, Van Nostrand.
- Moody Jr., R.A. (1976). *Life After Life*. New York, Bantam Books.
- Moody Jr., R.A. (1988). *The Light Beyond*. New York, Bantam Books.
- Peat, D.F. (1988). *Synchronicity: the bridge between matter and mind*. Bantam Books, New York.
- Pribam, K. (1977). *Languages of the Brain*. Monterey, Calif., Wadsworth Publishing.
- Pribam, K., (1980). *Espiritcervau et conscience*. In *Science et Conscience, les deux lectures de l'univers*. Éditions Stock et France-Culture, Paris.
- Pribam, K. (1991). *Brain and Perception: Holonomy and Structure in Figural Processing*. Erlbaum, Hillsdale, NJ.
- Pribam, Karl H., (1993). *Rethinking Neural Networks: quantum fields and biological data*. Laurence Erlbaum Associates, Hillsdale, New Jersey.
- Prigogine, I. e Stengers, I. (1979). *La nouvelle alliance*. Editions Gallimard, France.
- Radin, Dean. (1997). *The Conscious Universe: the scientific truth of psychic phenomena*. Harper Collins Publishers, San Francisco.
- Ring, K. (1980). *Life at Death*. New York, Quill.
- Rocha, M.F. (1996). *Auto-ajuda Eficaz*. Rio de Janeiro, Vozes.
- Rothberg, D., Kelly, S. (ed.). (1998). *Ken Wilber in Dialogue, conversations with leading transpersonal thinkers*. Quest Books, Wheaton, Illinois.
- Sheldrake, R., McKenna, T., Abraham, R. (2001). *Chaos Creativity and Cosmic Consciousness*. Park Street Press, Rochester. Vermont.
- Tart, C.T. (1997). *Body Mind Spirit*. Hampton Roads Publishing Company, Charlottesville, VA.
- Talbot, M. (1991). *The Holographic Universe*. New York, HarperCollins Publisher inc.
- Targ, R., Kutra, J. (1998). *Miracles of Mind: exploring non-local consciousness and spiritual healing*. New World Library, Novato, CA.
- Wallace, R.K. and Benson, H. (1972). *The Physiology of Meditation*. Scientific American, February.

Watts, A.W. (1972). *Psicoterapia Oriental e Ocidental*. Record, Rio de Janeiro.

Weber, R. (1989). *Diálogos com Cientistas e Sábios: A Busca da Unidade*. São Paulo, Círculo do Livro.

Weil, P. (1982). *A Consciência Cósmica*. Vozes, Petrópolis, 3a. edição.

Weil, P., Sutich, A., Tart, C.A., Coleman, D., Le Shan, L. (1991). *Mística e Ciência. Pequeno tratado de Psicologia Transpessoal*, vol. 2. Vozes, Petrópolis.

Weil, P., D'Ambrósio, U., Crema, R. (1993). *Rumo à Nova Transdisciplinaridade. Sistemas abertos de conhecimento*. Summus Editorial, São Paulo.

Wilber, K. (1977). *The Spectrum of Consciousness*. Wheaton, The Theosophical Publishing House.

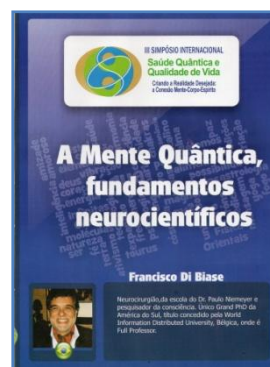
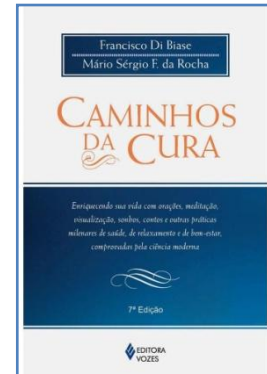
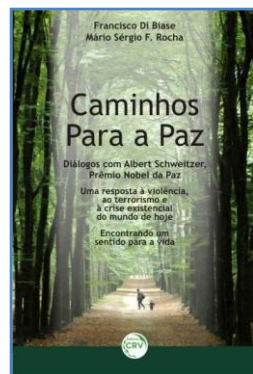
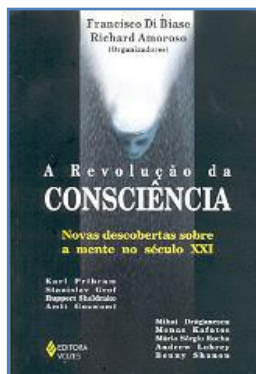
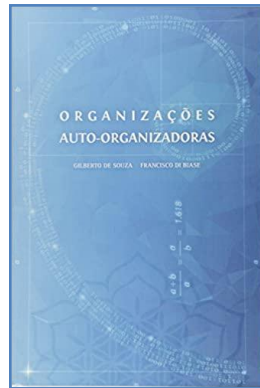
Wilber, K. (Ed.). (1984). *Quantum Questions. Mystical Writings of the World's Great Physicists*. Shambala. Boston & London.

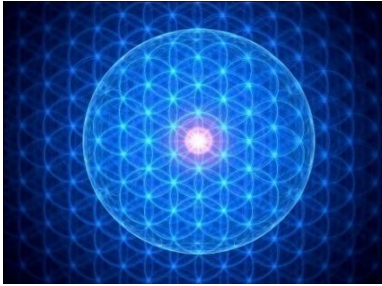
Wilber, K. (1984). *Le Paradigme Holographique*. Le Jour Editeur, France.

Wilber, K. (1996). *Eye to Eye, the quest for the new paradigm*. Shambhala Publications, Inc., Boston MA.

Wilber, K. (1997). *The Eye of Spirit, an integral vision for a world gone slightly mad*. Shambhala Publications, Boston MA.

Livros do autor:





Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 18 - Ano 10 - Nº 18 – 2º semestre/2021
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

6 – NO MEU FUNERAL



<http://mundoalem daspalavras.blogspot.com/2011/06/rumi-morte-e-o-amor.html>

Rumi*

No dia em que levarem meu corpo morto
 não penses que meu coração ficará neste mundo.
 Não chores por mim, nada de gritos e lamentações
 – lembra que a tristeza é mais uma cilada do demônio.

Ao ver o cortejo passar, não grites: “ele se foi!”
 Para mim, será esse o momento do reencontro.
 E quando me descerem ao túmulo, não digas adeus!
 A sepultura é o véu diante da reunião no paraíso.

Ante a visão do corpo que desce
 pensa em minha ascensão.
 Que há de errado com o declínio do sol e da lua?
 O que te parece declínio, é tão somente alvorada.

E ainda que o túmulo te pareça uma prisão,
 e é ele que liberta a alma:
 toda semente que penetra na terra germina.
 Assim também há de crescer a semente do homem.

O balde só se enche de água
 se desce ao fundo do poço.
 Por que deveria o José do espírito
 reclamar do poço em que foi atirado?

Fecha a tua boca deste lado
 e abre-a mais além.
 Tua canção triunfará
 no alento do não-lugar.

(Poema extraído do site: <http://dmpbrasil.com/blog/>)

* Rumi – (Jalaladim Maomé Rumi), poeta, jurista e teólogo sufi persa do século XIII, nasceu em 30 de setembro de 1207, em Balkh, Afeganistão e faleceu em 17 de dezembro de 1273, em Konya, Turquia.